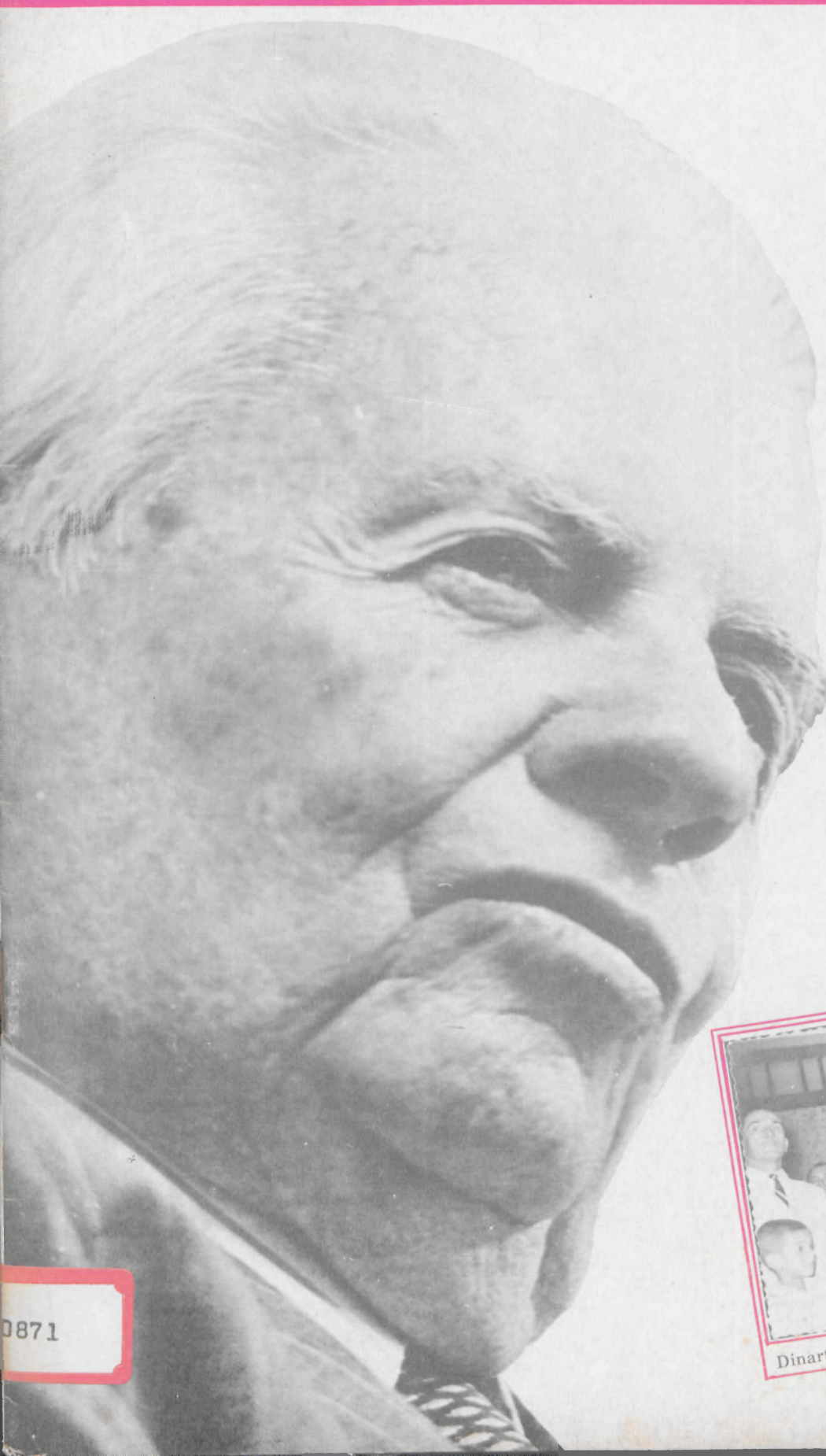


REVISTA MENSAL

RN / ECONÔMICO

ANO XIV — N.º 144 — AGOSTO — 1983 — CR\$ 800,00



Dinarte: 80 anos de idade, 54 anos de política



Dinarte saudando Manoel Varela, em Caicó, em 1949

0871

100 anos de liberdade

Há 100 anos, o grito libertário e pioneiro era dado em Mossoró fazendo todos iguais. Ele partiu de Mossoró. Hoje, ainda ecoa por todo o Oeste, fazendo vibrar de orgulho os que continuam livres e lutando por mais liberdade. Em setembro. RN/ECONOMICO fará lembrar, numa

edição especial, os aspectos principais dessa inesquecível página da história do Oeste e seus reflexos nos dias atuais. Participe dessa edição histórica com seu anúncio.

LANCAMENTO EM MOSSORÓ, DENTRO DA
PROGRAMAÇÃO FESTIVA DE 30 DE SETEMBRO

REVISTA MENSAL

RN/ECONOMICO

■ ■ Rua São Tomé, 421 — Tel.: 222-4722
CENTRO - NATAL-RN

ESPECIAL



A vida de um líder político do porte de Dinarte Mariz não pode ser abordada, em toda a sua dimensão, apenas numa edição especial de qualquer revista. Como figura histórica, só pode ser parcialmente abarcada em estudos mais longos e que, mesmo assim, ainda deixarão margem a muitas controvérsias, pois é próprio dos grandes homens suscitarem

opiniões e polêmicas ao longo da sua vida e dos seus atos. Mas RN/ECONÔMICO não podia deixar de tentar oferecer aos seus leitores e à opinião pública do Estado um documento sobre a bela trajetória do líder seridoense. E o faz com o melhor dos propósitos e empregando na tarefa os recursos de que dispõe, inclusive dando preferência, como fonte/base,

à matriz do próprio tema: o Senador Dinarte Mariz, que se dispôs a prestar um longo e sincero depoimento, que reproduzimos fielmente em quase a metade desta edição. Fizemos o possível para que o Senador contasse o máximo da sua vida — e também um pouco do que ele sabe da dos outros. E, justiça seja feita, ele fez o possível também para contar tudo o que sabe.

INDICE

Muitas questões abarrotam pauta da DRT.....	40
Loterias: o velho sonho de tornar-se novo rico.....	42
Cadernetas ganham novo impulso.....	46
Gasoduto: esperança e alternativa.....	50

riamps tem programa para recuperar viciados.....	51
aperi supera dificuldades no TAM.....	54
ARTIGOS	
Manoel Barbosa.....	7
Ney Lopes de Souza.....	45
Mário Moacyr Porto.....	53

Rosemilton Silva.....	58.
SEÇÕES	
Homens & Empresas.....	4
Cultura.....	48
HUMOR	
Cláudio.....	56
CAPA	
Foto de Flávio Américo	

RN/ECONÔMICO

REVISTA MENSAL • ANO XIV • N.º 144 • AGOSTO/83 • CR\$ 800,00

DIREÇÃO

DIRETOR/EDITOR: Marcelo Fernandes de Oliveira
 DIRETORES: Núbia Silva Fernandes de Oliveira, Maurício Fernandes de Oliveira e Fernando Fernandes de Oliveira

REDAÇÃO

DIRETOR DE REDAÇÃO: Manoel Barbosa

ARTE E PRODUÇÃO

CHEFE: Euryly Moraes da Nóbrega

PROGRAMAÇÃO VISUAL E DIAGRAMAÇÃO: Moacir de Oliveira

FOTOCOMPOSIÇÃO: Antônio José D. Barbalho

DEPARTAMENTO COMERCIAL

GERENTE COMERCIAL: Paulo de Souza

GERENTE DE ASSINATURAS: Antônio Emídio da Silva

RN/ECONÔMICO — Revista mensal especializada em

assuntos sócio/econômicos do Rio Grande do Norte, é de propriedade de RN/ECONÔMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA. — CGC n.º 08.286.320/0001-61 — Endereço: Rua São Tomé, 421 — Natal (RN) — Fone: 222-4722. É proibida a reprodução total ou parcial de matérias da revista, salvo quando seja citada a fonte. Preço do exemplar: Cr\$ 800,00. Preço da assinatura anual: Cr\$ 8.000,00. Preço da assinatura bial: Cr\$ 13.000,00. Preço do número atrasado: Cr\$ 1.500,00

HOMENS & EMPRESAS

A CHEGADA DO BALAIO — A cadeia de Supermercados Bompreço entrou, a partir deste mês, na faixa dos supermercados com preços baixos. Com o nome-fantasia de Balaio, o Grupo Paes Mendonça abriu em frente à Ceasa o primeiro do Grupo, onde funcionou o Supermercado Tropical. No próximo mês será inaugurado o do Conjunto Pirangi, ficando o do Alecrim e o de Igapó, antiga Cantina do Primo, para os próximos meses, tudo isto, antes do fim do ano.

1 ANO DE HIPER — O Hipercenter Bompreço está completando um ano de sua inauguração em Natal, em setembro, com isto prepara o mês inteiro de promoções para comemorar o seu aniversário. Quem ganha é o consumidor.

AINDA DE COCA-COLA — O Grupo cearense Vilejack, concessionário Coca-Cola para o RN, deverá atrasar um pouco mais a sua entrada no mercado com produto de fabricação própria. A compra da Coirg, para instalação da fábrica de engarrafamento não foi concretizada, e o Grupo já procura outra empresa para suas instalações. A Cavim, na estrada da Redinha e a Reis Magos, estão sendo estudadas. Mesmo assim, o produto terá o seu relançamento no Estado no próximo mês, com o fornecimento sendo suprido pela unidade de João Pessoa.



O Nordeste: pronto para concorrência



Ribeira: volta aos velhos tempos

A Coca-Cola inicia um novo trabalho de afirmação do produto, que ficou com a imagem prejudicada quando da briga do antigo concessionário com a Matriz no Brasil.

MAIS UMA DO NORDESTÃO — Os Supermercados Nordeste se preparam para enfrentar a concorrência com agressividade e nova tática de vendas. Inaugurará no mês de setembro mais uma loja do Hiperbox, em pleno coração do Alecrim, na rua da feira. A nova loja fica na Rua Presidente Quaresma, Av. 1, esquina com a Coronel Estevam, Av. 9.

CAMPANHA PELA RIBEIRA — A Associação Comercial, que tem à frente de sua Diretoria, Airton Costa, iniciou uma campanha de revitalização do bairro da Ribeira, para mostrar que a Ribeira tem passado, presente e futuro. Segundo Airton Costa, a campanha já conta com o apoio dos comerciantes do bairro, Governo Estadual e Prefeitura de Natal. A Associação reivindica uma melhor conservação, padronização das calçadas com a elevação ao nível das ruas, conclusão da drenagem e asfaltamento das ruas para melhor escoamento do tráfego. Com isso, o comércio voltaria a ter uma maior frequência, como antigamente, pois na Ribeira se encontram lojas de todos os ramos do comércio.

HOMENS & EMPRESAS

CONSULTORIA COMPUTADORIZADA — Omir Honório, ex-funcionário do BNB, contador e economista, coloca à disposição dos empresários do Estado um Escritório de Consultoria e Assessoria Computadorizada. Instalou no Escritório do Ed. Barão do Rio Branco um micro-computador para prestar serviços na área de Contabilidade Geral, Controles Financeiros e Cálculos.

ENCONTRO DE SUPERINTENDENTES — Hélio Santiago participará em Brasília, nos dias 29 de agosto a 2 de setembro, do Segundo Encontro Nacional de Superintendentes do INPS. O Encontro visa analisar o desempenho das Superintendências e tratar do plano de ação para o ano de 1984. O evento será realizado no Hotel Nacional, com a palestra inicial proferida pelo Ministro Hélio Beltrão, e o encerramento pelo Secretário Geral do Ministério da Previdência Social.

HERBUS E REEMBOLSO — A Indústria de Confecções Herbus, ao contrário do que se anunciou pela imprensa, não está perto de fechar, mas abrindo novos mercados para os seus produtos que têm uma boa aceitação. A Herbus criou o seu sistema de reembolso postal, o HERU'S Reembolso, aumentando assim as vendas e enfrentando a crise com soluções práticas e com retorno garanti-



tido. Para tanto, imprimiu um catálogo em policromia para vendas das peças. A Herbus já pensa em lançar o seu segundo catálogo.

IMUNIZADORA AMPLIA ATIVIDADES — Ainda em um ano de atividades em Natal, a Imunizadora Potiguar vem ampliando seus negócios junto às empresas. Com um moderno equipamento a vácuo, realiza, sobretudo, serviços de dedetização, lixamento de tacos, aplicação de sinteco e prestação de serviços em geral. A direção da empresa é de Edson Bezerra de Oliveira.

VOLVO PENETRA EM NATAL — A Volvo do Brasil, que tem sua matriz brasileira em Curitiba, vem realizando excelentes negócios em Natal, com a aprovação



dos seus ônibus tipo Padron, cujas primeiras unidades foram adquiridas pela Aparecida. A Volvo está disputando o mercado de veículos pesados que, por algum tempo, foi praticamente dominado pela Mercedes-Benz.

MOVIMENTO GANHA DIMENSÃO — O movimento dos empresários do comércio de Natal no sentido de sensibilizar o Governo Federal para que libere os depósitos compulsórios nos bancos oficiais tende a crescer. Todas as entida-

des empresariais estão unidas em torno desse propósito, de vez que existe grande necessidade de capital de giro entre as empresas do comércio lojista de Natal. Os recursos postos à disposição pelo Banco do Brasil têm sido insuficientes.

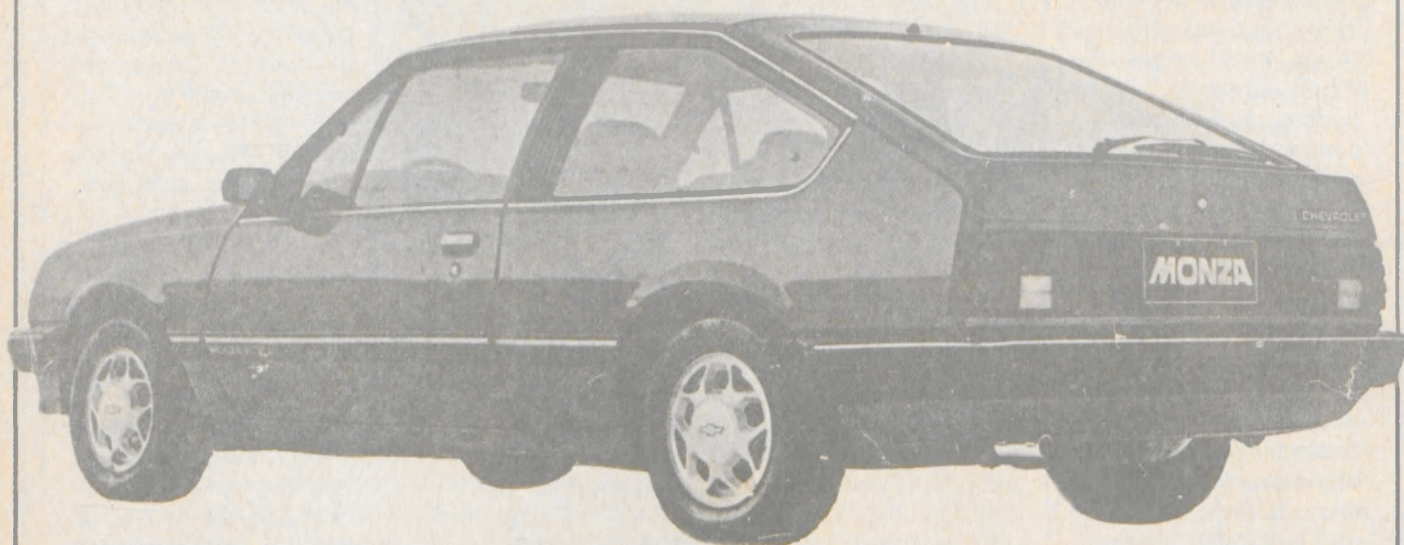
DEFESA DO PATRIMÔNIO — Estará funcionando na segunda quinzena em Natal o Serviço de Defesa do Patrimônio, da Adolpho Oliveira & Associados. Esse serviço visa, basicamente, orientar o investidor, para que ele aplique seu dinheiro da forma mais racional possível. O escritório em Natal é no Edifício Cidade do Natal. 1.º andar, sala 113.

NOVA REDAÇÃO DO RN/ECONÔMICO amplia suas instalações da rua São Tomé, inaugurando um anexo para funcionar exclusivamente como redação e escritório da revista, ficando a gráfica no mesmo prédio.

COOPERATIVAS DE ARTISTAS DE NATAL — Os artistas de Natal passaram a agir também como empresários: organizaram-se numa cooperativa com a finalidade de prestar serviços artísticos de quaisquer qualidades. O espírito da Cooperativa é unir a classe dos artistas num sentido empresarial, para que sua mão-de-obra não fique aviltada.

Antes de decidir comprar conte com duauto

Peças e equipamentos para o seu carro você encontra em
DUAUTO EQUIPADORA — PEÇAS E ACCESSÓRIOS
Pneus Good Year para todos os tipos de veículos procure em
DUAUTO PNEUS



Comprar carro hoje — novo ou usado — é uma decisão que precisa ser bem pensada, para se evitar um mau negócio, é claro.

Primeiro vem a escolha da marca. O tipo que mais lhe convier. Depois, o preço, forma de pagamento e, naturalmente, encontrar quem lhe ofereça melhores vantagens.

Duauto Veículos Ltda lhe oferece tudo isto. Veículos novos ou usados, basta escolher a marca. Depois venha buscar o seu carro.

Duauto tem planos para fazer com você um bom negócio.

duauto veículos ltda.

O salão nobre do automóvel.

Presidente Bandeira, 1240 Lagoa Seca.

Lição de História

MANOEL BARBOSA

O depoimento que o Senador Dinarte Mariz presta nesta edição, a *RN/ECONÔMICO*, é uma lição de política. Cada qual que tire sua conclusão sobre o nível dessa lição. Mas seja ela qual for, incluirá o termo "importante". Pode-se discordar do líder seridoense em vários pontos, pode-se achar que alguns dos seus pontos de vista são esdrúxulos e é possível que se note até no decorrer do seu depoimento algumas contradições. O que importante, porém, é a substância. Líder populista, segundo pude deduzir — pois até então não tinha mantido qualquer contato com ele — suas palavras e colocações são vigorosas e fogem aos maneirismos dos que apenas pretendem cultivar simpatias. É um homem que se sente à vontade na vida. Viveu, todo mundo sabe, tempos difíceis e de radicalismo. Mas o seu falar é pacífico, se bem que não seja propriamente manso, porque se sente em cada palavra determinação e convicção.

A lição maior que se extrai das palavras de Dinarte Mariz é a segurança. Homem de paixões e de fidelidades, ele tem uma propriedade toda especial de expor situações. Seu testemunho é claro, porque não procura justificar-se o tergiversar, nem relata suas atitudes com meias palavras. Aliás, em entrevista recente ele já havia afirmado que é "homem de corpo inteiro". Isto é: quando se entrega a uma causa o faz por inteiro, não ficando em cima do muro. Isso não quer dizer que não possa, em outras oportunidades, mudar de opinião e apreciar a situação por outro ângulo. Ele faz isso, por exemplo, em relação à Revolução de 64. Talvez seja uma das pessoas mais autorizadas a falar sobre o Movimento Revolucionário por ter sido um conspirador de primeira hora. Hoje, quando há tantas posições dúbias em função do momento que se vive, o Senador relata a sua participação com todos os detalhes, assim como suas participações revolucionárias em outros períodos da História. Essa postura lhe confere autoridade para criticar o que chama de "descaminhos" da Revolução.

No meu entendimento, está aí o grande significado do depoimento de Dinarte e o aspecto que mais me causou admiração, senão até, confesso, surpresa. Ao contrário de muitos políticos experientes e que se supõem inteligentes, Dinarte Mariz não se preocupa com detalhes e com cuidados minuciosos para um depoimento do porte que prestou a esta revista. Ele mesmo se dispôs a comparecer à redação, acompanhado só do

seu motorista e de nenhum assessor ou quaisquer anotações. Não procurou saber quem ia entrevistá-lo, quais os tipos de pergunta e pouco estava se importando em falar com o gravador ligado, fosse o que fosse. Foi uma atitude desarmante para mim. Quando acabava uma fita, apenas era-lhe pedido que parasse um pouco; ele parava e, ao ser colocada outra fita, ele começava com a mesma palavra, no mesmo ponto, com absoluta segurança.

Concluí que o Senador Dinarte Mariz tem muito a dizer, quer dizer, não tem nada a esconder — e diz. E à sua maneira, de modo autêntico, sem poses, sem grosserias mas sem desejo de mostrar-se agradável. A lição das suas palavras é preciosa até mesmo quando não concordamos com ela. A sua colocação é tão direta que nos permite raciocinar, tirar conclusões, traçar paralelos, fazer comparações. Ele não nos deixa confuso, porque transmite uma sensação de clareza, pon-do-se de modo corajoso e franco ao julgamento da História e, por sua vez, também julgando, emitindo juízos, exercendo, também nessa ocasião, o ofício de ser destemido, marca, me parece, da sua vida.

É mais ilustrativo, mais educativo, politicamente, o depoimento de Dinarte Mariz, do que mesmo certos cursos de História ou aulas de especialistas em livros e não em fatos. Num momento confuso como o atual, é bastante oportuno conhecer o depoimento do Senador. Há uma diferença muito grande com o vazio das declarações de muitos políticos nacionais. E o momento é adequado para lições claras de política.

Muitos aspectos do depoimento certamente vão causar controvérsias. Em política, de resto, não se pode querer unanimidade e o próprio Dinarte deixa claro isso ao abordar a situação do PDS potiguar em relação aos candidatos a candidatos à sucessão presidencial. O que parece estéril, em todo caso, é a discussão pelo gosto da discussão — ou, o que é pior, a discussão por interesses puramente pessoais.

O confronto de opiniões é sadio. É desse confronto e dessa justaposição de opostos que nascem as grandes sínteses — ou, pelo menos, tem sido assim no decorrer da História. As vezes — tem mostrado a História — é mais salutar uma desavença leal do que alianças fugazes e acertadas com base em propósitos de curto alcance.

Tudo isso é elementar teoricamente. Mas, na prática, é muito difícil de executar.

DEPOIMENTO

DINARTE, AOS 80

**54 anos
de política
e respeito
pela
vida pública**

Seguro, descontraído, tranquilo, sem mágoas, Dinarte Mariz repassa os seus 54 anos de vida política em depoimento de umas quatro horas a RN/ECONÔMICO. Não se recusou a responder a qualquer pergunta, não hesitou diante de nenhuma delas, não se impacientou. Foi como um desfiar de uma parcela da própria História do Rio Grande do Norte; um raro relato, ao vivo, de uma figura histórica que ainda trabalha no presente e cujas realizações muito se refletirão no futuro. Muitos aspectos importantes de momentos dramáticos da História do País são revelados por Dinarte, episódios vividos por ele, acontecimentos que ele interpretou — e até provocou. Inquieto, inconformista, criativo, dinâmico e ágil no pensar e no agir, o líder seridoense deixa um testemunho-lição, sobretudo, do real significado da vida pública. O depoimento foi prestado a Marcelo Fernandes e Manoel Barbosa.

RN/ECONÔMICO — Em função de um evento tão significativo para a vida política do Rio Grande do Norte, é importante destacar um aspecto: as outras grandes figuras históricas do Estado não chegaram a viver numa época estruturalmente tão agitada, tão delicada, tão prenunciadora de grandes transformações como agora. Outras figuras históricas viveram numa época em que havia tempo para fazer tudo e ainda sobrava. Hoje nós vivemos numa época trepidante, agitada, uma época que quase não dá tempo da gente pensar para resolver as coisas. A gente tem de resolver em cima da inteligência. O Senador Dinarte Mariz tem o privilégio de viver as duas épocas. O nosso desejo aqui é ouvir um depoimento do Senador que abranja tanto quanto possível todos esses aspectos. E, como depoimento a pretensão de fazer história, o Senador está inteiramente à vontade para responder o que quiser, embora possa haver aqui muitas perguntas, digamos assim, delicadas. Está bom assim, Senador?

DINARTE — Concordo plenamente. E tudo que desejarem que eu participe com minha opinião de assuntos que tenha tomado parte ou que dele tenha tomado conhecimento, eu não tenho nenhuma reserva mental a responder qualquer assunto que se refira à minha vida pública.

RN/ECONÔMICO — A primeira pergunta é a mais simples do mundo: Senador, o Senhor nasceu mesmo aonde: nasceu em Serra Negra ou em Caicó?

DINARTE — Nasci na Fazenda Solidão, município de Serra Negra do Norte.

RN/ECONÔMICO — Como é que o Senhor interpreta realmente a Revolução de 1964?

DINARTE — Bom. Eu sou um dos participantes da Revolução de 64. Eu fui da conspiração, eu fui dos que ajudaram financeiramente a campanha. Eu e principalmente meu saudoso colega Rui Palmeira éramos encarregados de reunir recursos para entregar ao General Cordeiro de Farias e este, naturalmente, entregar aos militares. De maneira que, como participante da Revolução, tenho autoridade não só para defendê-la como para criticá-la. A Revolução nasceu de duas idéias conjugadas quando se achava que o Brasil estava correndo duas ameaças em sua própria estrutura legal. Então nós achávamos que o Brasil estava ameaçado pelo comunismo e pela corrupção. Este foi realmente o

tema da campanha que nós encontramos para aliciar, para convencer aqueles companheiros, patriotas, que queriam ver o Brasil sair daquela situação.

RN/ECONÔMICO — Mudar?

DINARTE — Sim. Então, nós fomos para a Revolução mais ou menos dentro desses temas, dentro dessas aspirações. A Revolução foi feita mais pelos militares. Nós criamos o ambiente; os militares a fizeram, porque, vamos e venhamos, a Revolução na realidade foi um golpe militar. A manifestação militar não teve contestação porque os próprios militares que situaram contra inicialmente acabaram por aderir aos temas revolucionários e dentro de 24 horas, o País estava sob o poder revolucionário. A Revolução caminhou dentro de um sistema militarista. Talvez, os que a



idealizaram não pensassem nisso. Ela nasceu principalmente da cabeça de políticos que ambicionavam o poder. Principalmente dois deles: Carlos Lacerda e Magalhães Pinto. Cada um deles aspirava a Presidência da República e via na mudança dos tempos um trampolim para chegar até lá. Embora eles tenham corrido os riscos em seus Estados, ninguém pode negar que tenham sido patriotas todos dois. Ela então (a Revolução) foi se desviando. Eu tenho um fato interessante, talvez inédito na imprensa, ou mesmo em outros depoimentos. A Revolução começou em Minas, estendeu-se pelo Brasil e ninguém pode negar a atuação de Costa e Silva, mais do que a do Castelo...

RN/ECONÔMICO — Mas na área militar?

DINARTE — Na área militar.

RN/ECONÔMICO — Mais do que a do Castelo!?

DINARTE — O Castelo foi o homem que teve a iniciativa de mandar um documento secreto quase que assumindo o compromisso revolucionário. Mas na hora da Revolução, foi Costa e Silva que teve o comando. Tanto que não foi ditador porque não quis. E quando Magalhães chegou, o Carlos Lacerda logo se antecipou e tinha ido ao Costa e Silva propor um ajustamento com o poder civil. Então o Costa e Silva foi certo, dizendo que a Revolução não tinha sido feita para ninguém usufruir prestígio pessoal da sua caminhada. Então tiveram um diálogo até meio áspero. O Carlos volta para seu gabinete quando chega o Magalhães, que se reuniu com ele e disse que tinha sido o chefe da Revolução no Poder Civil e queria poder se contava com o apoio dele para sua candidatura. Aí o Carlos, que era um homem que tinha colocações muito manhosas, até mineiras — e mesmo falando com um mineiro, foi mais mineiro do que ele — perguntou se Magalhães já tinha ido aos quartéis. Magalhães disse que não. A resposta de Lacerda foi: “Então você vai e depois volta para falar comigo”. Aí, ele estava lembrado que já havia levado o fora do Costa e Silva. Aí, o Magalhães foi, também, teve um diálogo meio áspero com Costa e Silva. Disse que não ia desarmar a sua polícia e ia voltar para Minas. Costa e Silva virou-se para ele e perguntou: “O Senhor já sabe quantos quilômetros tem as costas do seu Estado”? Magalhães ficou meio indeciso, enquanto Costa e Silva lhe dizia que a polícia dele não dava para guarnecer nem um terço do Estado e a Revolução não aceita ameaças. Tiveram um diálogo assim. Mas o Magalhães muito brando voltou e muito brando, se ajeitou com o Carlos para terem um candidato comum. Quando estavam nessa de convocar os governadores, o Magalhães e o Carlos pensando em não fazer nenhuma comunicação. Primeiro, o Carlos tomou esse compromisso de não fazer nenhuma manifestação sobre candidatura na reunião. Mas deixou lá que o General... (faz esforço, mas não lembra o nome na hora)... foi a toda chamar o Carlos para dizer que o Exército fazia questão da candidatura Castelo Branco. E o Carlos Lacerda não podia ter uma televisão, não é? E na hora, o próprio Lacerda teve de lançar a candidatura de Castelo. E consumou-se a candidatura.

“Costa e Silva me disse que agora era diferente”

São episódios pouco conhecidos, mas absolutamente verdadeiros. A primeira vez que eu visitei Costa e Silva, de quem me tornei amigo fraterno — se é que a gente pode se considerar amigo fraterno de um Presidente —, ele me disse uma coisa muito interessante: “Dinarte, nós fizemos uma Revolução dessa vez diferente. Nós estamos cansados de fazer Revolução, entregar a vocês e dentro de cinco anos sermos chamados novamente para fazer outra Revolução. Dessa vez nós vamos passar pelo menos 10 anos no poder para fazer a limpeza do que precisa, estruturar esse País, para que esse poder volte ao civil”. Isso ele disse num encontro muito amistoso e eu tenho a impressão que ele sabia da minha atividade revolucionária. Ele tinha amigos como eu, o General Jaime Portela, que foi um dos grandes trunfos da Revolução naquela época, homem de absoluta confiança dele e que eu encontrei várias vezes em reuniões conspiratórias. De maneira que logo à primeira vista nos entendemos bem e daí por diante foi se consolidando uma amizade e uma confiança, a ponto dele me levar para umas manobras no Rio Grande do Sul como se eu fosse um militar. Mandou me convocar e eu fui e nessa viagem praticamente me convidou para que fosse o presidente do Senado. Porque me comunicou que o Exército não gostaria que o Moura Andrade continuasse mais na Presidência, porque tinha dado uma entrevista muito agressiva...

RN/ECONÔMICO — ... uma entrevista que teve muita repercussão na época, né?

DINARTE — (Faz esforço para lembrar uma frase dita por Auro de Moura Andrade, na entrevista dada na época, como Presidente do Senado e lembra a frase principal) Ah... foi “japona não é toga”. Essa frase nunca foi engolida pelo Exército ou por Costa e Silva. Mas, então, eu ponderei (a Costa e Silva) que ele devia fazer candidato não eu, mas um amigo dele, que não tinha nenhum problema político e era apenas um companheiro que estava meio frustrado porque não tinha ido para nenhum Ministério e todos nós desejaríamos que ele tivesse ido. Era o Se-

nador Gilberto Marinho. Era General da reserva. Então eu ponderei e ele (Costa e Silva) me encarregou de fazer entendimentos com o líder naquela época que era o Fellinto Muller. Eu me entendi com o Fellinto e o Kriegger, porque naquele tempo havia duas lideranças. E eu posso até afirmar, sem nenhum exagero, que coordenei a candidatura Gilberto Marinho, que foi presidente do Senado.

(O Senador Dinarte Mariz passa a fazer algumas considerações sobre os episódios que antecederam a escolha do sucessor do primeiro Presidente revolucionário, o General Humberto de Alencar Castelo Branco. Então, por ocasião dos entendimentos a que ele está se referindo, Costa e Silva era Ministro e havia uma disputa pela sucessão de Castelo, que a imprensa da época divulgava com muitas reservas, porque os assuntos da cúpula revolucio-

Cortez: Dinarte

Você imaginaria o Senador Dinarte Mariz nas selvas ou montanhas da América Central, jovem, idealista e guerrilheiro, lutando e expondo a vida no romantismo da luta libertária? O ex-Governador Cortez Pereira, sim. E tem até uma colocação retórica para compor uma tal imagem: “Dinarte é a saudade do guerrilheiro, sem a oportunidade de tê-lo sido”. Num depoimento a Emanuel Barreto, Cortez expõe o que pensa a respeito do Senador e o exime de qualquer responsabilidade no episódio de sua cassação. Abaixo, a entrevista:

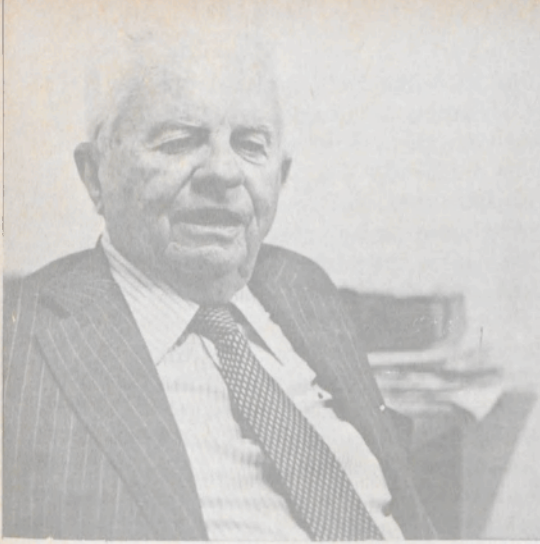
RN/ECONÔMICO — Como o Sr. situaria o Senador Dinarte Mariz na História política do Rio Grande do Norte?

CORTEZ PEREIRA — A História das nações, das grandes e pequenas sociedades, é sempre balizada por marcos, por nomes, que apontam direção e destino. No Rio Grande do Norte, não se deu diferente: olhando-se a sua paisagem histórica, enxerga-se o sobressair-se, em todos os campos, seja na política, na literatura, na administração, de pessoas, nomes. Alguns destaques, na efêmera contemporaneidade que passa. Muitas vezes, esses destaques desaparecem, sobrepujados pela inércia niveladora do quase anonimato. São nomes que surgem, marcam instantes, momentos, mas que logo depois se apagam. Outros nomes, porém, parecem até crescer, subir, com o passar do

tempo. São formações graníticas de ação, ou de pensamento. Inabaláveis aos ventos, às chuvas, ao calor. Dinarte, pelo que pensou, e muito mais pelo que fez, na política e na administração, é um destaque no presente, que o tempo destacará mais ainda.

RN — Que fatos se apresentam, para marcar esta presença?

CP — Olhe, há nomes que perduram na História, por um único ato. Escritores que se eternizam por um único livro; poetas, por um único verso; cientistas, por uma teoria aparentemente simples, na simplicidade da sua formulação. Eu apontaria em Dinarte dois atos: eu apontaria a Universidade que ele criou, e a lição humana que ele ensinou. Lembro-me do exagero do velho Palácio do Governo, transformado em casa grande do povo. A verdadeira feira de problemas, grandes e pequenos, da sociedade e das pessoas, cercando o Governador por todos os lados. Eram secretários, mendigos, desempregados, homens e mulheres angustiados por viver, procurando soluções impossíveis e recebendo atenção humana, que muitas vezes alimenta e mata a sede. Mais atenção que quase sempre falta, por entenderem até ser incompatível com a majestade institucional do poder e dos poderosos. Dinarte foi no Governo quase aquela anormalidade anatômica referida: foi quase só coração. Instantes de razão foram suficientes, por exemplo, para criar a Universidade. Mas Di-



nária praticamente não eram discutidos em público, a não ser quando já oficializados. Na revelação que se segue, Dinarte conta a respeito de articulações de Costa e Silva para chegar à Presidência, revelando o seguinte):

DINARTE — Esses episódios que estou contando a vocês, quando ele (Costa e Silva), estava no Ministério, são episódios da Revolução. Então, quando eu conversava com ele, naquela ocasião, disse que para consolidação da candidatura dele, que eu considerava vitoriosa, só faltava mes-

mo uma conquista. E ele perguntou qual era. Eu disse: Daniel Kriegger. Ele disse: mas esse é meu amigo. E eu respondi: mas é líder do outro (Castelo). Agora, se o Senhor conseguir o apoio de Kriegger, que é líder de Castelo, pode dormir tranquilo e descansado que está na Presidência. E ele no outro dia convidou o Kriegger, almoçou com o Kriegger... Este foi a Castelo e perguntou se ele tinha candidato, ouvindo resposta negativa. Aí, o Kriegger engajou-se e foi realmente um grande trunfo para nós. Depois as coisas quiseram desencaminhar-se. Mas aí já era tarde. O Costa e Silva, como todo gaúcho,

te deixa importantes lições



uarte foi essencial e profundamente coração.

RN — Sendo Dinarte um conservador, admitiria o Sr. que ele seja um reacionário?

CP — Realmente, Dinarte é uma figura interessante. Contraditória, até. Mas na aparência de muitos dos seus atos. Defensor da Revolução, soldado armado contra os movimentos da esquerda do seu tempo de jovem, conviveu bem com os esquerdistas do Rio Grande do Norte. Sendo amigo e presente no campo humano dos seus sofrimentos. Foi apoio solidário a Djalma Maranhão na época do exílio e sustentou mais de uma alça do seu caixão, trazendo-o de volta para o repouso da saudade em Natal. No seu Governo, os sindicatos se organizaram, tornaram-se mais fortes, para tornar mais possíveis os pleitos de mudanças. E eu me recorde muito bem, que, no dia 1.º

de maio, anualmente, estava lá Dinarte misturado com os operários, fazendo a Festa do Trabalho.

RN — Que marcas positivas ele deixou, em relação à questão sócio-econômica do Rio Grande do Norte?

CP — Olha, Dinarte foi, antes de político, um empresário. E assim agiu, trazendo ou ampliando investimentos privados, que beneficiaram o Estado. Veja-se o exemplo da Guararapes, como um destaque maior. Houve a acusação de empreguismo feito pelo seu Governo. Isso era repetido em toda esquina. Porém, analisando a realidade econômica da época, e os instrumentos e meios para arrancar o Estado da estagnação, encontraremos no papel do Governo, empregando, uma alternativa fiel a uma atual diretriz de política econômica.

RN — Aluizio Alves é antítese de Dinarte?

CP — Aluizio foi uma força em expansão, que criou seu próprio espaço para crescer. Foi um processo de cissiparidade que ocorreu na evolução política do Rio Grande do Norte. Eu entendo que a divisão foi benéfica, mas acredito que o radicalismo posterior não construiu nada para o Rio Grande do Norte. Se, divididos, tivessem somado forças em certas horas, em determinadas circunstâncias, o muito que puderam fazer não teria sofrido nenhuma subtração.

RN — Como imaginaria a História do Rio Grande do Norte sem

Dinarte?

CP — Eu respondo: é difícil imaginar, levantar hipóteses. Uma coisa, porém, é absolutamente certa: a História seria diferente. A vida das comunidades é uma correnteza. E tudo o que não é a uniformidade homogênea da água que passa, tudo que se torna acidente de resistência, tudo o que se torna afirmativo, faz mudar o fluxo da História. Dinarte alterou rumos, modificou direções, fez da nossa História um pouco ou muito da sua presença.

RN — Como definiria o Senador, dentro do episódio de 64?

CP — Sessenta e quatro foi para Dinarte, respondo eu, o exercício do mesmo idealismo que o fez agitado em 1930. O seu pensamento encontrou corpo ali. Encarnou-se. Os riscos, as conspirações, têm muito a ver com Dinarte. Se ele tivesse nascido agora, e na América Central, fiquem certos, haveríamos de encontrá-lo em qualquer penhasco ou floresta de arma na mão, fazendo guerrilha. Dinarte é a saudade do guerrilheiro, sem a oportunidade de tê-lo sido.

RN — E a participação dele na sua cassação?

CP — Conscientemente, tenho certeza que ele não teve a mínima participação. Alguns desencontros poderão até permitir imaginar qualquer coisa. Que não existiu. E de sua não existência há o depoimento dele mesmo, declarando que considerava a minha cassação a maior injustiça da Revolução.

“O Congresso está fraturado em suas estruturas”

era muito sentimental. Depois eu fui na casa dele e ele me contou emocionado uma visita que tinha recebido de Castelo Branco. O Castelo tinha vindo da missa e disse que tinha rezado pela alma de Argentina (a esposa, que havia falecido) e estava com a alma limpa, garantindo que não podia ser contra a candidatura dele. “Não acredite em intriga”, disse Castelo. Isso porque estava havendo muita notícia sobre sabotagem de Castelo à candidatura de Costa. Mas o certo é que o Costa e Silva jamais teria sido candidato sem o consentimento de Castelo, porque tinha uma admiração muito profunda por ele.

RN/ECONÔMICO — (Mudando o curso do assunto) Senador Dinarte, quantos irmãos?

DINARTE — Fomos criados, sete homens e cinco mulheres.

RN/ECONÔMICO — O Senhor é o segundo, terceiro ou quarto filho?

DINARTE — Sou o quinto.

RN/ECONÔMICO — Como o Senhor vê a Revolução, hoje?

DINARTE — A Revolução, hoje, terminou, interrompeu seu itinerário, desde quando ela conservou-se muito dentro do sistema militar. Nós estamos com 19 anos de Revolução. Eu sou um homem que defendi os militares, quando ninguém defendia, ainda hoje defendo, porque acho que este País, tanto em segurança, como em integridade, nós devemos aos militares, mas inegavelmente o poder político ficou inteiramente em mãos dos militares. E como eles nunca tiveram assim uma liderança política maior, tivemos líderes como Daniel Krieger, que prestou serviços inúmeros, um grande civilista, que teria prestado maiores serviços se a Revolução tivesse caminhado por outros itinerários. Depois nós tivemos um homem que era um gênio político, que não era revolucionário, mas tinha se ajustado dentro do poder revolucionário e que ocupou todos os postos mais importantes dentro da Revolução, que era o Petrônio Portela, de quem fui amigo fraterno. Talvez de todas as amizades que tive uma das mais fortes de toda a minha vida tenha sido a de Portela. Porque não só havia uma confiança e um estímulo muito grande, mas porque era um homem que afetivamente me distinguia talvez en-

tre todos os seus companheiros. Quando tudo parecia nebuloso, apareceu o Petrônio, que era um gênio político e conseguiu coordenar forças políticas para dar novo rumo à Revolução, ele liderando já sem nenhuma dúvida. Ele foi um homem extraordinariamente franco, correto, um caráter sem jaça. Ele deu um depoimento à Nação de que não tinha sido revolucionário. E não tinha sido por uma questão simples: nunca ninguém o tinha convidado. Nunca ele supôs que se fazia uma Revolução e, governando um Estado da Federação, tinha de ser um homem pertencente



cente à ordem, não podia ser um revolucionário irresponsável. De maneira que, quando ele morreu, depoimento dos próprios amigos, inclusive do General Golbery, era de que tinha sido um dos homens mais extraordinários da História do Brasil e, mais do que isso, seria o sucessor de Figueiredo, sem nenhuma dúvida.

RN/ECONOMICO — Pois, se pensava ali que a Revolução iria escolher um Presidente civil.

DINARTE — Mas a morte o surpreendeu.

RN/ECONOMICO — E as coisas tomaram outro rumo?

DINARTE — Exato. Eu acho que sobre a Revolução, nós políticos estamos muito à vontade para falar sobre ela porque ali ela nos afastou de determinados lugares, determinadas lideranças, cujos itinerários sempre

foram traçados pelos líderes civis. Por exemplo: no Congresso. O Congresso ainda hoje é um Congresso talvez fraturado em sua estrutura, nós não temos, por essa Constituição... ela suprimiu poderes do Legislativo, principalmente do Senado. Quase que a Constituição substituiu o Regimento do Senado. Ela proibiu viagens de Senadores e congressistas, proibiu isso, proibiu aquilo, proibiu (se entusiasmo) que um congressista tivesse iniciativa de qualquer despesa. De maneira que a nossa presença é quase simbólica. Como é que você representa o seu Estado: é carrear os recursos necessários, desde o contexto nacional. Nós não temos esse poder...

RN/ECONÔMICO — Tudo vem do Executivo?

DINARTE — Tudo vem do Executivo. Nós podemos recusar. Mas não podemos nem adicionar qualquer emenda que possa beneficiar ou significar qualquer acréscimo de despesas previstas dentro do exercício. Então, nós vivemos ainda hoje dentro de uma ditadura econômica fechada, da Revolução. Nós não temos nenhum poder. A Revolução enfeixou todos os poderes no setor econômico. O que significa dizer: tudo que está aí, na economia do País, o poder político não tem nenhuma culpa.

RN/ECONÔMICO — Isso enfraqueceu a sociedade civil?

DINARTE — Isso desmantelou o Brasil. Nós não conseguimos estruturar a Nação. Quem é que estrutura politicamente o País? Deve ser os partidos políticos. Quem são os representantes dos partidos políticos no País? São os representantes do Poder Legislativo. Então nós não temos nenhum poder; se nós não temos nenhum poder, a sociedade brasileira deixou de ser o poder. A Revolução tem convocado homens eminentes, mas tudo aquilo é muito condicionado.

RN/ECONÔMICO — Mas tudo é um erro da estrutura?

DINARTE — Como é que o Congresso pode se comportar? Nós somos um partido político sem unidade partidária, são grupos políticos dentro do nosso País; a Oposição está dividida por si há muito tempo. Por isso quando há qualquer ameaça de uma certa estrutura de processo político, dentro dos partidos e lideranças, a Oposição sempre é dominada pelos mais exaltados. Estamos dentro de uma cadeia de ameaças dentro do sistema político.

RN/ECONÔMICO — A sua primeira atividade, o seu primeiro emprego, a sua primeira ocupação, qual foi?

DINARTE — Bem, eu comecei a minha vida bem jovem, como principiante de comerciante.

RN/ECONÔMICO — No comércio?

DINARTE — Isso em Serra Negra. Comecei comprando algodão nas fazendas, em montarias, de fazenda em fazenda, dos pequenos agricultores, em Serra Negra, que naquele tempo era um povoado...

RN/ECONÔMICO — Isso na faixa de 18 a 20 anos?

DINARTE — Comecei minha ati-

vidade com 17 anos, a trabalhar. Isso ajudando a um cunhado meu. Mas eu já vinha trabalhando ajudando meu pai na fazenda. Eu pratiquei todo tipo de trabalho que um homem pode praticar na atividade rural. Quando eu me casei, quase aos 22 anos, aí foi que eu comecei a trabalhar para mim.

RN/ECONÔMICO — O Senhor casou com Dona Diva?

DINARTE — É.

RN/ECONÔMICO — Conheceu e casou com Dona Diva aonde?

DINARTE — Em Serra Negra. Ela



“É um líder típico do Nordeste” (Emanoel Barreto)

Vejo, na figura do Senador Dinarte Mariz, um representante típico do político nordestino tradicional, seja na sua participação concreta nos fatos de sua alçada, seja no seu pensamento e interpretação desses mesmos fatos. Não faria aqui um libelo acusatório ao Senador. Não farei a sua defesa ou seu julgamento. Este artigo, tento fazê-lo, será, no máximo, um perfil algo difuso de como entendo e vejo Dinarte Mariz. E digo difuso, pois, como jornalista, tenho a responsabilidade de admitir que faltam-me as informações e a vivência do tempo, — matéria-prima de minha atividade —, para um tal julgamento. Mas, como pessoa, tenho também a responsabilidade do discernimento, essencial, da mesma forma, para o correto exercício profissional.

É dentro desses parâmetros que tentarei pautar a minha visão. Assim, creio que as comemorações dos 80 anos do Senador Dinarte Mariz representam a marca e a presença da força que políticos

brasileiros como ele têm diante da nossa cena histórica. É inegável que a nossa História tem registrado em sua constância a supremacia de lideranças paternalistas como as de Dinarte, com seu inexplicável e humano carisma, uma espécie de grilhão que prende e consola a todos os seus seguidores.

Qualquer repórter que conversar com Dinarte, entrevistar Dinarte, sentirá nele o trato ameno e firme do político conservador. Paternalista, insisto. Vejo nele um líder que atende e exige. Entende-se assim e assim se impõe. Expõe-se e segue adiante. Dinarte não é mais um homem deste tempo. Que seu tempo já passou. Mas ele superou a sua própria época e manteve o seu modelo. No mundo da comunicação impessoal, da TV e do moderno jornalismo, ele consegue atuar pela velha palavra, pelo contato direto, conversa de pé de ouvido, entendimento de gabinete, que depois acaba interferindo na vida do povo. Do povo de onde ele veio como sertanejo e de onde

era de Campina Grande, mas os pais dela eram de Patos, na Paraíba. Veio passar uma temporada em Serra Negra e aí uma paixão assim me levou ao casamento, ela com 14 anos, eu com 22.

RN/ECONÔMICO — Quantos filhos, Senador?

DINARTE — Do casal eu tenho seis.

RN/ECONÔMICO — Desses filhos, políticos, alguns, ou só Wanderley Mariz?

DINARTE — Só Wanderley.

RN/ECONÔMICO — Curioso, isso...

DINARTE — É. E por vocação. Eu não desejaria que ele fosse para polí-

sobressaiu-se, galgando a sua posição, à custa do voto e da sua prática política. Como já disse, não acuso, penso, discirno.

Anti-comunista ferrenho, certamente jamais leu Marx, opondo-se intuitivamente a uma doutrina filosófica e econômica que não casa com a sua visão de mundo. Paciência. Venço meus conceitos e vejo um homem. Não o defendo. Vejo um homem.

Entendo, como repórter e como cidadão, que Dinarte, inegavelmente, teve e tem importância na política estadual e, por que não, na vida nacional. Não foi ele Governador de Estado? Não foi primeiro-secretário do Senado? E isso só numa alusão breve? Foi. Então, ao vencedor, as batatas. Questioná-lo agora, ideologicamente, seria até mesmo bizantino.

E da minha parte, gosto de entrevistar Dinarte. É bom. A entrevista flui como um enigmático jogo de xadrez. As perguntas saem diretas, incisivas, firmes como estocadas de um florete, mas ele apara os golpes e responde com os negaços que tão bem conhece. E no outro dia sai a reportagem, a matéria, o texto jornalístico. E depois vêm as especulações, as ilações, as suspeitas. E todo repórter gosta de suspeitar. Não é o repórter um detetive sui-generis? É. Eu, pelo menos, assim me sinto.

Mas, Senador, como homem e cidadão do mundo, que assim me sinto, vá daqui o meu abraço, e um feliz aniversário. (Emanoel Barreto é da editoria política da Tribuna do Norte).

“Eu só entendo a política exercida por vocação”

tica.

RN/ECONÔMICO — Mas o Senhor não iria cortar essa vocação?

DINARTE — Na primeira vez em que ele quis se candidatar eu desaconselhei e quase que crio um problema em casa, porque a minha mulher e minha irmã, que foi quem o criou comigo, se irritaram, dizendo que Wanderley não era mais menino, tal...

RN/ECONÔMICO — Mas o Senhor não queria que Wanderley ingressasse na política por que? Qual a causa?

DINARTE — Porque a política, que eu faço desde menino — antes de nascer eu já era político, eu acho — eu só entendo por idealismo e por vocação. Se não se ajustarem essas duas coisas... Isso não quer dizer que a política seja só idealismo, porque ainda hoje eu reputo o idealismo como um maluco, um louco.

RN/ECONÔMICO — Essa estrutura que o Senhor falou, favoreceu os tecnocratas, no País?

DINARTE — Claro que foram carreados pelos militares na primeira etapa. Os militares não estavam preparados na época e recorreram aos tecnocratas, para orientação. Mas o técnico no Governo é um participante. Embora tenha o poder de convencimento. Eu sou insuspeito para falar nesse assunto porque sou amigo neste País de um homem muito atacado, a quem eu dispenso a mais fraterna amizade, que é o Ministro Delfim Neto. Ele disse pela televisão há poucos dias porque o Brasil está na situação em que está. Porque utilizou recursos que não tinha. Agora, ele costuma dizer, pelo menos aos amigos mais íntimos: não fui quem organizou esse projeto de Itaipu — claro que estou apenas a executar. Ninguém pode negar que a Revolução implantou no Brasil uma estrutura econômica muito forte. Mas essa estrutura foi construída com um dinheiro que não era nosso. E quando falo em estrutura é porque eu separo o que é estrutural, do que é só econômico. A estrutura tem a sua ação benéfica e é válida dentro do tempo; e o poder econômico tem de impulsionar setores que devolvam o que se emprega e mais alguma coisa para desenvolver o País. E eu digo isso com a

minha experiência de empresário. Na hora em que o empresário empregar recursos e não tiver dinheiro para satisfazer os seus compromissos, ele está na falência. Então o que está acontecendo no Brasil é isso: tomou dinheiro emprestado para empregar em estruturas que não tinham o poder de devolução, como em Itaipu, que levou uma fortuna sem poder de devolução. Há a Ferrovia do Aço, a Transamazônica...

RN/ECONÔMICO — ... as usinas nucleares...

DINARTE — ... certo, uma série de obras que não devolvem o empre-



go de capital. Já não digo nem o capital com juros, mas só o capital. São obras estruturais...

RN/ECONÔMICO — Senador, o fato político que mais o marcou?

DINARTE — Olhe, quem viveu 54 anos vivendo política tem muita dificuldade em selecionar fatos que lhe tenha dado já não digo vaidade mas determinada compensação na vida pública. Todos nós temos muitas ocasiões de regozijo, outras mágoas, vitórias. Acho que governei o Rio Grande do Norte numa época... Acho que fui o último Governador do Rio Grande do Norte, o resto foi gerente. O que ficou depois de mim foi Aluizio Alves que governou com o dinheiro da Aliança Para o Progresso e outros empréstimos que ele conseguiu. Depois veio Walfredo. Um Governo que eu reputo de modelar. Não foi um Go-

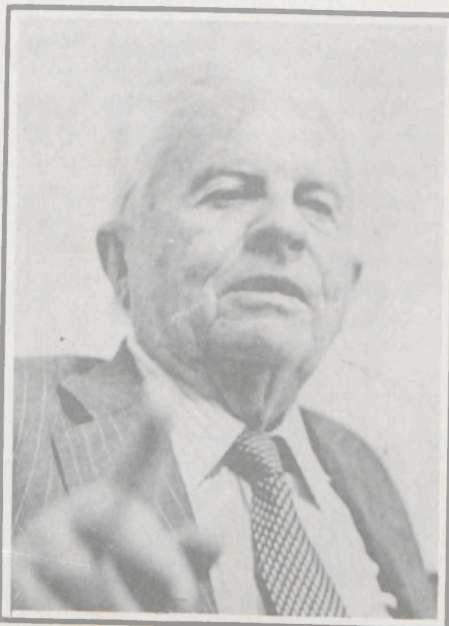
verno de grandes vôos, mas foi um Governo pacato, seguro nas coisas, deixou alguma coisa, alguns empreendimentos válidos, não sacrificou o Estado, deixando-o numa situação boa. E fez um Governo ordeiro, mesmo recebendo-o numa hora de muita paixão política não se deixou contaminar pelo ódio. Pelo contrário, ele deixou o Governo depois de amaciamento, pois o exerceu com sensatez.

RN/ECONÔMICO — Senador, antes de ser Governador do Estado, teve outras posições políticas?

DINARTE — Só tinha tido um posto político, que foi o de Prefeito na Revolução de 30. Fui o primeiro Prefeito nomeado pela Revolução. Em Caicó. E todos os prefeitos do Seridó, ou indiquei ou fui ouvido. Porque tive o privilégio de conspirar com um homem que veio fazer a Revolução no Rio Grande do Norte no 29 BC. Chamava-se Capitão Abelardo Castro. Este é o homem que fez a Revolução. E por coincidência o Batalhão se achava em Caicó, caminhamos para Santa Luzia do Sabugi, porque naquela época Washiington Luís estava fazendo o cerco da Paraíba e ele deslocou o 29 BC. Havia deslocado o 23 BC de Fortaleza para Souza, na Paraíba e o 24 BC do Recife para uma cidade vizinha à Princesa, na Paraíba. E como para a cidade que ele vinha não tinha estrutura para receber o Batalhão, ele ficou em Caicó. Nesse interim eu estava aqui em Natal — e como era difícil transporte — mandaram me pedir uma passagem para levar um capitão que queria ir para Caicó. Era o Capitão Abelardo, que ninguém conhecia. Como desde aquela idade eu era muito corajoso e, além do mais, pessoista, fiz tudo para arrancar qualquer coisa do capitão no decorrer da viagem para Caicó. Me manifestei que aquilo era uma vergonha para o País, falei, tudo, mas ele não disse nada. Chegamos lá em Caicó, ele se despediu de mim e dois ou três dias depois, eu estava com alguns oficiais tomando cerveja, como se faz sempre no interior e chegou o capitão. Então, todos levantaram um brinde a Washiington Luís. Eu fiquei sentado. Olhei assim de lado e estava o Abelardo também sentado. E ele disse: eu estou chegando, não conheço ninguém aqui no Batalhão, mas para evitar exploração eu quero dizer que não conheço o Dr. Washiington Luís e não tenho nenhum motivo para me levantar pela saúde dele. Se fosse pela autoridade do chefe da Nação, a quem nós somos subordinados, aí

não, aí eu teria de prestar a homenagem. E ficou naquilo. Dois dias depois ele foi na minha casa, de manhã muito cedo. Eu estava deitado. A minha mulher me veio dizer que havia um oficial do Exército perguntando se eu estava. Aí eu pensei... naquele tempo havia muito boato, todo mundo querendo saber quem era aliancista... Aí, eu peguei um revólver, botei na cintura e cobri com uma toalha no ombro. Aí o capitão pediu desculpas, disse que tinha notado o nervosismo da minha senhora e falou que tinha chegado de João Pessoa, lembrou a viagem que fizera comigo de Natal. Disse que viera fazer a Revolução no Batalhão. Contou estar vendo que eu estava identificado com o Batalhão, que eu conhecia o Batalhão e sabia que eu tinha ligações com o Batalhão. Pediu ajuda. Não tive dúvidas de que ele não estava querendo me enganar. Aí pediu análise de oficial por oficial. Eu disse que meu entendimento era com os sargentos e disse que com quatro deles eu me dava muito e estavam totalmente identificados com a Revolução. Perguntou se eu podia dizer o nome deles. Eu disse que podia e dei. Era Francisco Antônio, que a gente chamava Xicó... que era o pai desse rapaz da imprensa o... João Ururahy... era o Antônio Moraes... era um até de Campina Grande, um moreno... e...

(não recorda o outro)... então o Capitão Abelardo foi duas vezes a Santa Luzia e voltou a Caicó. Eu dei meu carro a ele, porque tinha gente que chegava a Natal conspirando até de navio. Daí veio a minha confiança pe-



la Revolução. E depois fui nomeado para Prefeito de Caicó, antes de ser publicado o ato. O capitão mandou que eu tomasse posse imediatamente e eu armei noventa e tantos homens, lançando mão dos fuzis que tinha em Caicó.

RN/ECONÔMICO — O Senhor re-

quisitou esses fuzis?

DINARTE — Tomei. Porque no Governo Bernardes, o Prestes (na coluna Prestes) andou no Nordeste. E o Governo, não confiando no Exército, mandou armar a Polícia, porque o Exército não combatia os companheiros. Então mandou fuzis para todos os governadores. Nesse tempo o Governador era José Augusto, ainda. Mas quem veio tomar a frente de tudo foi Lamartine. Pois Lamartine, apesar de estadista, era um caudilho. Então, o Lamartine chegou e distribuiu fuzis por todo canto e deixou 100 fuzis em Caicó e 100 em Serra Negra. Eu sabia daqueles fuzis.

RN/ECONÔMICO — Além de Prefeito de Caicó, o Senhor foi Governador do Estado...

DINARTE — Senador, Governador, até hoje estou no Senado.

RN/ECONÔMICO — Quantos mandatos no Senado?

DINARTE — Quatro.

RN/ECONÔMICO — Consecutivos?

DINARTE — É. Porque eu fui primeiro eleito Senador. Deixei o meu mandato e fui eleito Governador. Em seguida, me reelei Senador. De maneira que fui eleito quatro vezes Senador e uma vez Governador.

RN/ECONÔMICO — Das estruturas de que o Senhor falou ainda há pouco, que construiu essas obras

Uma larga experiência pública

De Prefeito da cidade de Caicó a Senador biônico do PDS, o Senador Dinarte Mariz ganhou uma larga experiência política acumulada ao longo de campanhas, segundo ele próprio, «memoráveis». Oitenta anos de idade, mais de sessenta fazendo política. Confesso que o pedido da revista RN/ECONÔMICO para escrever um depoimento sobre o Senador causou-me surpresa.

Confesso que de repente me senti desinformado. Não que nunca tivesse ouvido falar no nome do Senador Dinarte, pelo contrário, mas o volume de informações que chegou ao meu conhecimento, chegou de forma distorcida, pela metade, vista apenas por um lado. Como repórter político, ainda novo no ramo, acho que falta alguma coisa, alguma coisa escrita que dá

confiança, credibilidade e que permita uma análise mais imparcial da carreira política desse «seridoense ilustre».

Como caicoense, cresci ouvindo falar no nome do Senador Dinarte e observando a sua forma de fazer política: paternalista e centralizadora. Dinarte Mariz sempre no centro de um sistema onde gravitavam lideranças muitas vezes ricas em potencial, porém obscurecidas pelo poder de dominação do «velho senador».

Dinarte no Governo do Rio Grande do Norte e os mesmos conceitos políticos; Dinarte à frente do Movimento Revolucionário de 64 e os mesmos posicionamentos políticos. Homem ligado à direita, Presidente da Comissão de Segurança Nacional do Senado. O mesmo Dinarte que disse em um dis-

curso que fez na cidade de Caicó, na formatura da primeira turma do Campus Avançado da Universidade que ele criou: «Sempre fui um homem que lutou contra as ditaduras».

Um mérito de Dinarte, porém, não tenho como desconhecer: não fosse a sua indicação para Senador biônico, o mandato que marcará o encerramento de sua vida pública, ele teria encerrado a sua carreira política disputando todas as eleições pelo voto popular, uma sorte que os políticos mais jovens não tiveram. Mas, Dinarte Mariz está completando 80 anos de idade e mais de 60 de política. Merece os nossos respeitos por tudo que fez na política do Rio Grande do Norte. Parabéns. (Luciano Herbert é da editoria política da Tribuna do Norte).

“Não culpo ninguém pelas obras faraônicas”

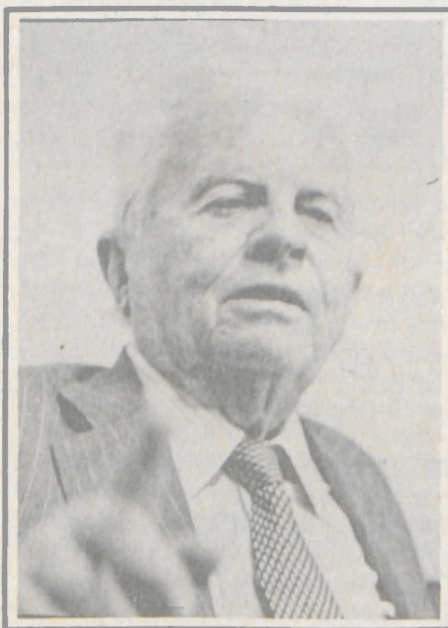
faraônicas, há alguém culpado em especial por tudo isso?

DINARTE — Eu não culpo ninguém. Eu acho que houve um momento de euforia em que os chefes revolucionários que estavam no Poder queriam deixar uma obra, cada um. E uma obra marcante dentro da economia, da estrutura econômica do País. Agora, o País é que não suportava. Mas tanto houve condições para isso que nós arranjamos o dinheiro. Nós nos endividamos mas arranjamos o dinheiro para tudo isso. Havia uma confiança universal em relação ao Brasil. Foi quando se falou no «milagre brasileiro». Então, daí a facilidade que houve. Mas eu tenho a impressão, em que sempre fui empresário, jamais arrisquei o meu empreendimento, a minha empresa, num negócio em que não contasse com a devolução para cumprir compromissos.

RN/ECONÔMICO — Dentro dessa estrutura o Nordeste pode esperar alguma coisa?

DINARTE — O Nordeste é uma Região contraditória. Tudo o que nós temos em desenvolvimento, tudo o que temos em relação ao poder econômico — pois somos pobres ainda —, mas tudo o que nós temos devemos à seca. O sofrimento nosso é que tem gerado a possibilidade que nós estamos tendo de nos estruturar economicamente. O Nordeste, o problema do Nordeste, é um problema insólito. Ninguém pode modificar o clima. E desemprego em toda parte existe. O País mais capitalista do mundo tem desemprego nas crises. Como se pode evitar? Tem meio de modificar o clima? Não tem. A seca é periódica, mas tem tempo certo. O que é incerto é a época. Se você pesquisar há mil anos vai encontrar seca no Nordeste. Agora, eu tenho uma desconfiança muito grande do meu País porque nós estamos atravessando uma fase em que a produção é bem menor do que o aumento populacional. Onde é que nós vamos? As estatísticas demonstram isso. Então eu acho que a única saída nossa é um consenso no plano nacional, juntamente com a Igreja, que é quem tem estrutura para ajudar o País a se equilibrar nesse setor, convencer os homens da Igreja que eles estão pela

metade, eles acham que a questão familiar não deve ser limitada pela técnica, admitindo outros processos. Mas tudo isso é uma coisa que só se faz, a meu ver, pela educação. E educação não se faz a curto prazo. Na minha opinião, o Brasil tem de caminhar por essa solução. E eu cito como exemplo a civilização européia. Hoje, a Europa já chegou a um sistema ideal para a família. Chegou-se a um cúmulo na Alemanha, no último Recenseamento, ter diminuído a sua população em relação ao Censo anterior. Então, esses países podem realmente planejar para dez anos, para



20 anos, porque sabem realmente o que representa a população em relação ao tempo, ao futuro. Como podemos planejar um país quanto vai valer a nossa população daqui a dez anos? E como poderemos planejar para essa população? Se nós não temos recursos, hoje, para nos abastecer com a nossa população atual? Então esse caminho eu reputo seriíssimo, pois se não vamos cair num desajuste social e nos deparar com ameaça de uma mudança até de regime. Acho que para no ar uma ameaça muito grande...

RN/ECONÔMICO — Aproveitando isso aí, qual é a sua opinião, Senador, do trabalho da Igreja no Nordeste, hoje, no quadro atual da nossa realidade?

DINARTE — A Igreja tem duas faces. A Igreja voltou-se para defender

a pobreza, defender os mais humildes. Mas não mostrou os caminhos. Qual os caminhos que ela quer indicar? Tem de mostrar os caminhos para que cheguemos lá. Mas tem a outra Igreja, que não é tão conservadora, porém mais conservadora, que se bate por soluções globais. Ela precisa pensar em soluções globais. Na hora em que ele defende só o operário, se confundindo com as esquadras, ela está prestando um desserviço à religião. Mas na hora em que ela defender um sistema em que a Igreja possa desaparecer dentro de um projeto que só possa ser este, não pode ter dois. Hoje eu estou convencido de que a questão é só uma: a educação. Isso eu não tenho dúvidas, está amadurecido no meu espírito. A grande solução é convocar a Igreja para ajudar o povo, pregar ao povo, sobretudo no planejamento familiar. A Igreja representou neste País tudo o que temos de gratidão. Ela trouxe os primeiros colégios para dentro do País, ela foi pioneira dentro do interior do Brasil. De maneira, que devemos tudo à Igreja. Agora, a Igreja não pode se ajustar dentro de uma divisão da família brasileira. Antigamente, a Igreja era muito aliada dos militares. Eu me lembro que na Revolução de 30, o Cardeal Dom Leme é que foi o intermediário a convencer Washington a se entregar; na morte de Getúlio, foi o Cardeal... quem era? (tenta recordar)... foi ele quem foi à casa do Carlos Luz ter uma longa conferência... Quer dizer: a Igreja sempre aparece nessas horas, como entidade imparcial para evitar derramamento de sangue. Hoje ela não pode aparecer como animadora da divisão da sociedade. Eu tenho um documento de quando o Papa passou aqui (que eu acho que é o único líder hoje da Humanidade, por muito tempo o mundo esteve despovoado de lideranças) porque, na passagem dele, eu fiz um discurso contra aquelas figuras que se estavam confundindo com o esquerdismo. Eu não denunciei ninguém. Apenas citei trechos de discursos. Eu sei que muitos se irritaram. Não adianta. Eu me julgo um religioso, um dos maiores. Eu me julgo mesmo um agraciado de Deus. Como é que você pode limitar a fé entre mim e um bispo, entre mim e um sacerdote? Apenas o padre, na sua missão apostolar, está muito mais a mão para servir à Humanidade. Então, por isso eu digo e hoje até me considero meio maluco por me considerar que meus caminhos são os ca-

minhos de Deus. A minha vida toda, intercalada de riscos, de ações... não sei. É um destino guiado.

RN/ECONÔMICO — O Senhor acredita que o Nordeste poderia ser uma Região independente?

DINARTE — Isso é uma pergunta que morre, porque aí você está me perguntando se eu sou pela separação. Eu jamais seria pela separação. Seria lutar contra tudo o que nós fomos no passado, o milagre da nossa unidade. No dia que nós nos tornarmos uma republiqueta dentro do continente, nunca mais teríamos paz.

RN/ECONÔMICO — O Senhor admite que, em relação ao tratamento do Governo, há dois tratamentos, um para o Sul e outro para o Nordeste?

DINARTE — A minha opinião é a seguinte: nós só poderemos nos libertar economicamente, nos aproximar do Sul do País, numa discriminação violenta, em nosso benefício, dentro do contexto econômico. Trocando em miúdos: nós só nos poderemos beneficiar, com uma discrimina-

ção que possa significar... não é bem aquela história de tirar de quem tem para dar a quem não tem. Eu vou apresentar uma emenda constitucional sobre isso. E já contei com apoio de toda Oposição no Senado. Já fiz um discurso e todos eles me apoiaram. É discriminando, tirando uma faixa do Imposto de Renda, para realizações no Nordeste. Então, com isso, dentro de 50 anos o Nordeste estará melhorado. Só dentro disso. Ninguém pense no Nordeste modificado num decênio, em dois decênios. Nós temos de melhorar em 50 anos, educando, atendendo a nossa vocação. Todo povo tem sua vocação.



Dinarte tem necessidade de uma biografia

Quem foi, quem é, e que importância tem o hoje Senador Dinarte Mariz na política do Rio Grande do Norte? A pergunta, feita a pretexto das comemorações dos 80 anos do velho cacique seridoense, não poderia vir sem estar atrelada a uma profunda inquietação. Como os jovens repórteres políticos teriam maior segurança para falar sobre este cidadão? Antes de falar, uma exigência: é preciso que os nossos homens públicos, comecem a produzir intelectualmente, ponham prá fora suas idéias de mundo, que não seja somente em discursos eventuais, cujas autorias há escribas perfeitamente identificados ou alugados. O Senador Dinarte Mariz precisa de uma biografia, ou auto-biografia, com urgência. O que existe, deve ser julgado incluindo os ingredientes das paixões correligionárias ou adversárias.

Nem por isso pode passar ileso numa avaliação que não se propõe ser a definitiva. Mas vamos lá. Entendo e vejo o Senador Dinarte Mariz como um político cuja ação traz a marca da contradição, ou do radar do oportunismo. Certa vez, numa entrevista que fiz, lhe indaguei como era que ele, um homem reconhecidamente conservador, durante algum tempo negro na política brasileira porta-voz da ala direita no Poder da Nação, estava a clamar pela anistia dos exilados. E ele me respondeu olhando nos olhos, que não era um homem de direita e que meu juízo estava equivocado. Tal pergunta deve ter soado tão insólita que não foi publicada. A impressão que me deu diante daquele velho Senhor era que a política também é feita de desrazão, da não lógica e que para ser político como Dinarte Mariz é preciso fazer não fazendo, dizer o que não quer, lutar pelo que

O nosso povo tem a sua vocação, que é para o artesanato. Que dá trabalho. Agora, essas obras que estão forçando... Eu tenho constrangimento de comentar isso, porque tem amigos meus, que me interessam, etc. Mas não deixo de dar minha opinião. A Sudene, hoje, é negativa para os interesses do Nordeste. Eu que ajudei a criar a Sudene, era Governador e ajudei com força, naquela época. Aquilo foi uma época de euforia para nós. Entretanto, a Sudene foi se afastando, se afastando. E o que é a Sudene, hoje? Ela hoje é apenas uma, nem sei... Acho que ela está servindo apenas para... É uma história de redistribuição de recurso... não tem personalidade... não serve para mais nada... O que está fazendo? E nós sabemos que ela está empregando dinheiro em determinados setores. Pode ser certo, mas não aparenta ser. Você hoje tem o Finor... Eu criei no Senado uma comissão para estudar uma solução para o Nordeste. Eu criei apoliticamente. Mas fui cha-

não é importante. Ou vice-versa do vice-versa.

Do ponto de vista ideológico, mantendo a impressão da prática do Senador (cuja brilhante carreira política, conquistada nas urnas, termina melancolicamente, no berço da bionicidade). Conservador, oligarca empedernido. Mas há os que o considerem um perfeito exemplar do clientelismo político, dos pequenos e grandes favores, das facilidades de emprego. Para estes, um santo homem. E, para confirmar as minhas impressões sobre as grandes contradições do conterrâneo, me lembro da última sucessão governamental. Tive a oportunidade de, em vários momentos, ouvir e publicar palavras de Dinarte Mariz a respeito do hoje Governador José Agripino. A mais importante delas: não apoiaria "o menino de Tarcísio, por questão de princípios". Logo que resolveu apoiá-lo, corri a lembrar-lhes os princípios. E a resposta veio estonteante: "Eu nem me lembro se disse tudo". Pode até ser que esta visão esteja sendo cruel demais com o velho Senador. Mas é isto que conheço da sua prática política. Apesar de tudo, parabéns Senador bionico. (Ricardo Rosado de Holanda é da editoria política da Tribuna do Norte).

“Vejo risco de um regime socialista de esquerda”

mado pelo Presidente da República, que naquele tempo era o Médici, que me pediu para transformar aquilo numa comissão partidária. E eu ficava na Presidência. E eu disse: olha, Presidente, se minha idéia é tão válida assim eu já me sinto recompensado. E eu fui. Dizem que é o estudo mais sério que já se fez sobre o Nordeste. Foram 100 dias de estudos. Agora, tivemos pessoas como o relator geral, que foi o Senador Virgílio Távora, inegavelmente uma das maiores figuras da sua geração neste País, mas eu advogava uma idéia e fui derrotado. Eu advogava isso: um fundo rotativo em benefício do Nordeste. Discriminar uma parte do Imposto de Renda, depositar no Banco do Nordeste e destinar aos Estados de acordo com as necessidades de cada um e esse dinheiro só ser empregado no semi-árido. Quer dizer, enquanto inventam uma obra faraônica, disso, daquilo, comem o dinheiro do semi-árido. E esse dinheiro ia sendo não dado, mas emprestado a juros altamente subsidiados, que importassem apenas no custo de dinheiro, que eu calculei em 4 por cento na época, com pagamento de 20 ou 30 anos, com cinco anos de carência, para pequenas empresas no interior. E esse pagamento quando começasse ia sendo creditado ao Fundo, de maneira que ele se tornaria rotativo e ia se avolumando o Fundo e dentro de 50 anos nós estaríamos com recursos fabulosos.

RN/ECONÔMICO — O Senhor tem mencionado, ultimamente, a possibilidade de uma convulsão social no Nordeste, com essas crises todas?

DINARTE — Poderá haver.

RN/ECONÔMICO — De que tipo mais ou menos?

DINARTE — Descontentamento geral, a inflação, a falta de trabalho, tudo isso são ingredientes necessários para uma convulsão social.

RN/ECONÔMICO — Essa convulsão social seria armada, de esquerda?

DINARTE — Não, não. Olha, eu vejo um risco muito grande de nós ainda passarmos por um regime militar para depois passarmos para o regime socialista de esquerda.

RN/ECONÔMICO — Senador, e

com respeito ao anedotário? Numa vida política de tantos anos sempre surgem histórias engraçadas...

DINARTE — É. Você sabe que o dia-a-dia do político sempre tem um fato assim. Eu vou contar a história de um menino... ele hoje deve ser formado. Eu vou contar um fato com ele, na campanha minha com Aluizio Alves, que apaixonou toda sociedade riograndense. Ele devia ter seus quatro ou cinco anos. Um dia ele me apareceu com dinheiro para me ajudar e disse que era para ajudar na minha campanha. Eu o abracei e disse que ele ia voltar com o seu dinheiro, convidava os amiguinhos e fazia uma festa para fazer a minha propaganda. Ele pareceu muito zangado e disse que “não Senhor, o dinheiro é meu, eu vendi meus periquitos para ajudar na sua campanha”. E eu fui obrigado a receber o dinheiro do guri. Ele é até filho de um médico que morreu há pouco tempo...

RN/ECONÔMICO — Senador, tempos agitados na política do Rio Grande do Norte. Quais foram os tempos mais agitados, de lá prá cá?

DINARTE — Nunca houve um semelhante ao do Partido Popular. Nós perdemos uns seis companheiros assassinados pela Polícia...

RN/ECONÔMICO — Em que ano isso?

DINARTE — Entre 34 e 36. Eram as eleições de Getúlio, da ditadura. Perdemos um primo meu, o Otávio Lamartine, filho de Lamartine, que foi fuzilado dentro de casa, na presença da mulher, ela me contou. Nunca houve isso. Foram fuzilados dois ou três em Açú. Foram fuzilados dois em Pau dos Ferros...

RN/ECONÔMICO — Isso era perseguição?

DINARTE — Era a Polícia, mesmo.

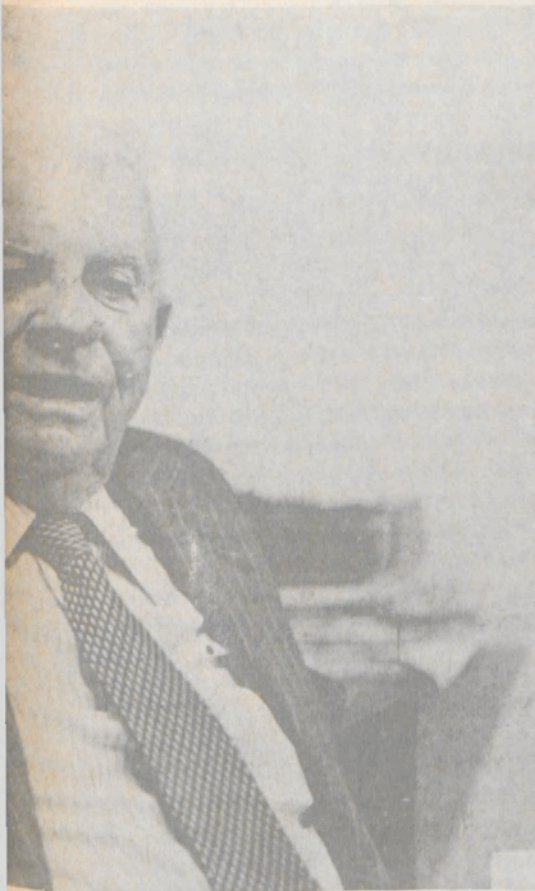
RN/ECONÔMICO — O Governo afrouxou a mão...

DINARTE — Você sabe que todos os oficiais da Polícia foram postos para fora e substituídos por elementos da Paraíba e de Pernambuco, muitos egressos das prisões, por crimes. Foi o caso de Rangel que matou Otávio. Ele estava saindo da prisão em Pernambuco e foi trazido para aqui a fim de ser oficial da Polícia. Outros da Paraíba, também, todos criminosos.



Uma

Dia 23 deste, Dinarte Mariz completa oitenta anos de idade. Nunca ninguém teve como ele, uma vida tão cheia de exemplos de brasilidade, de amor a terra e ao povo, de patriotismo sem patriotas, de doação integral, de servir sem servir-se. A ação política de Dinarte perde-se no tempo e difícil se torna para qualquer um de nós, rememorar suas raízes, suas origens, suas vertentes. Dinarte nasceu com o Rio Grande do Norte, como parte integrante de sua história. Difícil, senão impossível seria fazer-se a história do nosso Estado, separando-se dela a figura de Dinarte. Um integra o outro, amoldam-se, amalgamam-se. Nenhum fato relevante do passado ou do presente, aconteceu entre nós, sem que sua participação se tenha feito sentir. Advogados, médicos, engenheiros, quantos aí estão, vitoriosos, engrandecidos, vencedores na luta pela vida, por um lugar ao sol, que se o conseguiram, devem-no ao Velho, que custeou seus estudos, que financiou



Naquela época eu tomei a iniciativa de fazer uma caixinha, de dar uma porcentagem aos oficiais demitidos para que se mantivessem com suas famílias.

RN/ECONÔMICO — E os grandes chefes políticos do seu tempo?

DINARTE — A maior liderança política do Rio Grande do Norte, em todos os tempos, e jamais haverá outra, a meu ver, que o substitua, pela pureza que representava, pelo idealismo de que se fortalecia, foi sem nenhuma dúvida, o José Augusto. E não haverá outro igual. Ele deixou de ser Ministro de Getúlio para vender seguros de vida para não passar fome com a família — e foi o próprio Getúlio que me contou —, depois de ter sido Governador, Senador e Deputado Estadual. Quando a Revolução chegou ele estava no Senado. Foi a maior figura. Eu convivi com Lamartine. Ele era um caudilho. Eu convivi com Eloy de Souza, que era um homem muito inteligente mas era, na expressão do povo, um homem muito politiqueiro, cheio de artimanhas, que não tinha colégio eleitoral. Era um homem profundamente

maneiroso e inteligente, com grande capacidade de envolvimento, um gerador de idéias políticas. Fui muito amigo dele. Li as memórias dele e achei-as injustas, de um ressentido. Porque fui tudo para ele, tinha ele assim como um tio, um irmão mais velho. Mais de uma vez dei toda assistência a ele no Rio. Levei-o pró hospital e ele não soube quanto custou nada e ainda dei assistência num apartamento meu até ele se recuperar. Fiz tudo por ele. No meu Governo a tudo, até a sepultura dele, tudo. Não houve nada que faltasse. Fiz dele Senador da República pelo Partido Popular, porque fui eu quem praticamente organizei o Partido. Porque eu vinha da Revolução; quando eu rompi com a Revolução, eu dividi a Revolução no Rio Grande do Norte. E ficaram ao meu lado Bruno Pereira, Luiz Antônio, Zé Mesquita, Augusto Baccarau...

RN/ECONÔMICO — Essa fase aí foi da formação dos dois Partidos, UDN e PSD?

DINARTE — Não... Foi a fase do Partido Popular...

RN/ECONÔMICO — Qual era o

da, um grande exemplo de brasilidade

seu colégio, que prestigiou seu caminhar nos primeiros e mais difíceis passos.

Há os que não esquecem. Há, infelizmente, os que não lembram. Que falar sobre Dinarte Mariz, nesta significativa data? Lembrar o patriota da Serra do Doutor? O criador da Universidade? O criador do Tribunal de Contas? O construtor de ginásios, hospitais, maternidades, escolas, estradas, todo um somatório de grandes realizações, quando nossa arrecadação era nada e quando não havia os grandes convênios, os programas milionários, a presença maciça do Governo Federal em nossos problemas? E por que não lembrar o menino humilde, que no seu Caicó tão amado e nunca esquecido, aprendeu o ABC à luz da lamparina fumegante? Por que não lembrar o adolescente que jamais frequentou faculdades e enquanto seus colegas gozavam a juventude, ele se entregava ao trabalho da agricultura, do comércio e da pecuária? Por que não recordar o

homem, cuja vocação para a vida pública, nasceu com ele? Prefeito do Caicó muito jovem. Líder de toda uma região, de todo um povo, de todo um Estado. Senador da República em 1954. Governador do Estado, em 1956. Novamente Senador em 1962. Reeleito consecutivamente em 70, 76 e 82. Vale registrar que em 1960, Dinarte Mariz foi alvo da campanha mais difamatória, mais suja, mais soez, mais baixa de toda história política do Rio Grande do Norte, mas, desfeita a trama, dois anos depois, ele voltava triunfalmente nos braços do povo ao qual sempre amou e pelo qual sempre foi amado.

Durante todos os mandatos exercidos, jamais um instante de tergiversação, de dúvidas, de incoerência. Lutou a boa luta sempre na linha de frente. Nunca posicionou-se na retaguarda ou em cima do muro. No Congresso Nacional foi tudo. Ocupou as posições mais importantes, embora sem jamais postular a Presidência do Senado.

Foi relator das matérias mais importantes que tramitaram pela Alta Câmara. Plano de paridade e reclassificação do funcionalismo público. Aumento de vencimentos do funcionalismo público federal. Desmembramento do Estado da Guanabara do Rio de Janeiro. Vice-Líder para Assuntos das Forças Armadas. Presidente da Comissão do Distrito Federal. Presidente da Comissão de Segurança Nacional.

Isto, contudo, não é um «curriculum vitae». Apenas e tão somente, o desejo de um humilde jornalista de província, manifestar todo seu apreço, toda sua gratidão, todo seu bem-querer, pelo seu líder, pelo seu ídolo, por aquele a quem ele segue ao longo de 36 anos de militância política. Dinarte Mariz está acima de todas as legendas partidárias. Está acima das idiosincrasias pessoais, porque ele é o próprio povo do Rio Grande do Norte. Porque ele é o próprio Rio Grande do Norte. (Eugênio Neto é da equipe de repórteres políticos de A República).

Reconciliação com Aluízio? “Já passou o tempo...”

outro Partido?

DINARTE — O outro era uma aliança que eles fizeram, Café com... não tenho bem a idéia... A campanha tomou um rumo muito agressivo e o nosso povo só conhecia o adversário por Pela Bucho. E não se conhecia nem a sigla do Partido...

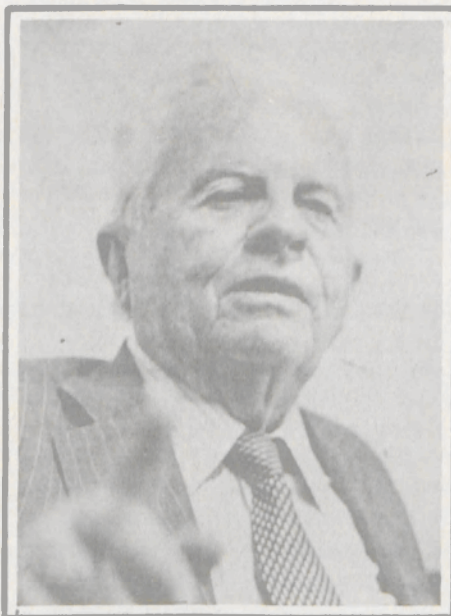
RN/ECONÔMICO — João Câmara foi desse tempo?

DINARTE — João foi nosso companheiro. Uma grande figura. Foi um dos homens mais interessantes do setor econômico do Rio Grande do Norte. Um empresário extraordinário: eu o vi próspero, eu o vi falido e vi a volta dele poderosamente, dominando o poder econômico. Fui ligadíssimo a ele. Quando nós organizamos a UDN, nós tínhamos uma aliança — eu, ele e Djalma Marinho. Djalma tinha sido contra nós. Tinha ficado com Mário Câmara naquela época. Nós fizemos uma espécie de compromisso, de só tomarmos parte política de acordo. Mas quando veio a democratização, eu passei uns 400 e tantos telegramas aqui pró Rio Grande do Norte, que era até apelidado de «condizente». Porque o telegrama sempre começava assim: “Condizente com o seu passado político...” Mas para você saber a nossa força política naquele tempo, eram 45 ou 47 municípios, se não estou enganado, mas 41 prefeitos pediram demissão para ficar conosco. Nós éramos donos do Estado. Agora, me decidi porque: primeiro, porque eu estava conspirando contra a ditadura e não tinha lógica que eu fosse pró Partido do Getúlio naquela época. Então, ficamos contra, organizamos a UDN. Quem botou Monseñor Mata na política fui eu, fui buscá-lo no Seminário. Tem umas coisas que... Por exemplo: muita gente acha lá no Sul que eu sou um homem de direita. Eu acho que ninguém é mais socialista do que eu. Pelo comportamento. Eu tenho um comportamento, desde menino, todo dele, determinado, pois tudo o que fiz dividi com o povo. Ainda hoje, ao voltar para minha fazenda, encontrei os moradores morando em casa de barro, casa de taipa como nós chamamos. Ambiente em que nasci e morei até os 13 anos. Mas achei que hoje o ambiente não era para aquilo. E acabei com 43 casas de taipa e construí tudo

em alvenaria, ladrilhada, morador meu não mora mais em casa de taipa, mora numa casinha de 8x9. As casas que o Governo faz aqui cabem dentro. E estou fazendo isso à custa de empréstimo.

RN/ECONÔMICO — O Senhor admite, quando chega aos 80 anos, uma reconciliação com o Dr. Aluízio Alves?

DINARTE — Passou do tempo. Não há mais condições. Você precisa chegar e dizer: e você que ama tanto o Rio Grande do Norte e por ele tem passado os momentos mais arriscados e por que se recusa, se isso pode



significar um bem para o Rio Grande do Norte? Na minha imaginação eu respondi: não existe isso. Nosso reencontro não daria em nada. Ao contrário. Talvez deixasse uma dúvida, uma interrogação no meu julgamento histórico.

RN/ECONÔMICO — E que dúvida seria essa?

DINARTE — A de que isso só podia nascer de interesse. Então, se eu chegasse a isso, poderia. Certa vez eu dei uma resposta a Magalhães (Magalhães Pinto, ex-Governador de Minas), que não sei se devia ter dado coitado, porque ele insistia nessa reconciliação. Aí eu disse: não dá mais tempo. Ele perguntou o porquê. Eu respondi que, nessa altura da vida, se eu perder a vergonha, não dá tempo para encontrar mais. Muita gente acha, tal e tal. Está registrado nos

anais do Senado, que o primeiro camarada, o primeiro congressista, o primeiro homem público que propôs anistia para os que estavam cassados e fora do nosso País, fui eu. Morreu na Comissão de Justiça porque disseram que eu não tinha competência para tomar essa iniciativa.

RN/ECONÔMICO — Os políticos mais promissores entre os novos, no Rio Grande do Norte, quais são?

DINARTE — Eu não digo nem os mais. Digo o mais. Na minha opinião, é o Governador, o José Agripino. E eu posso dizer isso porque, aos 80 anos, eu jamais falaria para agradar, não é? Mas é pela convivência que tenho com ele. Acho um homem altamente competente, humano.

RN/ECONÔMICO — Mas além dele?

DINARTE — Tem muitos... (hesita) Eu acho Faustino um homem interessante...

RN/ECONÔMICO — E estes novos, na Assembléia? O Márcio Marinho, por exemplo?

DINARTE — O Márcio é um encanto de cidadão, um homem não só inteligente, como um homem boníssimo. Lá em Caicó, nos temos um homem muito interessante que é o Vivaldo Costa. Um homem sério, que tem sua liderança. E é, sobretudo, um homem sério. Não tem nenhuma dúvida que é um homem altamente representativo. Do nosso lado tem um rapaz que eu acho com muita esperança de uma liderança política, que é o Carlos Augusto. Acho o Carlos um camarada que tem muitas qualidades. Já está no segundo mandato... Do lado da Oposição, o que eu vejo realmente é o sobrinho de Aluízio, o Garibaldi...

RN/ECONÔMICO — E o Paulo de Tarso?

DINARTE — Dizem que é um rapaz talentoso. Eu ainda não convivi com ele. Mas dizem que tem muito talento, deve ter saído da mãe dele. Eu até estou querendo fazer uma coisa agora, um levantamento da primeira assembléia do Partido Popular e tenho a impressão que a única sobrevivente é a Maria do Céu. Aliás, eu sempre defendi muito a participação da mulher na vida pública. Tanto que, no meu Governo... eu tenho a impressão que fui o primeiro Governador que nomeou uma mulher para um cargo de alto destaque, que foi para o Tribunal de Contas, a nossa Lindalva. Tenho impressão de ter sido a primeira mulher a ocupar um cargo assim. Sempre tive essa preo-

ESTE MERECE PASSAR DOS 80.

Quando governou o Rio Grande do Norte, ele criou entidades como a Universidade e o Tribunal de Contas.

Desde 1963, é um dos nossos mais destacados representantes no Senado, onde foi, por duas vezes, Secretário Geral.

É um lutador incansável. Contestado, amado, sempre despertou paixões. Indiferença, jamais.

Homem de muitos correligionários e de muitos adversários políticos, jamais fugiu ao diálogo. Uns e outros, sem distinção partidária, sempre tiveram acesso ao seu Gabinete e até mesmo à sua residência.

Página viva da história norte-riograndense e da própria vida nacional, Dinarte de Medeiros Mariz é merecedor de toda a nossa homenagem. E das manifestações do seu povo na festa dos seus 80 anos.

 **bandern**
BANCO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE S.A.

“Quando chegar o momento, ou é democrático ou não é”

cupação. Quando eu ia organizar uma chapa tinha três preocupações: botar um estudante, um operário e uma mulher. Sempre tive essa preocupação.

RN/ECONÔMICO — O Senhor já previa o futuro?

DINARTE — Não. Eu acho que são elementos da sociedade que devem estar presentes. Eu tenho mais de dez anos, muito mais de dez anos, que advogo no Senado a homogeneização do salário no Brasil. Quando Marcos Freire chegou pensou que era uma novidade, fez um discurso, defendendo. Então eu fiz um aparte, dizendo que ele estava secundando uma idéia minha de muitos anos. Eu acho um absurdo que um operário aqui, onde a vida é mais cara e o emprego mais carente, ganhar menos do que o de São Paulo. Aqui o operário, quando tem três dias de serviço por

semana ele arrasou-se. E em São Paulo não, tem emprego muito mais fácil. E por que a vida aqui é mais cara? E o salário mínimo? Eu digo sempre que o salário mínimo é o relógio do estômago do operário. Eu acho isso cruel, quando o sujeito diz que, se for assim, como se pode levantar o Nordeste com a mão-de-obra encarecida? Eu digo se, para levantar o Nordeste precisar escravizar o estômago do operário, é preferível que ele fique assim.

RN/ECONÔMICO — Senador, o PDS do Rio Grande do Norte está unido, mesmo na hipótese dos dois candidatos a Presidente, Andreazza e Maluf?

DINARTE — Eu creio. Nós temos hoje no Estado um dever muito grande do problema político para prestigiar o Governador. E ele tem deveres. Mas todos nós estamos compro-

metidos. Mas agora, quando chegar o momento, ou o regime é democrático ou não é e o regime de abertura não existe. O Presidente já disse muitas vezes, com aqueles termos realistas que ele gosta muito de empregar que, quem ganhar leva, estimulando até a luta dentro do Partido.

RN/ECONÔMICO — Esses candidatos do PDS, para o consenso do Partido, qual o mais viável?

DINARTE — Para o consenso eu não sei. Agora mesmo eu estive com o Aureliano, um velho amigo. Eu disse que achava que a candidatura seria um milagre. A gente sente que não há essa inclinação do Governo. Quando ele me disse que não ia pleitear, eu disse que não pleiteasse.

RN/ECONÔMICO — E ele disse?

DINARTE — Disse. E disse que só tinha uma hipótese: era se o Presidente tomasse a iniciativa e ele não tinha de se movimentar. Do contrário não iria para uma campanha em torno do nome dele.

RN/ECONÔMICO — Como o Senador vê, de cima dos seus 80 anos,

Quanto é difícil abranger num registro a grande personalidade de um líder

Conheço Dinarte desde 1941, quando cheguei ao Seridó para exercer a Promotoria de Jardim. Tive o privilégio de ser seu amigo e a satisfação de conservar tão longo período de convívio que os anos não arrefeceram, antes sedimentaram, sem atritos ou divergências. Além dos sentimentos pessoais, um elo muito forte nos aproxima: a eterna memória de Rui, uma das mais extraordinárias figuras que conheci, seu irmão, cuja morte prematura me dói fundamente até hoje. Quando recusei ser candidato ao Governo do Estado contra Dinarte, mesmo sabendo que isto encerraria minhas ambições políticas, agi em função de uma fidelidade ética que os políticos nunca entenderam, nem entenderão, porque inspirada no espírito de renúncia e nos valores morais de uma

postura boêmia inconciliável com a feroz disputa pelo Poder. Não podia desfazer aqueles laços com um insensato e malicioso procedimento, no qual abastardaria meus princípios, meus critérios e juízos de valor.

É impossível abranger, num simples registro, a exuberante personalidade de Dinarte. A lição de sua vida aqui terá que ser interpretada e captada através de projeções oriundas de sua presença nas atividades do Estado e do País, dado que a análise de cada episódio seria estafante e até inviável. Afinal, as comemorações de seu aniversário não traduzem uma glorificação ao homem, mas ao que ele representa, suas idéias, suas lutas, seu civismo, sua coragem, suas virtudes, seus defeitos, componentes

da liderança que mantém há mais de cinquenta anos e é edificante para as futuras gerações. Ele se constitui, pela energia e pelo dinamismo, o centro de eventos importantes para o Estado, irradiando por esse longo período a marca de sua presença em tudo quanto, de mais transcendente, sucedeu em nossa província a partir de 1930.

Dinarte é, antes de tudo, um homem de ação e de trabalho, em que não sacrificou entranhados sentimentos de generosidade e solidariedade ao próximo. Tornando-se muito cedo uma personalidade nacional, capitalizou sempre seu prestígio para os problemas e dificuldades do Estado natal. Este é o núcleo de suas atividades de homem público, do qual dimanam suas outras características. De fato, esse núcleo pressupõe espírito de retidão, bondade, justiça e caráter.

É impressionante a veemência com que preserva essa identidade, sem dúvida o segredo de sua longa e indiscutível liderança. E na idade a que chega em pleno vigor, creio não ter de se lamentar, como o filósofo para quem o que torna a lembrança do passado por vezes

a liderança jovem do Senador Carlos Alberto?

DINARTE — O Carlos tem tido uma vida pública muito apressada. Eu chamo apressada. E na vida privada, parece que tem até uma lei de Física: aquilo que ganha em velocidade, perde em força. De maneira que em muitas ocasiões o excesso de velocidade torna mais frágil o produto, ele perde um pouco a força. Não sei se isso se ajusta ao problema político. Mas eu o acho um homem inte-

ressante. Ele realmente fez uma conquista que, no Rio Grande do Norte, é a primeira vez, um político conseguir tantas posições. Ele não é tão bobo. Só está um pouco vaidoso, e é natural, porque naquela idade chegar a um cargo tão importante.

RN/ECONÔMICO — E o destino dos Rosado na política do Estado? Eles vão continuar desgarrados ou se comporão com outros grupos tradicionais?

DINARTE — Eu não tenho idéia.

Eu sempre fui muito amigo dos Rosado. Você sabe que eu fui para o Governo, fui contra os Rosado, eles tinham outro candidato. Mas eu sempre trazia na minha mente, a imagem dos companheiros que eles foram, homens honrados. Então, a minha primeira preocupação foi procurar atrair os Rosado para meu esquema político. O que não foi muito fácil, o que só foi possível graças a interferência de Dix-huit que era muito ligado a mim. Você deve se lembrar que eu fiz, contra grande parte do Partido, eu fiz Dix-huit candidato a Senador e lutei muito para elegê-lo. Eu tenho por ele uma grande estima pessoal. Não tenho nenhuma idéia, porque não tenho convivido com ele de certo tempo para cá. Mas eu gostaria de vê-los todos identificados com nosso sistema político.

RN/ECONÔMICO — A melhor lição que o Senador tirou da política.

DINARTE — A política, para mim, foi uma grande escola. Ela me deu oportunidade de fazer alguma coisa pela Humanidade. Eu acho que o homem só se realiza quando ele é con-



tão dolorosa, não é a mudança dos outros para conosco, mas as mudanças em nós mesmos. Por que continua jovem aos 80 anos? Porque “a juventude não é maior que a surpresa da vida e quem não a sente mais, já não é jovem, e enquanto ela durar existe mocidade”, como é o seu exemplo. Suas atitudes conciliatórias dos últimos anos revelam que o coração continua uma colméia de favos cheios e perfumados e não cavidades desertas e ressequidas, que Nabuco identificava nas almas amarguradas. A idade não o isolou, antes é um homem vitavelmente feliz para quem talvez, na afirmação do poeta, o entardecer seja mais doce ao coração do que a manhã, por causa da noite estrelada que vai chegando.

Isto é tanto mais admirável,

quando sabemos que Dinarte, como todo homem público neste País e principalmente entre nós, sofreu as mais iníquas ofensas e calúnias. Ele não escapou à inexorabilidade da política que exige o batismo do ódio, como a religião o batismo da água e à guerra, o do fogo, para chegar ao sucesso. Todavia é certo que os “caluniadores empurram, sem o saber, encosta acima, o carro que os entusiastas, sem auxílio, não poderiam arrastar”. A dor plasma um ser, na mocidade, em cera, mas o cinzela, na velhice, em mármore. Dinarte é, aos 80 anos, um homem sereno, tranquilo, compreensivo, sem ódio ou rancor no coração. É esta imagem de grande nobreza que as futuras gerações vão guardar e respeitar.

Quando imaginamos o Velho,

ainda muito moço, não na escola, mas nas atividades do comércio para os quais o impelia uma inelutável vocação de empresário, lembramo-nos das palavras de Demétrio a um rapaz diligente e trabalhador, inimigo do ócio: contínuai, mancebo, e á noite da vossa velhice achareis a ceia bem feita e a mesa posta. Comenta o Pe. Manoel Bernardes que esta assertiva concorda com a sentença de Xenofonte, segundo a qual o trabalho e diligência eram o cozinhado da boa velhice, quando a velhice pobre e desamparada ordinariamente é consequência da mocidade ociosa e inerte, porque como há-de achar o alqueire cheio quem se assentou sobre ele vazio?

O Velho, por sua vida e dedicação a seus ideais, tem hoje a ceia bem feita e a mesa posta. Mas é necessário meditar na parábola dos três amigos proposta pelo anacoreta D. Barlaão ao príncipe Josafat: o primeiro, que não foi considerado jamais, é que se revelou solidário na hora da dor e da dificuldade.

**RAIMUNDO SOARES
DE SOUSA**

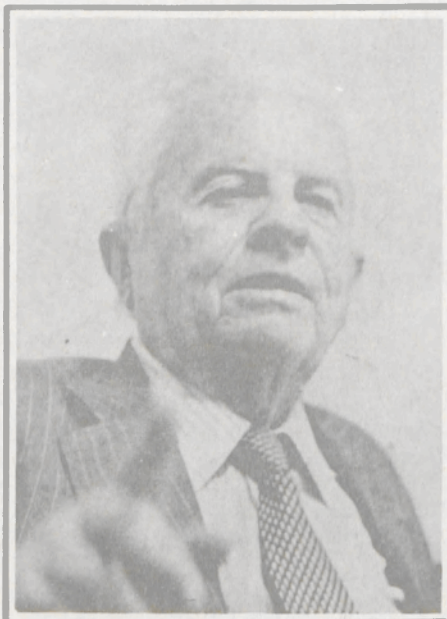
“Até estudaria, hoje, mudar regime presidencialista”

vencido de que foi útil. Eu digo sempre que na minha mocidade eu servia por dever e, na minha velhice, isso se tornou uma religião. De maneira que, nessa arte, eu sou meio assim. Eu durmo bem no dia em que posso propiciar um benefício a uma pessoa. Como político eu digo que sempre pedi a favor de uma pessoa, raramente contra. E se eu pedi contra, não foi contra a pessoa, mas contra o sistema. Com os comunistas, eu já disse que não sou contra eles, mas contra a idéia e convivo muito bem com muitos deles. Já estive em muitos países comunistas e nunca senti que podia agasalhar-me tranquilamente em nenhum deles. Cada vez que visitava um país comunista mais me tornava anticomunista.

RN/ECONÔMICO — Com a vivência em Brasília, acredita que o regime presidencialista vai perdurar?

DINARTE — Segundo a minha opinião, hoje eu até estudaria a conveniência de nós mudarmos o sistema

político. Se nós analisarmos o regime presidencialista, através do sis-



tema republicano, o que nós vamos encontrar? Revoluções seguidas, en-

tremeadas de suicídios, de renúncias seguidas, deposições. Mas não tenho nenhuma idéia do que substituir, confesso a você. A experiência parlamentarista que nós temos não foi uma inclinação do povo, foi uma maneira de contornar uma crise e logo em seguida o próprio Presidente usou de um ardid para botar o regime abaixo. O Jango nunca aceitou.

RN/ECONÔMICO — Já que o Senhor falou na possibilidade de um regime socialista de esquerda, acha alguma diferença entre a militância das esquerdas atuais, no Brasil e a de antes de 1964?

DINARTE — Na minha opinião, todo comunista é parecido com o outro. A ligação é a mesma, a repetição dos mesmos slogans, a mesma maneira de agir e falar. Muita gente acha que não há perigo de um regime comunista no Brasil. Eu acho que há. Nós fizemos a Revolução contra o comunismo e contra a corrupção. Hoje, os comunistas todos voltaram e a corrupção virou negócio. Mas todos os países capitalistas do mundo passaram pelo que o Brasil está passando. Os Estados Unidos sofreram e superaram, apesar da sua divisão. Mas hoje, nós somos um Estado. Quanto ao comunismo, ele nunca deixou de ser organizado. Há o comunismo da imprensa. Que é muito bem organizado, que fala na organização, nos grupos, etc. Mas temos outro invisível e esse é o pior, que está sempre em toda parte, na educação, se infiltrando na educação. Aquele marinheiro, que se infiltrou e precipitou a queda de Jango, você sabe o que ele era?

RN/ECONÔMICO — O Cabo Anselmo. Dizem que era um agente duplo.

DINARTE — Não. Era um estudante. Foi levado para aquele setor. Comunista é uma idéia subversiva e não pára. É comunista, porque é subversiva. Vai pegando os descontentes, etc. Eu respeito muito mais o comunista do que o explorador. Todo estudante foi revolucionário. E aí do país que não tiver uma classe assim. O estudante tem de ser contestador, é como a criança que não sabe que o fogo queima. Depois, vai se tornando mais amadurecido, etc. Você sabe que 90% dos comunistas do Brasil pertencem à classe média? Não se vê operário comunista. Porque o filho do operário, quando se educa, já conseguiu muita coisa.

RN/ECONÔMICO — Que mensagem o Senhor manda aos políticos do Estado quando completa 80 anos de

A mensagem de Agripino

“Homem de fala mansa, Dinarte Mariz não hesita em ser até arrogante, quando em discussão se encontram questões que nos dizem respeito.

Dentro dessa perspectiva, Dinarte não vê obstáculos, não teme dificuldades, não se amedronta com o que possa até parecer impossível. Mesmo que isso possa prejudicá-lo na imagem nacional que conquistou, tudo ele põe à parte, colocando acima de qualquer coisa a defesa dos interesses, mesmo que eles sejam só nossos, fazendo de sua vida um pontilhado de atitudes corajosas. Falo na sua coragem de ser. Poucos homens pudemos conhecer iguais a ele, que tenham uma disposição interior de arrostar, se preciso o imprevisível, procurando soluções e enfrentando o duro diálogo, no sentido de, com os instrumentos ao seu alcance, conseguir caminhos que venham abrir realidades melhores para o destino do povo que o sabe líder, provado ao longo de mais de 50 anos de militância político-partidária”.

Dinarte — extraordinária figura humana

Dinarte completa 80 anos de idade.

A família, os amigos, o Rio Grande do Norte, prestam-lhe as homenagens merecidas.

Pedem-me, umas palavras sobre o velho. É o que faço.

Há longos anos, antes de 30, eu, menino, ouvia falar de Dinarte Mariz, comerciante moço, próspero e inteligente que na nossa vizinhança, mais precisamente em Caicó, exercia suas atividades. Era, evidentemente, a liderança empresarial e política que despontava no Seridó. Comprava algodão, peles e produtos regionais. Como comprador, tinha hábitos curiosos. Ele é quem conta. Nas horas de crise financeira, quando não dispunha de dinheiro para os compromissos da feira, em vez de fugir, como se costumava fazer, procurava os credores para justificar a situação. O resultado é que comprava mais algodão que seus concorrentes, talvez com mais dinheiro e poder. É que o jovem empresário, ao lado da capacidade de trabalho, do tino comercial, possuía um profundo sentimento de responsabilidade em cumprimento da palavra, legado pelo velho Mariz, seu pai. E com essas características pessoais que jamais desonrou, foi subindo. Ainda é ele quem narra que, nessa época, tendo feito uma sociedade e diante do resultado do balanço a mostrar que suas retiradas eram superiores às de seu sócio, porque, generoso como sempre foi, gastava muito mais, observou que aquilo era injusto e resolveu só por isto retirar-se da sociedade. Contra os protestos do sócio que, inclusive, queria dar-lhe uma indenização, respondeu: "Daqui só quero tirar o paletó". Começou tudo de novo e findou por constituir uma sólida organização comercial — a Exportadora Dinarte Mariz — depois sacrificada quando ingressou na vida pública.

Esta extraordinária figura humana tem dotes singulares, dos quais destacaria a capacidade gerencial que explica o sucesso do empresário, a generosidade, a

TARCISIO MAIA

bravura pessoal e solidariedade aos amigos, em cuja defesa chega até ao sacrifício. Muito acertadamente dizia Djalma Marinho: "Dinarte é um homem solidário" — Estive ao seu lado em muitas campanhas políticas marcadas pela exaltação e pela violência. Em algumas ocasiões corremos efetivos riscos de vida e nunca vi nele uma atitude de fraqueza ou temor. Pelo contrário lembro sua figura, dominando o perigo e as ameaças com indiferença e desprezo, e repelindo as agressões com energia e altivez de bravo.

Em 1930 Dinarte inicia suas atividades políticas, mostrando logo que, para ele, a política não era simplesmente um jogo eleitoral ou de posições, mas a preocupação permanente de realizar, através dela, o bem comum. Entrava na vida pública numa época particularmente agitada, cujas fontes iriam desaguar na Revolução de 30. Muito moço ainda, sob o impulso de sua idéia generosa, aliou-se ao movimento contra os grandes líderes estaduais na época, em atitude de desafio e afirmação que é uma de suas virtudes. Prefeito de Caicó, foi este o primeiro cargo na escala ascendente das suas posições políticas. Em 1934 foi um dos fundadores do Partido Popular, reencontrando-se com José Augusto, Juvenal Lamartine, Elói de Souza e tantas outras figuras. Integrou-se de corpo e alma naquela memorável campanha que levou Rafael Fernandes ao Governo do Estado.

Depois disto, consolidou-se definitivamente a liderança política de Dinarte pelo reconhecimento público de suas qualidades e valores. O magnetismo pessoal, a coragem, a inteligência, o despreendimento, a generosidade, fizeram dele o comandante incontestado da legião que o segue até hoje.

O que é importante assinalar é que esta liderança emergiu com características singulares, pois Dinarte, ao afirmá-la, não era detentor de qualquer cargo eletivo.

Foi a oportunidade em que ele se impôs por sua capacidade natural de dirigir e liderar, tendo adquirido tal controle e poder de isenção que jamais o abandonaria o espírito de renúncia, quando a seus próprios pontos de vista se opusessem outras idéias mais úteis ao Estado.

As preocupações da absorvente atividade política não o afastaram de uma zelosa dedicação para com a família, em cujas necessidades estava sempre presente. Não apenas a mulher e filhos, mas sobrinhos, irmãos, parentes tinham sua paternal assistência moral e material, na educação, na alegria, na doença, no sofrimento, na confiança do futuro, para o qual os preparava como chefe e amigo.

Aos oitenta anos, Dinarte é um admirável exemplo de vitalidade e lucidez, conservando em suas mãos com firmeza a liderança que mantém há cinquenta anos. É uma das mais ricas vidas políticas de nosso Estado, com a peculiaridade de atingir essa idade na plenitude de sua atividade e com uma larga experiência que utiliza tão bem em favor do Estado e do País. Nenhum homem público entre nós conseguiu marcar por tanto tempo a passagem da história com sua presença. Pedro Velho, Juvenal Lamartine, José Augusto, Georgino, Café Filho, todos mais cedo foram tragados pela voragem inflexível do tempo. Mas aí está Dinarte, como uma árvore frondosa e quase secular, dando agasalho e fruto a tantas gerações que se abrigaram à sua sombra.

Somos amigos a vida inteira e, malgrado divergências naturais, mais nos aproximamos com elas, porque se fundaram sempre na discussão do melhor caminho ou da melhor escolha, que atendesse aos interesses do povo do nosso Estado.

Como seu amigo, orgulha-me vê-lo, hoje, em pleno vigor, cercado do carinho de sua família, da estima de seus inúmeros amigos e do respeito de todo o Rio Grande do Norte. Que Deus o conserve por muitos anos, pois muito ainda poderá servir a seus concidadãos.

Mensagem aos moços: “Eu creio muito no futuro”

idade?

DINARTE — Eu só tenho uma mensagem que possa levar aos moços. Eu sou um homem que creio no futuro do Estado. E o futuro do Estado só se constrói com capacidade e idealismo. Eu digo sempre que o idealista tem sua vida povoada de sonhos. E o que é a vida senão a ilusão? Mas a ilusão do coração deve ser a de servir. Se o sujeito se capacita de que o seu dever é servir a sua terra, então ele vai procurar os caminhos para servir à sua terra. Eu acho que se eu pudesse levar uma mensagem a essa geração mais nova levaria a mensagem de servir ao Rio Grande do Norte. Eu digo sempre que a minha vida pública começa em Caicó. Depois de Caicó, vem o Rio Grande do Norte e, seguida, o Brasil. Então todo o homem público deve ter amor a sua origem. E os mais moços

devem se organizar para defender o seu Estado. Defender principalmente com idealismo. A política é a profissão mais nobre que o homem possa exercer. Muitos a fazem com interesse, outros por vaidades... Mas o político mesmo que tem vocação ele vai para servir à sua terra, porque todos nós construímos o mundo onde nós vamos viver. Então se dentro da sociedade você conseguir uma liderança, e daí é que parte a vida pública — porque você começa a convivência do lar e depois no agrupamento, até transformar a convivência quase universal. Então, eu diria aos moços que eles devem se capacitar para servir à sua terra.

RN/ECONÔMICO — Senador, os melhores projetos que apresentou em favor do Rio Grande do Norte? Podemos adiantar logo o da Universidade Federal do Rio Grande do Norte?



Os detalhes de um comício da saudade

Era excessivamente tenso o clima político de Caicó em 1968.

Em 28 de outubro do ano anterior fora assassinado o mais popular líder dinartista da Região do Seridó, o Deputado Estadual Carlindo Dantas. O crime aprofundara o fosso de separação entre as duas sublegendas municipais da ARENA (Aliança Renovadora Nacional), uma, denominada Arena Vermelha, dos liderados do Senador Dinarte Mariz; a outra, Arena Verde, dos liderados do Governador Walfredo Gurgel.

A exaltação política dominava em toda parte, na cidade e no campo. Não se discutia outra coisa a não ser o assassinato do Deputado. As agressões, insultos e provocações repetiam-se a todo instante. Pouco faltou para o desencadeamento de uma verdadeira guerra civil municipal!

Em meio a esse carregado ambiente, um grupo de amigos resolveu indicar o meu nome às eleições de 15 de novembro de 1968 como candidato a Prefeito.

Iniciava-se a mais áspera e mo-

vimentada campanha política já registrada em Caicó. O resultado final, dando-me a vitória por diferença de 76 votos, confirma o forte equilíbrio das forças em luta.

O Senador Dinarte Mariz procurou o Governador Walfredo Gurgel a quem relatou o agitado clima político em que vivia o município, solicitando algumas providências para a elucidação do crime que vitimara Carlindo e Anibal. Na ocasião, entretanto, combinaram não participar da campanha de Caicó, naquele ano. Nenhum dos dois viria ao município tomar parte em comício ou qualquer outra promoção da propaganda eleitoral em favor dos seus candidatos.

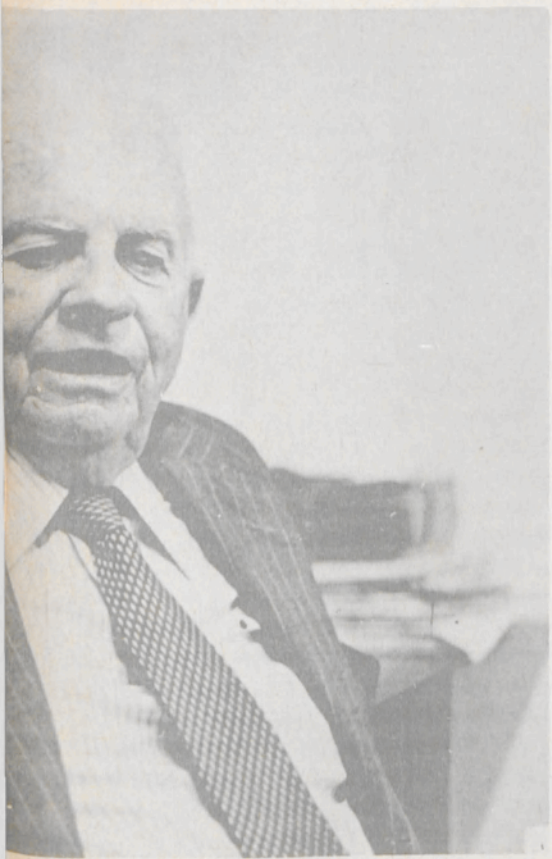
Na época, o Senador nada revelou a seus correligionários. Os dias se passavam, cada vez mais agitados pela intensa propaganda do adversário, que, nos comícios, vinha sustentando que a nossa sublegenda não contava com o apoio de Dinarte, apontando como prova o fato de não ter o Senador participado de um só comício durante a campanha.

Raimundo Carlos, pai de Carlindo, umas duas semanas antes da missa de 1.º aniversário da morte de seu filho, comunicou-me que Dinarte confirmara a sua presença em Caicó no dia 28 de outubro.

Reuni a minha equipe e, contrariando a opinião de muitos, que julgavam inconveniente a realização de comício naquela data, determinei a organização para a noite do dia 28, do Comício da Saudade, onde não haveria charangas nem foguetes, e tudo seria executado com muita compenetração e religiosidade, de modo a não ofender o espírito de contrição em que se encontravam naquele dia os familiares, amigos e correligionários do médico morto.

A verdade é que nenhum de nós sabia do acordo de Dinarte com Walfredo. Os adversários certamente o conheciam, porque logo tomaram conhecimento de que nos comícios eu começara a convidar o povo para a concentração do dia 28, assegurando a presença do Senador, intensificaram a campanha sustentando que ele não viria, desafiando a todos nós para vultosas apostas.

A cidade agitava-se agora nessa expectativa: vem, não vem, vem mas não comparecerá ao comício!



DINARTE — Eu posso dizer que o meu Governo foi como eu disse há pouco: foi o último Governo, o resto foi gerente. Então não se cria nada dentro de um sistema desses a não ser por idealismo. Eu criei a Universidade sem recursos. O meu grande auxiliar, o homem que me ajudou, foi Onofre, embora você saiba que a responsabilidade é sempre do Governador. Mas eu vivi a crise da nossa Universidade e tive colaborações individuais muito úteis. Os recursos eram tão limitados, que eu não pude incluir no orçamento as despesas com a Universidade. Na época eu disse isso a Onofre e ele respondeu dizendo que eu não iria criar a Universidade. Eu respondi que, como tinha maioria na Assembléia, toda vez que houvesse uma despesa, eu iria mandar uma mensagem, porque se essa despesa constasse no orçamento o povo me derrubaria. Eu criei também o Instituto de Educação no interior que ainda hoje, depois de 20 anos, são os melhores em Caicó e em Mossoró. Criei ao lado do Instituto de Educação uma escola artesanal que agora é que estão pensando em equipar, tantos anos depois. Levei o primeiro ginásio para o interior do Estado. De maneira que acho que com relação à cultura e à Educação ninguém defendeu mais do que eu. Quando eu cheguei no Rio Grande do Norte, Cascudo, a nossa glória da cultura do Rio Grande do Norte, era funcionário burocrático do Tribunal de Contas. Achei um insulto para a cultura do Rio Grande do Norte. E mandei uma mensagem criando um lugar que correspondia a desembargador. Todo mundo perguntava para quem era aquele cargo e eu não dizia. Quando foi aprovada, mandei chamar Cascudo em Palácio. E disse que ele na quinta-feira devia ir a Palácio para tomar posse como consultor jurídico do Estado. Ele disse: “Você está doido? Dizem que eu me formei em Direito, mas eu nem me lembro mais disso!” Eu disse que só quem podia ser consultado, para o que eu queria, era ele mesmo. Respondeu: “É mentira, mas é gostosa”. Depois tivemos o nosso Teatro (o Alberto Maranhão) que está aí. Com o idealismo de Mei-

Contra-ataquei, incitando meus correligionários a fecharem as apostas, ao mesmo tempo em que lhes pedia que, com o dinheiro que nelas ganhassem, ajudassem nas despesas da campanha.

Dinarte veio. Chegou de avião ao amanhecer do dia 28. Ainda no aeroporto nos informou que teria de retornar às quinze horas, impreterivelmente! Pânico geral. Apelos e pedidos. Todos em um só refrão, aflitos: “Se o senhor não falar nesse comício perderemos as eleições!” Ao meio-dia o Senador decidiu ficar.

No comício, um dos maiores já realizados em Caicó, o seu discurso foi esplendoroso. Depois de fazer uma bela saudação a Caicó e seu povo, rememorando fatos de sua própria vida pública e agradecendo a Deus a honra com que o povo o tinha distinguido, elegendo-o sucessivamente para ocupar os mais elevados cargos, passou à apologia do candidato a Prefeito, de Milton Marinho, também presente, e de Carlindo Dantas, a grande saudade. Deveu-se longamente em considerações a respeito de centenas de pedidos e apelos que recebera para comparecer ao comício: “Eu estaria sendo profundamente desleal se não tivesse comparecido a este comício, por-

que aqui em Caicó eu nunca impunha, quem manda é o povo, quem diz o que eu devo fazer é o povo. Sempre foi assim e nesta hora de evocações não podia ser diferente”. Sob tantos aplausos, quando se tornava quase incontrolável o delírio popular da massa que superlotava a praça, o Senador anunciou que tinha duas importantíssimas revelações a transmitir. Silêncio geral.

— Carlindo — prosseguiu — na última visita que me fez no Rio de Janeiro, quando eu estava hospitalizado, comunicou-me já ter escolhido Chiquinho para seu candidato a Prefeito de Caicó, pois ele poderia não ser o melhor candidato, mas certamente seria o melhor Prefeito.

Terminados os aplausos, a segunda revelação:

— Procurei o Governador Walfredo Gurgel e com ele conversei longamente sobre o crime que manchou de sangue a nossa terra. O Governador relatou-me todas as providências já tomadas para a elucidação dos fatos e prisão dos criminosos.

Não tocou no acordo, mas elogiou o comportamento isento do Governador a respeito da sangrenta ocorrência. Afinal, justificou: “Resolvi não participar da atual

campanha, porque em muitos municípios iria encontrar correligionários meus disputando o mesmo cargo por sublegendas diferentes”.

E concluiu enfático: “Mas aqui em Caicó é diferente. Todas as noites estarei falando a vocês através das palavras de Chiquinho: cada palavra que ele disser será a reprodução fiel do meu próprio pensamento nesta campanha”.

Havia realmente o acordo. Só muito depois soube de seus detalhes.

Para mim foi ótimo. Na semana seguinte ao comício recebi dezenas de ajudas em dinheiro para a campanha, contribuições valiosíssimas para custeio das despesas do dia da eleição, provenientes dos amigos que ganharam apostas! Desconheço na longa e agitada vida política de Caicó comício que tenha provocado maior repercussão. E o próprio Senador Dinarte Mariz, que há mais de 54 anos vive em plena campanha política jamais terá participado de comício de resultados tão consideráveis. O Comício da Saudade ganhou a eleição.

**FRANCISCO DE ASSIS
MEDEIROS**

EX-PREFEITO DE CAICÓ

“Sou o político que menos cuidou da própria vida”

ra Pires, garanti que ia recompor e levantar o prédio. Ele fez muitas exigências. Mas eu disse que não podia ser como ele queria. Chamei um engenheiro da Prefeitura (que por sinal eu havia até demitido e voltara com mandado de segurança — Francisco Cisneyros) e disse que fizesse tudo. Mas o Teatro deve tudo a Meira e toda homenagem deve ser prestada a ele. Queria muita coisa. Depois queria um processo lá que só tinha em São Paulo, um jogo de luzes que eu não me lembro. Ele foi a São Paulo e trouxe um que só tinha mesmo em três lugares do Brasil. Eram aparelhos modernos. Tudo o que ele quis fazer pelo Teatro, eu fiz; devagar, mas fiz. Até que completei o Teatro. Eu acho que ninguém defendeu mais a cultura do Rio Grande do Norte do que eu.

(Depois de um depoimento de três horas, com três fitas gravadas, o Senador Dinarte Mariz ainda estava perfeitamente calmo e

disposto, não apresentando nenhum sintoma de cansaço ou de impaciência. Ain-



da completou, com as seguintes palavras):

DINARTE — Eu peço desculpas a vocês se o depoimento não foi completo, porque é impossível resumir 54 anos de vida pública num depoimento. E também porque a memória nem sempre ajuda determinadas coisas. Mas acho que falamos, do essencial, de tudo um pouco.

(O Senador, ao ser solicitado para que fornecesse alguns documentos e fotos históricas, ainda fez essa revelação):

DINARTE — Eu sou o político do Brasil que menos cuidou da sua vida pública. Tudo o que fiz, eu fiz naturalmente, sem pensar em nada. Fui realizando o que achava ser meu dever fazer. Não tenho nenhum documento arquivado. Agora mesmo estou dando um depoimento no Senado, sobre a situação no Brasil de 1930 para cá, e nossos jornalistas já têm 180 páginas. Eu estou depondo também na Fundação Getúlio Vargas. Quando veio 30, eu tinha telegrama de José Américo, de Juarez em plena Revolução. Casualmente eu tenho um folheto de quando tinha me retirado de Caicó e mostra coisas como revolucionário — folheto que me foi mandado por um parente do Paraná, que eu mandei reeditar. Mas foi só de

UMA VIDA DE CRIAÇÃO

No dia 23 de agosto todo o Rio Grande do Norte presta homenagem ao Senador Dinarte Mariz. Seus oitenta anos representam uma sedimentação de serviços prestados à causa pública. A Universidade Federal do Rio Grande do Norte, cuja criação está definitivamente ligada a história de vida do decano do Senado da República, associa-se ao contentamento dos amigos do Senador Dinarte Mariz.





uma época. Quando eu voltei, passei quase um ano fora do Estado. Prenderam todo mundo por aqui e eu não m^e deixei prender. Fui pelo interior da Paraíba, do Ceará. No Recife, encontrei Chiquito Veras, que tinha sido meu companheiro em 30. E ele me mandou chamar, porque naquela tempo havia idealismo. Sabia que eu estava do outro lado. E acabei conseguindo que ele me desse um salvo-conduto com o nome trocado. Nunca tinha ido no Rio. Quando cheguei lá, acabei viajando num avião de quatro lugares. Lá, eu fiz relacionamento, quase que vou para São Paulo; Zé Augusto me levou para um coronel e nós erramos o local do desembarque... Minha vida foi sempre cheia de coisas. Aqui, naquele negócio, fui preso; fui preso em Recife quando cheguei, com o Chiquito. Deixei tudo em casa, um mundo de documentos da Revolução. Quando eu cheguei, sabe o que minha mulher e minha mãe fizeram: pegaram uma lata de querosene, botaram aqueles papéis todos, cavaram um buraco no muro e enterraram. Quando eu cheguei estava tudo amarelo e ninguém lia mais nada. □

As lembranças do 1.º Reitor

O primeiro Reitor da UFRN, Onofre Lopes, rememorou para RN/ECONÔMICO a participação do então Governador Dinarte Mariz na fundação da Universidade, salientando que sua presença para a concretização do evento foi «decisiva», para em seguida destacar que, enquanto instituição foi do âmbito estadual, dele recebeu todo apoio e incentivo. Abaixo, o depoimento:

“A importância da participação de Dinarte Mariz na fundação da UFRN consiste no fato de que, ao tempo, ele era Governador do Estado. E a Universidade, para que se instalasse, era mais fácil fazermos aqui entre nós. Fazermos no Estado, para posteriormente tratar-se da federalização, como efetivamente se fez, mediante um trabalho muito árduo, muito persistente e pertinaz. Mas, o Senador Dinarte Mariz, logo quando por nós procurado, ao tempo que era Governador, repito, e exposto a ele o motivo da visita, bem como o que precisávamos para fazer a

Universidade, ponderou inicialmente que uma Universidade era um instituto muito dispendioso e como é que o Estado iria manter uma Universidade? O que se poderia fazer? Ao que eu tive que responder com uma cara de constrangimento e de desesperança. Mas imediatamente ele emendou: “Mas isso não quer dizer que não vá se fazer a Universidade. Vamos fazer a Universidade. Vamos trabalhar juntos, vamos fazer o esforço máximo, para que a Universidade se faça. Agora”, disse ele, “o que nós devemos pensar é em fazer a Universidade Estadual, mas vocês, da Universidade, vão fazer um trabalho muito intenso, para federalizá-la, porque a Universidade, aqui no Estado, só poderá ter uma marcha muito lenta, muito vagarosa e só a Universidade no âmbito federal podera crescer, poderá chegar aos seus destinos”.

“Então, aí, tomamos, os que formavam a comissão que fora falar com o Governador, tomamos novo alento. E então o Governador dirige-se pessoalmente para mim

e disse: “Onofre, você tome conta disto. Veja tudo quanto é necessário”. Então eu disse: “É preciso primeiro fazer a mensagem à Assembléia Legislativa, acompanhada de projeto-de-lei, o que naturalmente será da alçada do Palácio”. E então ele determinou que eu entrasse em entendimento com o Chefe de Gabinete, o Dr. Moacir Duarte, e então os entendimentos foram mantidos, foram feitos, permanentemente, até que, logo, seguiu para a Assembléia Legislativa o projeto-de-lei, sancionado dia 25 de junho de 1958”.

“A presença do Governador foi decisiva. Foi tudo. Porque a responsabilidade era dele. Ele foi quem autorizou. Ele foi quem viu a extensão da responsabilidade de uma Universidade, ponderou, entretanto, era apenas uma ponderação, sem fugir aos obstáculos, sem fugir às dificuldades. E ele, efetivamente, enquanto a Universidade foi estadual, deu todo o apoio, fez tudo o quanto era possível, foi uma presença decisiva nos primeiros passos da Universidade.

Marcos históricos de uma vida política sempre repleta de acontecimentos importantes



Na foto, campanha política de Juarez Távora (Caico, julho de 1955).

Acto
do
Nos
nove
de de
grande
predic
avult
esta
deus
vidad
cas
denal
tido y
redor
prop
se ac
hora
legas
qu o
que p
nicie
sent
se M
uel,
do C
Yun
licia
Joni
gran
de

TELEGRAMA — DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAPHOS
 Procedente de Caico N.º 222 Pla. 80 Data 28 Hora 1955

RECEBIDO de _____
 de João
 por Paul

ENVIADO Monseigneur Matha

Contidamos illustre presidente demoi
 popular assemblei comitêde estado assis
 dia disiblamos inauguração açude
 Tams J. T. Paul

Signat. Mariz, Eduardo Gungel,
 Renato Santos, Adm. Rocha,
 Hilari no

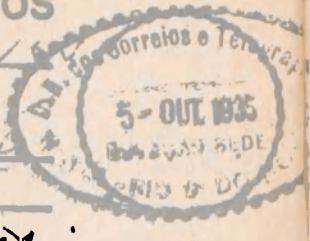


Comício em Caico em 1940

Telegrama para inauguração do açude de l'ans.

TELEGRAMMA — DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAPHOS

Precedente de Carica N.º 47 Pl. 2 Data ✓ Hora 1



RECEBIDO de _____
 de _____
 por R 14



ENDERECO Campanha
da
maioria
Edif.

Estive com nosso querido amigo Marcel que esperava-me muito depois do último repêndio emissor de desse governo de organizar a obra. Dinarte

Natal Hotel

TELEFON: 22.140

TELEGRAMAS MATOZEL



Rio de Janeiro, 8/8/46

VIA AEREA

Meu caro Matthe

abraços - Recibi sua carta. Eu contrei o ambiente aqui, ainda sob a impressão desoladora dos graves acontecimentos do dia 31, os quais cumularam com depredações em casas de casas comerciais, cinemas, etc. Ainda não estava reconposto o ambiente e, inesperadamente, o PSD desfechou um golpe de surpresa, reunindo de apressas a sua Comissão diretoria para lançar a candidatura Nereu Ramos a futura vice-presidência da República. Desde aquele dia não existe outro assunto, a imprensa, as conversas na sala de Café da Câmara, tudo está condicionado

CABO SUBMARINO
Western Telegraph Company, Limited
 FILIADA A
Cable Wireless Limited.



RECUITO:	EMPREGADO: .	HORA DO RECEBIMENTO:
	BLL LMA 081	

As empresas telegráficas não se têm responsabilidades alguma por motivo do serviço de telegrafia (Convenção Telegráfica)

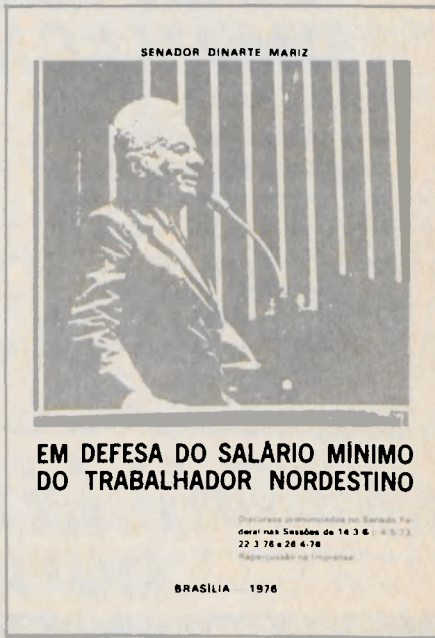
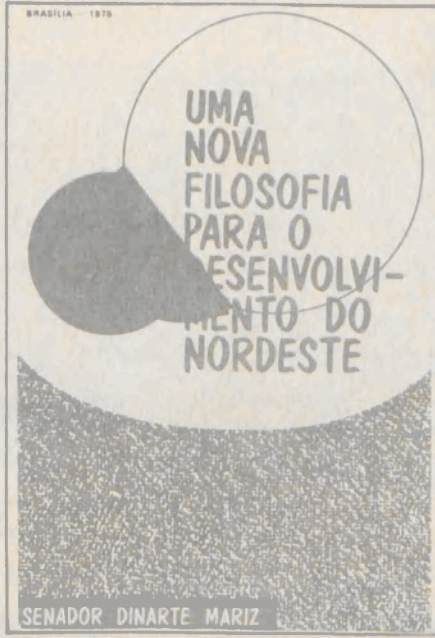
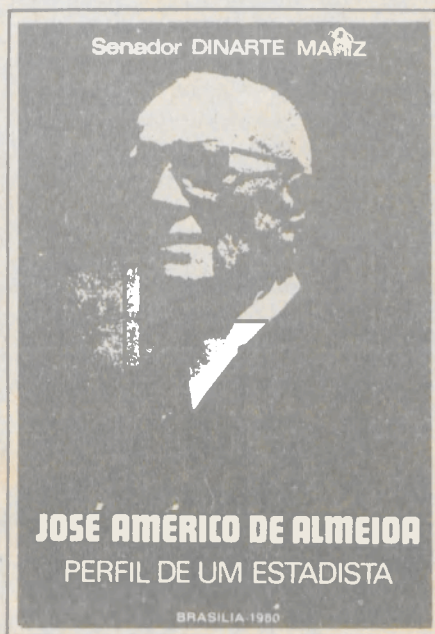
TAN1230/NQ213 RIODEJANEIRO 194/192 1 1515
 CTN DEPUTADO MONSENHOR JOAO DA MATHA PAIVA
 PARA BANCADA COLIGACAO DEMOCRATICA ASSEMBLEIA ESTADUAL MATALNORTE

ACUSO O TELEGRAMA HONTEM RECEBIDO NO QUAL OS PRESADOS COMPANHEIROS ME COMUNICAVAM DELIBERADAMENTE MINHA REVELIA SUFRAGANDO MEU NOME VIGNADORIA ESTADO PT DEVO SALIENTAR QUANTO SOUTAO EXPONTANEA HOMENAGEM QUE A RECEBO AINDA MAIS AGRADO POR SENTIRMOS QUE SIMBOLISA A UNIDOS NOSSOS PENSAMENTOS NO PROSEGUIMENTO DE UN JORNADA QUE INICIAMOS PELA REDEMOCRATISACAO NOSSA PATRIA PT ACOMPANHEI COM MAIS VIVO INTERESSE O ESFORCO DESPENDIDO PELOS PRESADOS AMIGOS NO DE DAREM A POSSA TERRA UMA CONSTITUICAO DEINTO ESPIRITO DEMOCRATICO SEM OLVIDAR OS GRAVES PROBLEMAS SOCIAES QUE NESTA HORA DESAFIA O BOM SENSO DOS PATRIOTAS PT SE UM ENXERTO NAS DISPOSICOES TRANSITORIAS VEIU DEFORMAR O SENTIDO DEMOCRATICO DA CONSTITUICAO VOTADA SERVIU APENAS PARA REAFIRMAR AINDA MAIS O BRILHANTISMO E A FIDELIDADE COM A BANCADA DA COLIGACAO SOUBE DEFENDER OS IDEALES DEMOCRATICOS E OS COMPROMISSOS QUE ASSUMIMOS PEVO. NOS DIAS MEMORAVEIS DA CAMPANHA PT TALVEZ GRANDE AMOR QUE VOTO A NOSSA TERRA SONHO AINDA MAIS PROSPERA E MAIS FELIZ PT UM ABRACO MUITO CALOROSO PARA TODOS E EM CADA UM = DINARTE HAF

SEDE DA COMPANHIA: "ELECTRA HOUSE", VICTORIA EMBANKMENT, LONDON, W. C. 2



Ao lado, foto de Dinarte e D. Diva, em 1949. Os "fac-símiles" de telegramas em ocasiões diversas da sua vida política e a capa de alguns dos trabalhos produzidos pelo Senador ao longo da sua vida pública, abordando assuntos de interesse do trabalhador nordestino e do desenvolvimento da Região.



José Olímpio: é o maior líder político do RN

Velho amigo do Senador Dinarte Mariz, o tabelião José Olímpio do Nascimento, do Segundo Ofício de Notas, também foi chamado a manifestar-se a respeito de sua participação na vida pública do Estado, quando ressaltou a presença do Senador como a maior liderança do Rio Grande do Norte. Eis o depoimento:

“Dinarte é o maior líder político do Rio Grande do Norte. E isso ele tem provado em todas as campanhas políticas de que tem participado, haja visto a eleição dele para Senador, quando se encontrava contra ele, naquela época, o Governo do Monsenhor Walfredo. E quando se dizia que ele não tinha mais a mínima condição de disputar coisa alguma no Rio Grande do

Norte, ele saiu Senador, pelo voto direto do povo. Então, essa manifestação que ele recebeu agora, nos seus 80 anos, quem foi ao Caicó, poderá dizer o que realmente é o Senador Dinarte Mariz. Porque, lá, não se encontravam somente representações políticas do Seridó. Nenhum município do Rio Grande do Norte deixou de se representar naquela manifestação toda espontânea, sem nenhum caráter político. Foi uma manifestação de reconhecimento do povo.

“Você via e observava no meio da multidão as pessoas os mais humildes possíveis. Na missa, então, foi um espetáculo bonito, porque lá se encontravam pessoas de toda idade. Velhinhas comungando e exaltando a pessoa de Dinarte. Outras, até chorando, natural-

mente de contentamento, pela passagem da data.

“É o que eu posso dizer a respeito do Senador Dinarte Mariz. Vejo-o, atualmente, muito mais forte, talvez do que quando começou. Quer dizer: muito mais prestigiado do que antes. Porque, hoje, o que eu vejo em relação a Dinarte é realmente isso: todos o procurando. E ele com o prestígio, ninguém pode negar, dentre todos, sem querer com isso diminuir o prestígio de nenhum dos parlamentares na área federal, mas dentre todos eles, ele tem o maior prestígio na área federal, para com as mais altas autoridades, como o Presidente da República. E o respeito que todos têm por ele no Senado da República, esse, eu acho que o Brasil sabe”.

SE É DE LEITE QUE VOCÊ PRECISA! PORQUE COMPRAR UMA VACA?

Computador ou computação? Será que você precisa de instalações de C. P. D., analistas, técnicos, programadores, computador, periféricos, digitadores, manutenção, etc? Ou será que você precisa realmente só de informações necessárias, às tomadas de decisão no tempo certo, corretas e objetivas?

*Pare!
Pense!*

Consulte-nos: — Faça como mais de 200 empresas em todo o Estado. Nós podemos mostrar-l' e como se utilizar dos serviços do computador sem ter que arcar com altos custos.



“10 ANOS A SERVIÇO DA INFORMÁTICA”

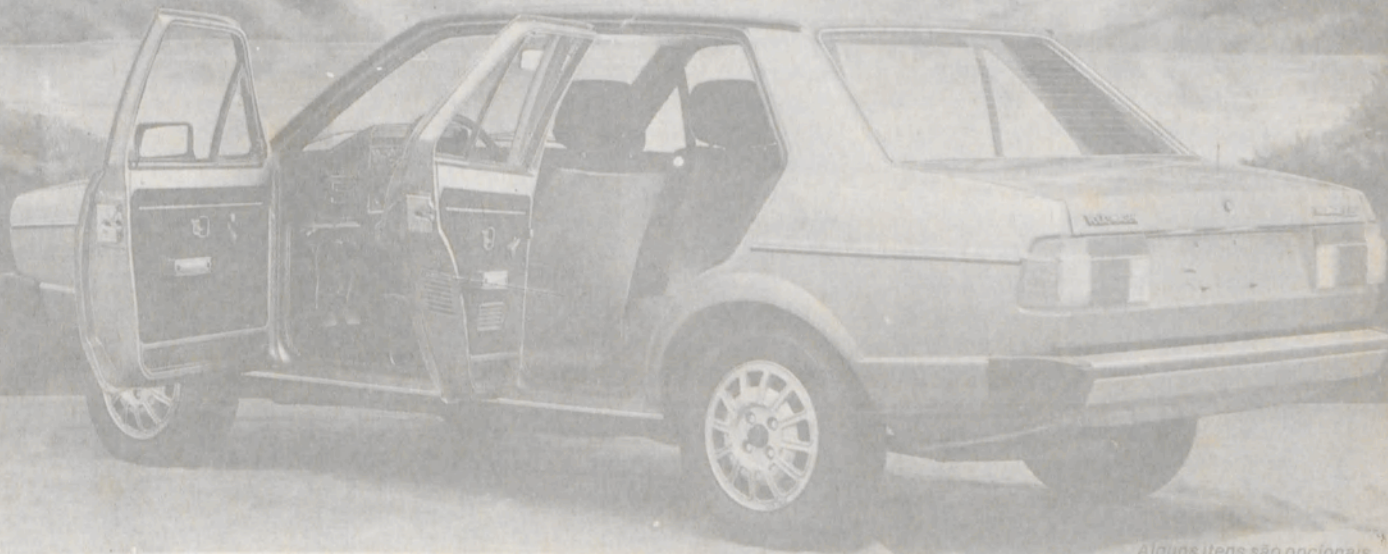
PROCESSAMENTO DE DADOS
sistema s.a.



Estrada de Ponta Negra — 1831 — Natal-RN
Fones: (084) 231-4215 — 231-4890 — Telex: 0842-531

Quatro maneiras
de entrar com classe
em um lugar elegante.

Voyage 4 portas.



Alguns itens são opcionais

O interior do Voyage 4 portas é um lugar elegante que leva você aos lugares mais elegantes, com a maior elegância. O Voyage 4 portas foi projetado de modo a permitir uma abertura das portas traseiras, superior a qualquer modelo de sua categoria. Isso quer dizer que agora o universo seguro, silencioso e aconchegante do Voyage ficou ainda mais aberto para você. Sem prejudicar em um centímetro o espaço interno da parte dianteira.

Mas a grande preocupação da Volkswagen foi com

a segurança. Cada Voyage 4 portas vem com um sistema especial de travas nas portas traseiras. Uma vez acionado, nem mesmo as crianças mais desobedientes vão conseguir que as portas traseiras sejam abertas por dentro.



Enquanto isso, você aproveita essa tranquilidade para apreciar o conforto, os revestimentos luxuosos das portas e dos bancos.

Mas nem tudo é novidade no Voyage 4 portas: o desempenho, a economia de combustível, a eficiência aerodinâmica e outras características que consagraram o Voyage, continuam iguais. Porque o melhor deste 4 portas é justamente isso: ele é um Voyage. Venha ao seu Concessionário Volkswagen conhecer o novo Voyage 4 portas e aproveite as facilidades de pagamento.

MARPAS S/A

MARPAS S/A
Av. Tavares de Lira, 159
Filial Alecrim — Av. Pres. Sarmento, 592
Telefones: 222-0140/223-1931



Revendedores autorizados
VOLKSWAGEN
para o Rio Grande do Norte

**DISTRIBUIDORA
SERIDÓ**

Rua Nascimento de Castro, 1597
Filial Alecrim — Rua Cel. Estevam, 1576
Telefones: 223-4566/223-3228

MELHORIA DA VIDA DOS RURALISTAS É PROPOSTA DA COSERN PARA O RN

Dentro de mais um ano, os povoados e vilas potiguares poderão ser totalmente eletrificados, o que significa a melhoria das condições de vida dos ruralistas e a possibilidade de sua fixação à terra, uma vez que a irrigação das plantações será facilitada com a existência de energia elétrica nas regiões mais distantes do Estado.

A Companhia de Serviços Elétricos do Rio Grande do Norte — COSERN, responsável pela execução da proposta de eletrificação, estima que o trabalho abrangerá 15 mil e 900 residências, num total de 326 povoados. Isso corresponde a mais da metade dos povoados espalhados pelas dez micro-regiões norte-riograndenses.

PROPOSTA — O Governo do Estado, através da COSERN, já está elaborando o plano de eletrificação. A proposta, no momento, está submetida a diversos órgãos com vistas à viabilização e captação de recursos. Estes provavelmente atingirão o montante de Cr\$ 6 bilhões.

O custo é proporcional à extensão do trabalho que, uma vez aprovado, propiciará a instalação de 1 mil e 110 quilômetros de rede elétrica. Atualmente, já estão sendo elaborados projetos para todos os povoados mais próximos às redes e, quanto aos mais afastados, a execução está na dependência da definição da proposta.

MICRO-REGIÕES — Existem, hoje, 227 povoados já eletrificados no Rio Grande do Norte. Mesmo assim, o IBGE — Fundação Instituto de Geografia e Estatística — demonstra que há 136.341 prédios não eletrificados, ainda que a rede elétrica se situe muito próxima, por vezes defronte a essas casas.

Partindo dessa realidade, a COSERN iniciou um trabalho de planejamento que culminará no atendimento a 326 povoados, que estão divididas nas dez micro-regiões da seguinte forma: Borborema Potiguar — 15 povoados; Salineira Potiguar — 47; Açu e Apodi — 30; Sertão de Angicos — 8; Região Serrana — 60; Seridó — 22; Litoral de São Bento do Norte — 21; Agreste Potiguar — 45; Natal — 54 e Serra Verde — 27 povoados.

Esses números se somarão às 5 mil e 636 propriedades rurais já eletrificadas, num total de 2 mil e 500 quilômetros de rede elétrica. Com a execução da proposta da COSERN, serão 553 povoados eletrificados, com 3 mil e 610 quilômetros de redes elétricas em todo o Estado.

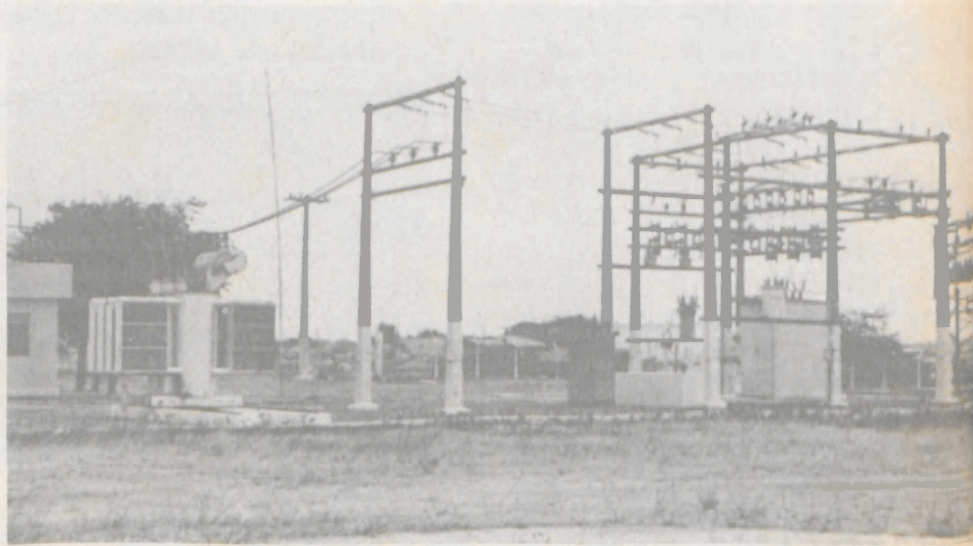
SISTEMAS ELETRO-RURAIIS — Uma outra proposta da COSERN diz respeito ao Plano Nacional de Eletrificação Rural — PNER, que está sendo concretizado pelo Grupo Executivo de Eletrificação Rural de Cooperativas —

GEER — órgão do Ministério da Agricultura. Esse Plano objetiva o atendimento de pequenas propriedades rurais.

Até o final deste ano, o GEER prevê a eletrificação de 13 sistemas eletro-rurais, o que engloba 13 municípios com uma extensão de 136 quilômetros de rede elétrica, perfazendo um total de 347 propriedades eletrificadas.

Esse programa, denominado II PNER, já se concentra em fase de execução. O III PNER está, ainda, em planejamento, porém existem propostas — dentro do Plano — de criação de mais 38 sistemas eletro-rurais para o biênio 83/84. Essas propostas, em estudo no GEER, consolidarão a eletrificação rural no Estado.

Em termos de objetivos tangíveis, a eletrificação rural representa um componente de grande importância na economia estadual, porque simboliza a substituição do petróleo no campo por energia elétrica. Associa, também, a eletrificação à irrigação num trabalho vinculado às cooperativas.



Subestação de Caicó vai alimentar povoados no município

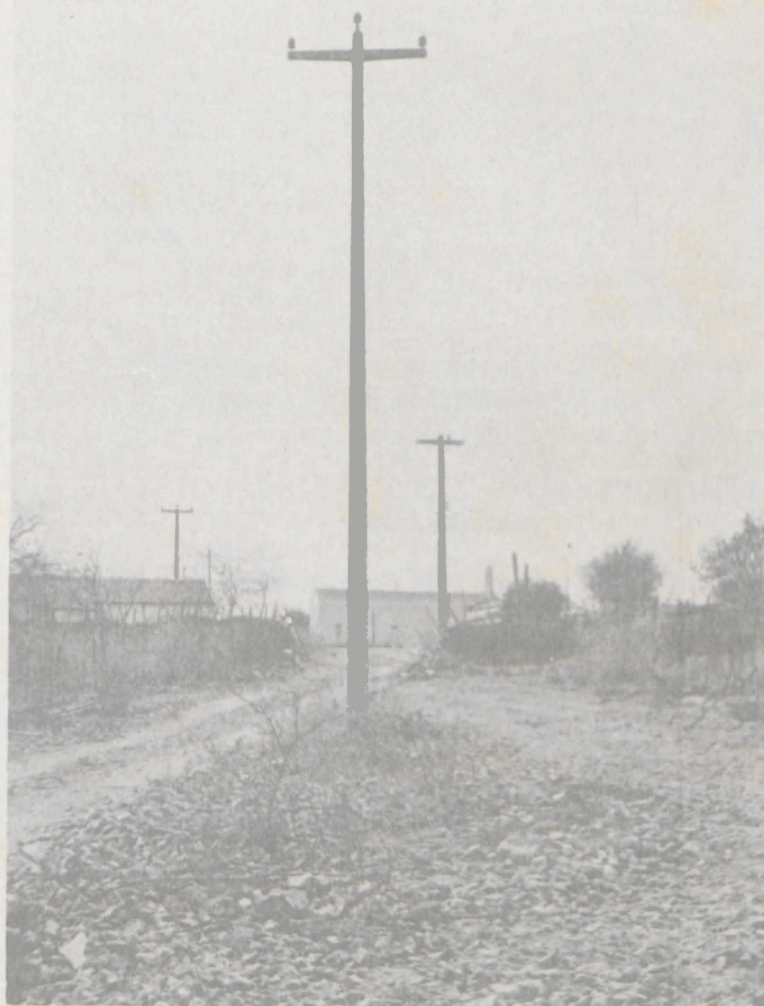
Energia para todos em toda parte

RELAÇÃO DAS VILAS, POVOADOS E AGLOMERADOS A ELETRIFICAR

MICRORREGIÃO NATAL	
POVOADOS	MUNICÍPIOS
Baldum	Arês
Estivas	Arês
Papeba	Arês
Urucará	Arês
Pltuba	Bala Formosa
Sagl	Baía Formosa
Campo	Canguaretama
Catú de Baixo	Canguaretama
Jiquil	Canguaretama
Maxixi	Canguaretama
Lagoa Grande	Ceará-Mirim
Rio dos Índios de Cima	Ceará-Mirim
Rio dos Índios de Baixo	Ceará-Mirim
Retiro	Espirito Santo
Sítio Taboca	Espirito Santo
Imbiribeira	Extremoz
Curral de Baixo	Extremoz
São Miguel	Extremoz
Vila de Fátima	Extremoz
Símão	Extremoz
Barrocas	Golaninha
Carnaúba	Golaninha
Guariba	Golaninha
Itaperubú de Cima	Goianinha
Juazeiro	Golaninha
Lagoa do Poço	Goininha
Sapucaia	Golaninha
Mata Verde	Macalba
Capoeiras	Macalba
Riacho do Sangue	Macalba
Tábua	Maxaranguape
Zumbi	Maxaranguape
Barra de Tabatinga	Nísia Floresta
Cachoeira	Nísia Floresta
Timbó	Nísia Floresta
Casaca	Pedro Velho
Morena	Pedro Velho
Poço	Pedro Velho
Reta	Pedro Velho
Recreio	Pedro Velho
Tamatanduba	Pedro Velho
Timbó	Pedro Velho
Jacaráú	São Gonçalo do Amarante
Massaranduba	São Gonçalo do Amarante
Oiteiros	São Gonçalo do Amarante
Alto do Moreno	São Gonçalo do Amarante
Belo Horizonte	São Gonçalo do Amarante
Campinas	São Gonçalo do Amarante
Jacaré-Mirim	São Gonçalo do Amarante
Lagoa da Onça	São Gonçalo do Amarante
Olho D'Água do Chapéu	São Gonçalo do Amarante
Barra de Sibauna	São José de Mipibú
Manibu	São José de Mipibú
Catú da Estrada	Vila Flor

BALANÇO ENERGÉTICO

1. Energia — kWh	
Energia recebida	68.232.202
CHESF	65.241.622
SAELPA	2.990.580
- Energia fornecida	622.800
SAELPA	622.800
= Energia disponível	67.609.402
- Venda de Energia	63.183.290
= Perdas do Sistema	4.426.112
2. Demanda Máxima - kWh/h	
Ponta recebida	157.445
CHESF	149.691
SAELPA	7.754
- Ponta fornecida	1.992
= Ponta do Sistema	155.453



Chegada de linha em Laginhas (Calcó)

Energia para todos em toda parte

“Dessa forma, a utilização da energia rural aumenta a produção e a produtividade agrícola, proporcionando uma incrementação de mão-de-obra e, conseqüentemente, a melhoria do nível de vida da população do campo”, declarou Francisco de Assis Medeiros, Presidente da COSERN.

MERCADO DE ENERGIA ELÉTRICA — O Estado do Rio Grande do Norte vem requerendo nos últimos anos blocos de carga de energia elétrica que apontam um crescimento de mercado superior à taxa de crescimento do Nordeste.

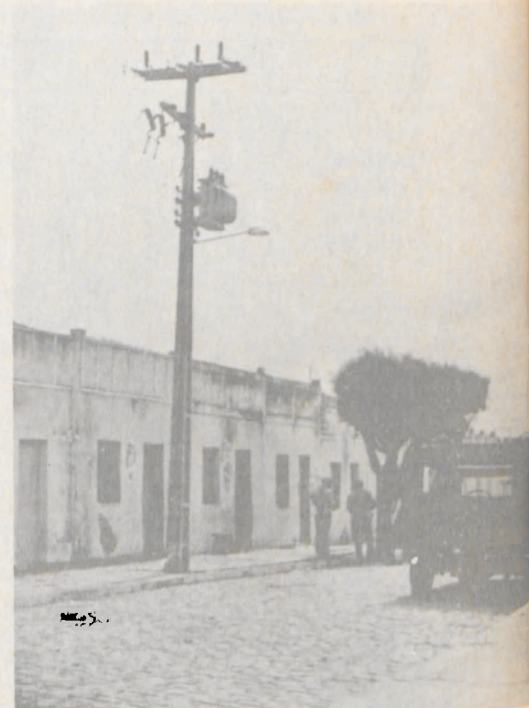
Os fatores relevantes desse comportamento foram a implantação de um grande número de conjuntos residenciais, programa de eletrificação rural com atendimentos a propriedades rurais e povoados, lojas de departamentos além das expansões das redes de distribuição nas áreas urbanas.

Atualmente a Companhia de Serviços Elétricos do Rio Grande do Norte — COSERN atende no Estado cerca de 272.406 consumidores, além de 7 Cooperativas de Eletrificação Rural e fornece energia a SAELPA para distribuição em 3 cidades do Estado da Paraíba (QUADRO I).

PERSPECTIVAS DE MERCADO — Em recente levantamento elaborado pelo IBGE (IX Recenseamento Geral do Brasil) constatou-se que existem cerca de 136.341 prédios residenciais não

RELAÇÃO DAS VILAS, POVOADOS E AGLOMERADOS A ELETRIFICAR

MICRORREGIÃO LITORAL DE SÃO BENTO DO NORTE	
POVOADOS	MUNICÍPIOS
Gaios	Galinhos
Alto da Aroeira	Pedra Grande
Barreiros	Pedra Grande
Canã	Pedra Grande
Canto de Baixo (Exú Queimado)	Pedra Grande
Farias	Pedra Grande
Lajedo Grande	Pedra Grande
Quixabelirinha	Pedra Grande
Vareia	Pedra Grande
Terra Santa	São Bento do Norte
São Francisco	São Bento do Norte
Baixinha dos Franças	Touros
Baixinha dos Vieiras	Touros
Baixio	Touros
Boqueirão	Touros
Carnaubinha	Touros
Lagoa de Serra Verde (Juã)	Touros
Morro de Cima	Touros
Reduto	Touros
Tábua do Reduto	Touros
Umburana	Touros



Povoado de Laginhas, recentemente eletrificado

supridos com energia elétrica no Estado, dos quais 95.439 (70%), pertencentes a famílias de baixo poder aquisitivo.

Nessas residências a iluminação é precária, sendo utilizado por seus proprietários o querosene, o carboreto e a vela, em percentuais de 97,33, 2,44 e 0,19 respectivamente.

A substituição desses iluminantes por energia elétrica é bastante viável, tendo em vista que cada família de baixa renda tem um consumo médio mensal de 05 litros de querosene, comprado em mercearia

ao preço unitário de Cr\$ 285,00 perfazendo um custo mensal de Cr\$ 1.425,00, enquanto que sendo consumidor de energia elétrica terá um custo de Cr\$ 405,00, correspondente à taxa mínima do serviço, que corresponde a 30 kwh mensal.

Do mercado em potencial para consumidores passíveis de enquadramento como consumidores de baixa renda, cerca de 95.439 consumidores estão diante das redes de distribuição existentes, necessitando para consagrar o atendimento apenas a construção das instalações elétricas internas dos

Consumo (kWh) e Número de Consumidores

Mês: junho/83

QUADRO I

CLASSE DE CONSUMO	NATAL		INTERIOR		TOTAL	
	kWh	N.º CONS	kWh	N.º CONS	kWh	N.º CONS
1. Residencial	8.798.347	91.889	8.566.273	148.536	17.364.620	240.425
1.1 - v— 30 kWh	441.961	23.120	1.816.521	78.449	2.258.482	101.569
1.2 - v 30 kWh	8.356.386	68.769	6.749.752	70.087	15.106.138	138.856
2. Industrial	5.015.183	695	14.901.325	1.207	19.916.508	1.902
3. Com. Serv. Out. Atividades	6.187.560	8.618	3.384.110	14.290	9.571.670	22.908
4. Rural	53.233	60	2.603.627	2.596	2.656.860	2.656
5. Poderes Públicos	2.493.178	672	1.581.339	3.305	4.074.517	3.977
6. Iluminação Pública	1.974.000	01	3.257.230	150	5.231.230	151
7. Serviços Públicos	1.919.286	37	2.294.694	220	4.213.980	257
8. Consumo Próprio	112.896	21	41.009	109	153.905	130
TOTAL	26.553.683	101.993	36.629.607	170.413	63.183.290	272.406

Energia para todos em toda parte

prédios dos consumidores, e a conexão à rede existente.

Pensando em atender esse mercado, a ELETROBRÁS criou em 1972 o Fundo Nacional de Ligações (FNL) com recursos oriundos de um diferencial de juros de um empréstimo do Banco Interamericano de Desenvolvimento.

A partir desse ano foi criado o Programa de Popularização de Energia — PROPE, conhecido como Pau Amarelo que já beneficiou milhares de famílias brasileiras, trazendo mais conforto para os consumidores e economia para o País, com a redução da queima do queiro. ene.

No Rio Grande do Norte cerca de 52.911 famílias carentes já receberam o benefício da energia do Pau Amarelo, o que corresponde a 21,78% do nosso mercado enquadrado na classe residencial.

Diante da escassez de recursos com que se depara as concessionárias de energia elétrica só teremos condições financeiras de atingirmos 10.000 novas ligações/ano, o que representa um investimento da ordem de Cr\$ 200.000.000,00 a preços de hoje.

Visando dotar o Estado do Rio Grande do Norte de infra-estrutura no setor elétrico e conquistar o enorme mercado em potencial existente no Estado, a COSERN vem realizando o seu planejamento consolidado em planos quinzenais, já tendo assegurado recursos através do Banco Mundial (BIRD) da ordem de Cr\$ 16,4 milhões para ampliação dos programas de linhas de transmissão 69 kV, subestações abaixadoras, redes de distribuição e treinamento de recursos humanos, para aplicação nos próximos três anos.

No momento, uma das metas da Diretoria da Empresa, é a construção e reforço das linhas de transmissão, e a construção e ampliações das subestações, para absorver nos próximos anos as demandas que serão requeridas pela ELETROBRÁS na prospecção do petróleo, e as destinadas à eletrificação rural, principalmente para uso em irrigação dos vales úmidos, perímetros irrigados ou irrigáveis e chapadas.

RELAÇÃO DAS VILAS, POVOADOS E AGLOMERADOS A ELETRIFICAR

MICRORREGIÃO SERRANA NORTE-RIO-GRANDE	
POVOADOS	MUNICÍPIOS
Sítio Água Nova	Água Nova
Sítio Serra das Almas	Água Nova
Sítio Carapuço	Água Nova
Urick Graff (Baixa Verde)	Alexandria
Pintada	Antônio Martins
Serrinha do Major	Antônio Martins
Boáguia	Antônio Martins
Poço de Varas	Cel. João Pessoa
Sítio Quintos	Cel. João Pessoa
Tranquila	Cel. João Pessoa
Serra São José	Cel. João Pessoa
Sítio Pescaria	Cel. João Pessoa
Sítio Coité	Cel. João Pessoa
Lagoa de Dentro	Dr. Severiano
Jardim	Dr. Severiano
Sítio Valentim	Encanto
Várzea Nova	Encanto
Aroeira	Francisco Dantas
Engenho	Francisco Dantas
Jacu	Francisco Dantas
Vila Menino Jesus	Francisco Dantas
Candela	Frutuoso Gomes
Compasso	Frutuoso Gomes
Logradouro	Frutuoso Gomes
Mamoelro	Frutuoso Gomes
Pé de Serra	Frutuoso Gomes
Bico da Arara	João Dias
Boa Vista	João Dias
Cajueiro	João Dias
Figueiredo de Baixo	João Dias
Figueiredo de Cima	João Dias
Frade	João Dias
Golabelra	João Dias
Peito Sujo	João Dias
Rosário	João Dias
Saco do Frade	João Dias
Várzea Grande	Lucrécia
Ana Henrique	Marcelino Vieira
Boa Vista (São Pedro)	Marcelo Vieira
Plôes	Marcelino Vieira
Chapéu	Martins
Estaleiro	Martins
Rancho do Povo	Martins
Serrinha do Canto	Martins
Serra Nova	Martins
Cajueiro	Patú
Gameleira	Patú
João Pereira	Patú
Timbaúba	Patú
Acampamento Novo	Riacho da Cruz
Barros	Riacho de Santana
Catolezinho	Riacho de Santana
Blapado	Rodolfo Fernandes
Espinhelro	Rodolfo Fernandes
Vila Nova	São Francisco do Oeste
Bonito	São Miguel
Capela Cachoeira	São Miguel
Cachoeira	São Miguel
Bairro Latín	Umarizal

RELAÇÃO DAS VILAS, POVOADOS E AGLOMERADOS A ELETRIFICAR

MICRORREGIÃO SALINEIRA POTIGUAR	
POVOADOS	MUNICÍPIOS
Arralal	Areia Branca
Baixa Grande	Areia Branca
Benfica	Areia Branca
Cristóvão	Areia Branca
Entrada	Areia Branca
Freire	Areia Branca
João Marinho	Areia Branca
Morro Pintado	Areia Branca
Ponta do Mel	Areia Branca
Redonda	Areia Branca
Serra Vermelha	Areia Branca
Vila Rural Ceará	Areia Branca
Vila Rural Paraíba	Areia Branca
Vila Rural Maranhão	Areia Branca
Vila Rural Plaul	Areia Branca
Vila Rural Pará	Areia Branca
Vila Rural Amazonas	Areia Branca
Vila Rural Acre	Areia Branca
Barreirinho	Baraúnas
Baixa Verde	Baraúnas
Mata Burro	Baraúnas
Molinho Novo	Baraúnas
Vertente	Baraúnas
Vila Rural Paraná	Carnaubais
Logradouro	Carnaubais
Alemão	Carnaubais
Areias Alvas	Grossos
Barra	Grossos
Córrego	Grossos
Gangorra	Grossos
Pernambquinho	Grossos
Bela Vista	Macau
Ilha de Santana	Macau
Salinópolis	Macau
Mangue Seco	Macau
São José	Macau
Quixabas	Macau
Chico Martins	Macau
Bom Jesus	Mossoró
Jucuri	Mossoró
Riachuelo	Mossoró
Santo Antônio	Mossoró
Campestre	Mossoró
Boa Vista	Pendências
Monsenhor Honório	Pendências
Pedrinhas	Pendências
Porto do Carão	Pendências



Fazenda no município de Caicó

Energia para todos em toda parte



Delegacia do Trabalho: muitas questões...



... e muita gente para reclamar

LEGISLAÇÃO

Muitas questões acotovelam pauta de trabalho na DRT

Excesso de jornada de trabalho, irregularidades nas anotações da Carteira de Trabalho, concessão parcial do direito de férias e pagamento irregular de salários. Estas são as principais reclamações levadas diariamente à Delegacia Regional do Trabalho pelos trabalhadores que se sentem lesados em seus direitos legais. A informação é do bacharel Elacir Freitas da Rocha, delegado do Trabalho em exercício, há pouco mais de três meses, mas com uma larga experiência de oito anos naquele órgão fiscalizador.

De acordo com Elacir Freitas, o volume de reclamações trabalhistas que chegam regularmente à DRT surpreende pela sua insignificância. “Deveria ser até maior”, destaca, em vista das dificuldades econômicas do País, que naturalmente provocam uma maior rotatividade de mão-de-obra e, conseqüentemente, maior margem de conflito nas relações entre empregadores e empregados. Mas ele tem uma explicação bastante lógica para isso: a decuplicação das multas aplicadas pela Delegacia do Trabalho sobre cada irregularidade comprovada pelos fiscais do órgão junto às empresas denunciadas. Essa decuplicação, sancionada em agosto do ano passado, vem funcionando como um

fator de coibição de infrações por parte dos empregadores.

“De fato”, explica Elacir, “quando as multas eram calculadas com base em 1 Valor de Referência, isto é, cerca de Cr\$ 12 mil, era frequente que os empregadores negligenciassem com seus deveres trabalhistas, pois ficavam sujeitos a sanções economicamente insignificantes. Com a decuplicação do valor da multa, de 1 VR (Valor de Referência) para 10 VR, passando para 100 VR na reincidência, o empregador passou a se precaver melhor, e observar com mais atenção suas obrigações para com a legislação do trabalho, pois na primeira infração estará sujeito a uma penalidade de Cr\$ 120 mil, que em caso de se repetir, pulará para Cr\$ 1.200.000,00.

CONSCIENTIZAÇÃO — Outro aspecto que vem contribuindo para a redução de infrações na área trabalhista, segundo Elacir Freitas, é o elevado grau de conscientização do empregado. Destaca ele que o trabalhador norte-riograndense conhece mais a legislação trabalhista do que o próprio empregador. Esse conhecimento provém do interesse do próprio empregado, que procura, mediante orientação do seu sindicato, ou

mesmo por iniciativa pessoal e em alguns casos vindo à DRT, conhecer os detalhes controversos da Lei para melhor defender seus direitos quando os vê desrespeitados pelo seu patrão.

Conforme explica Elacir, a DRT não aceita apenas denúncias escritas. As denúncias verbais também têm caráter legal, haja vista que um empregado de determinada firma pode temer denunciar por escrito uma irregularidade ocorrida na empresa onde trabalha com receio de se comprometer. Assim, basta notificar verbalmente à DRT sua queixa para que o fiscal do órgão vá verificar sua procedência. No caso das pequenas empresas — empresas de até 10 empregados — o fiscal da DRT faz a notificação da irregularidade, dando um prazo determinado para reparação da infração. No caso de médias e grandes empresas — cujo quadro de funcionários exceda 10 pessoas — a empresa é autuada por ocasião da comprovação da denúncia. Nota porém Elacir, que a maior cota de irregularidades se verifica justamente nas micro-empresas, já que as empresas maiores são em geral mais bem estruturadas e portanto ficam menos sujeitas a cometer erros nessa área.

FISCALIZAÇÃO — Mas a Delegacia do Trabalho também apresenta suas deficiências, sobretudo em termos de pessoal, talvez seu ponto mais frágil. Com efeito, o órgão dispõe de apenas 30 fiscais de trabalho para cobrir todo o Estado, assim distribuídos: 25 lotados na sede em Natal, 3 em Mossoró e dois em Ma-

cau. Dos 25 lotados em Natal, um deles é o próprio delegado da DRT, sendo que outros cinco exercem funções de chefia, não podendo portanto fazer tarefas externas senão muito esporadicamente. Sobram portanto apenas 19 fiscais do trabalho para atender toda a capital: "Felizmente as reclamações trabalhistas têm sido muito poucas", revela Elacir, "douta forma, não poderíamos dar conta do trabalho, mesmo porque já estamos sobrecarregados". Quanto à situação nas demais cidades do interior onde a DRT não se faz presente, o delegado do Trabalho reitera o que disse antes: "Não vem denúncias do interior", mas lembra que em caso afirmativo, a DRT está pronta a deslocar um fiscal para o local da denúncia: "Só posso deslocar pessoal mediante provocação", observa.

"Mesmo em Mossoro o número de fiscais disponíveis da DRT já é insuficiente, e para darmos melhor cobertura ao Estado, precisaríamos pelo menos do dobro do pessoal de que dispomos". "É esta" — diz — "a única forma da fiscalização entrar no interior".

Quem sai mais prejudicado nisso tudo porém é o empregado o qual, não dispondo de um agente fiscalizador em caso de se sentir explorado pelo patrão, tem de esperar o desfecho da situação, isto é, a dispensa, e recorrer diretamente à Justiça do Trabalho ou à Justiça Comum a fim de reaver seus direitos.

RESTRICÇÕES — Apesar da época «ser de contenção», as dificuldades materiais da DRT não têm as mesmas dimensões das de pessoal: "Não temos transportes para deslocamentos de pessoal, mas os fiscais têm indenização de transportes (verba especial para custear combustível quando utilizam o próprio carro em serviço) e passe livre nos coletivos", diz Elacir Freitas, lembrando que as dificuldades materiais não chegam a interferir diretamente no trabalho do órgão. Apesar disso, enumera uma série de restrições impostas em decorrência da falta de recursos materiais: telefone, energia, combustível, jornais, revistas, material de consumo, tudo foi reduzido a cotas mínimas, dentro da política orçamentária da DRT. "E fala-se que no ano que vem será pior", observa, acrescentando porém: "A crise é mundial e temos mesmo é que aprender a trabalhar dentro dessa nova realidade". □



Reclamações na DRT e poucos fiscais

SE UM PARENTE OU AMIGO CHEGAR, VOCÊ TEM UM CARRO PARA LHE CEDER?



De repente, chega, sem carro, aquele parente querido ou aquele amigo que há muito tempo não via e hospeda-se em sua casa. Certamente, você não terá um carro para lhe emprestar, nem pode ceder o seu. Você trabalha, tem obrigações... Mas, também, não quer que aquela grata pessoa fique a pé. Andar pela cidade de ônibus ou táxi, que coisa desagradável. A Auto-Locadora DUDU existe para resolver também problemas dessa natureza. Quando seu hóspede chegar sem carro, leve-o até DUDU. Lá ele terá opções de escolher os mais variados tipos de veículos. Do Fusca ao Opala Diplomata. E, se for necessário, requesite um motorista. Deixar a pé aquela pessoa tão importante, não fica bem. É até um ato de desapeço. Seu hóspede, quando chegar, "bote ele num carro da Auto-Locadora DUDU". Ele vai ficar imensamente satisfeito e agradecido. E, quanto a você, com a consciência tranquila de ter atendido com cortesia e solicitude aquela pessoa que lhe é tão cara.

AUTO LOCADORA DUDU

• Av. Rio Branco - 420 - Centro • Box Aeroporto Internacional
Augusto Severo Fones: 222-4144/222-0501 223-1106/272-2446 - Natal-RN

Crise faz aumentar busca ao sonho da sorte grande

Com o novo preço da gasolina, que saltou para Cr\$ 353,00 cada litro, e o quilo do feijão — e tantos e tantos produtos — que, assim dispara para mais de Cr\$ 500,00 o quilo, se transformando hoje em alimento de rico, ao contrário do que acontecia há alguns anos atrás, a “crise” passou a ser uma das palavras mais pronunciadas dos últimos tempos. Mesmo diante de tantas dificuldades, enfrentadas e lamentadas por ricos, pela classe média e classe baixa, todos se unem para fazer a “fezinha” no jogo da Loto ou Loteria Esportiva, a cada semana.

De acordo com dados fornecidos pelo Núcleo de Loterias da Caixa Econômica Federal, no Rio Grande do Norte, cerca de 100 a 110 mil pessoas apostam semanalmente na Loto, e 35 mil fazem “fé” na Loteria Esportiva, sonho dourado da classe mé-

dia brasileira há mais de 10 anos (foi criada em 1970), que chegou ao Estado com atraso de quatro anos, mais precisamente em 1974. Embora abstenha-se de emitir opiniões sobre as causas ou possíveis efeitos, o gerente do Núcleo de Loterias, Carlos Alberto Gomes Barbosa, afirma que nos últimos meses o número de apostas tem crescido bastante, principalmente na Loto. No entanto, continua ele, as apostas na Loteria Esportiva têm se estabilizado.

Carlos Alberto afirma que não compete a ele dizer se a crise influenciou ou não no aumento de apostas, mas o gerente da loja Patuá (Rua João Pessoa), William Medeiros de Souza, acredita que sim. E diz mais: aposta-se mais na Loto, porque a aposta pode ser menor, com mais possibilidade de acerto e, portanto, gasta-se menos.



A fé de ganhar na Loto

SAÍDA — O fato é que, além da inflação galopante e conseqüente dificuldade financeira e quase estado de miséria de uma grande faixa da população, o Rio Grande do Norte (como demais Estados nordestinos) é

CADERAETA DE POUPANÇA



ASSOCIAÇÃO DE POUPANÇA E EMPRÉSTIMO RIOGRANDENSE DO NORTE
CARTA PATENTE Nº 24 DO BNH - C.G.C. M.F. 08.344.426/0001-74

IUBSSA - International Union Building Societies And Savings Associations

UNIAPRAVI - Union Interamericana de Ahorro Y Prestamo para La Vivienda

BIAPE - Banco Interamericano de Ahorro Y Prestamo.

ABECIP - Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança.

ANECIP - Associação Nordeste das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança.

SEDE: R. JOÃO PESSOA, 267 - Edif. Cidade do Natal - 5º andar - NATAL-RN
AG. CENTRO - NATAL - Edif. Cidade do Natal - Loja 5 - NATAL-RN
AG. PADRE JOÃO MARIA - Pça. Padre João Maria, 78 - NATAL-RN
AG. ALECRIM - Rua Manoel Miranda, 1409 - NATAL-RN
AG. LAGOA NOVA (CCAB) - Afonso Pena, 394 - Loja 18 - Petrópolis - NATAL-RN
AG. PONTA NEGRA - Estrada Natal/Ponta Negra - CCAB - Sul - NATAL-RN

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Álvaro Alberto Souto Filgueira Barreto - Presidente
Luiz Sérgio Souto Filgueira Barreto
Mário Roberto Souto Filgueira Barreto
Elias Antônio Souto Filgueira Barreto
Martha Maria Souto Filgueira

DIRETORIA EXECUTIVA

Álvaro Alberto Souto Filgueira Barreto
Mário Roberto Souto Filgueira Barreto

AG. MOSSORÓ - RN - Pça. Vigário Antônio Joaquim, 127
AG. CAICÓ - RN - Av. Seridó, 344
AG. CURRAIS NOVOS - RN - Pça. Cristo Rei, 64
AG. PAU DOS FERROS - RN - Rua Pedro Velho, 140
AG. APODI - RN - Rua São João Batista, 284

AG. CEARÁ-MIRIM - RN - Rua General João Varella, 684
AG. PATU - RN - Rua Francisco Dutra s/n -
AG. MACAU - R. Martins Ferreira, 385
AG. NOVA CRUZ - R. Dr. Pedro Velho, 14
AG. S. GONÇALO DO AMARANTE -
Estr. Natal/Ceará Mirim s/n

RELATÓRIO DA DIRETORIA

Senhores Associados

Com satisfação apresentamos aos nossos Depositantes o Balanço Patrimonial e demais Demonstrações, correspondentes ao primeiro semestre deste exercício.

Apesar das dificuldades que o país vem atravessando, com reflexos negativos na captação de poupança, cujo incremento real no semestre foi bastante inferior ao previsto, conseguimos expressivos resultados de esforço e dedicação do nosso quadro de funcionários, espelhados de maneira destacada, nos seguintes aspectos:

1 - Manutenção de um fluxo regular de desembolsos para empréstimos e financiamentos da Entidade, atingindo o montante total de recursos aplicados no período, em torno de Cr\$ 3,1 bilhões, com uma média mensal de aplicação de Cr\$ 516 milhões;

BALANÇO PATRIMONIAL

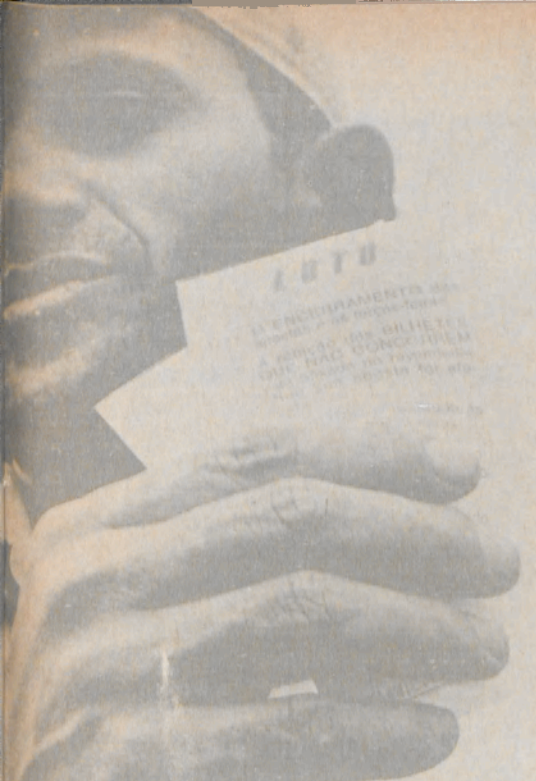
ATIVO

CIRCULANTE E REALIZÁVEL A LONGO PRAZO

Disponibilidades	540.825
Operações Imobiliárias	22.537.481
Créditos Diversos	438.067
Valores e Bens PERMANENTE	13.938
	513.037

TOTAL DO ATIVO 24.043.348

ÁLVARO ALBERTO SOUTO FILGUEIRA
Diretor



vítima mais uma vez da seca, que está em seu quinto ano consecutivo, e o desemprego tem alcançado índices alarmantes — basta citar o caso, de uma tacada só, de desempregados recentes em Mossoró, que deixou sem

perspectivas mais de 800 famílias, que totalizam cerca de cinco mil pessoas, além das demissões que acontecem diariamente, em quase todas as empresas deste Estado, cuja alegação mais comum é a crise.

Embora não seja solução e tenha servido, quase que exclusivamente para avolumar os recursos da própria CEF, ninguém resiste a um joguinho e, do industrial (embora em menor escala) ao operário, todos sonham em ganhar na Loteria Esportiva, e agora, principalmente na Loto, desde que foi implantada no Estado, há um ano e meio. Como era de se esperar, a classe média, espremida entre a abastada e a conformada classe baixa, é a que joga mais, angustiada por se igualar à classe alta. O funcionário público, que não vê grandes perspectivas para o futuro, diante da falta de oportunidade, também é frequentador assíduo das casas de Loterias, sempre apostando pequenas quantias e vendo a concretização de seu sonho adiado a cada semana.

O sonho aumenta quando o prêmio se acumula, confessou o gerente do Núcleo de Loterias da CEF, Carlos Alberto, e teve semanas que foram registrados 160 mil cartões na

Loto. Na Loteria Esportiva o maior número de apostas chegou a 35 mil cartões. Nestas semanas de acúmulo, se aposta até 28 milhões na Loto e de 10 a 11 milhões na Esportiva. Em épocas normais, as apostas se aproximam de 18 a 19 milhões. O valor médio de apostas por cartão é de Cr\$ 260,00 na Loto e Cr\$ 160,00 na Esportiva, o que deixa claro que a quantia desembolsada semanalmente pelos jogadores não lesa muito o bolso do cidadão classe média, principalmente nesses últimos anos em que o cruzeiro tem se desvalorizado bastante. Vale lembrar que a quantia mínima exigida pelos dois jogos é 70 cruzeiros e o máximo, Cr\$ 30.240,00 e 2.690,00, Loto e Loteria, respectivamente.

AUMENTO — Diante do aumento de apostadores, a cada semana o prêmio é maior, o que estimula bem mais o apostador, ao contrário do que acontece com o jogo do bicho, que alcançou épocas áureas antes do advento da Loto e Loteria Esportiva. O jogo do bicho hoje vive à sombra da Loteria, em apertados botecos, localizados, sempre, nas proximidades de bares e das casas de Loterias.

- 2 - Garantia de empregos diretos e estáveis para 232 funcionários;
- 3 - Absoluta regularidade em nossos compromissos para com o Baneo Nacional da Habitação e outras obrigações;
- 4 - Investimentos no equipamento e melhoria das instalações das nossas Lojas, no intuito de preservar o patrimônio da Entidade e prestar melhores serviços aos nossos poupadores e mutuários.

O principal fator de nossa performance positiva neste semestre foi a pontualidade nos pagamentos de prestações, por parte de 97,8% dos nossos mutuários, obtida em função de criteriosos métodos, de aferição cadastral para concessão de créditos, a par de um eficiente serviço de cobrança, demonstrando a boa qualidade de nossos Ativos Financeiros, e a segurança na avaliação das garantias, representadas pelas hipotecas de mais de 5.700 imóveis.

Conscientes da responsabilidade de sermos um dos dois únicos grupos econômicos genuinamente riograndense do norte, de capital privado, a atuar na área creditícia, finalizamos tornando público o nosso agradecimento a 85 mil depositantes. Agradecer e reafirmar que continuamos a desenvolver o nosso projeto de expandir nossas atividades a outros Estados da Região, já autorizados que estamos pelo Conselho Monetário Nacional e pelo Banco Nacional da Habitação, mantendo a tradição firmada ao longo de quinze anos de trabalho e dedicação, com a preocupação permanente de continuarmos fiéis a nossas origens e a defesa intransigente dos interesses dos nossos depositantes.

Natal, 30 de junho de 1983.
a) DIRETORIA

REALIZADO EM 30.06.83

PASSIVO

**CIRCULANTE E EXIGÍVEL
A LONGO PRAZO**

Recursos de Terceiros	510.213
Recursos do BNH	5.670.766
RESULTADO DE EXERCÍCIOS FUTUROS	102.394
PATRIMÔNIO SOCIAL	
Recursos Próprios	1.371.590
Recursos de Associados	6.388.385
TOTAL DO PASSIVO	24.043.348

**DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO
DO 1º SEMESTRE DE 1983**

1 - Receitas Operacionais	11.099.997
2 - Despesas Operacionais	10.602.974
3 - Resultado Operacional (1 - 2)	497.023
4 - Resultado Não Operacional	45.325
5 - Resultado de Ajustes Monetários	278.722
6 - Resultado do Semestre Antes da Provisão Para Garantir Dividendos Futuros (3 + 4 - 5)	263.626
7 - Provisão Para Garantir Dividendos Futuros	205.439
8 - Distribuição Antecipada de Resultados	46.224
9 - Resultado Líquido do Semestre (6 - 7 - 8)	11.963

MÁRIO ROBERTO SOUTO FILGUEIRA BARRETO
Diretor

FRANCISCO CÂMARA JÚNIOR
Téc. Cont. CRC - RN 2.473



O sonho impossível?

ESPERANÇA NÃO MORRE — Semanalmente, nas quartas e quintas-feiras, as filas se alongam nas casas lotéricas, mais especificamente na quinta, último dia de jogo na Esportiva, e terça, último dia para se jogar na Loto. Crianças, adultos e velhos, de todas as classes sociais, enfrentam pacientemente as filas para fazer seu jogo e, com isso, alimentar a velha esperança de ficar rico ou “enricar”, como dizem alguns.

Na maioria dos casos são os mesmos apostadores, que procuram as mesmas casas lotéricas e se transformam em fregueses assíduos, conforme disse William Medeiros, da loja Patuá. É comum os jovens “office-boy” fazer de dez a vinte jogos de funcionários e chefes das repartições em que trabalham. Há também casos do pessoal do interior, do sertanejo, que só joga quando vem à capital. Francisco Luciano é um exemplo.

Proprietário de uma padaria em Angicos, ele aproveitou sua vinda à Natal e foi até a loja da Dr. Barata, Ribeira, para fazer seu jogo e, um pouco encabulado, confessa que sempre que vem aqui, aproveita e faz sua “fezinha”. Aposta em média de mil a dois mil cruzeiros. Ele já fez 12 pontos na Esportiva nove vezes e não custa nada tentar sempre, arremata.

Há também as figuras folclóricas, que se tornam amigo da casa, tal a frequência. Ainda na casa lotérica da Dr. Barata, um senhor já de bigodes brancos e olhar simpático, brinca com todos da fila e da casa e, abordado pela reportagem, tenta desviar a atenção afirmando que tudo isso é bobagem, mais adiante deixa claro sua esperança de ganhar na Loteria e brinca: “Se eu acertasse eu dava de presente a você um vestido bordado de ouro”, e desconversa sem querer mais papo ou mesmo a identificação.

Embora seja um jogo limpo, numa fila de apostadores poucos querem falar sobre sonhos ou esperanças que alimentam a cada semana que sai o resultado da Loto ou Loteria Esportiva. De qualquer forma, uns deixam escapar a expressão “tá russo”, usada frequentemente para definir qualquer dificuldade (e no momento atual as dificuldades são tantas e tamanhas que definições são insuficientes).

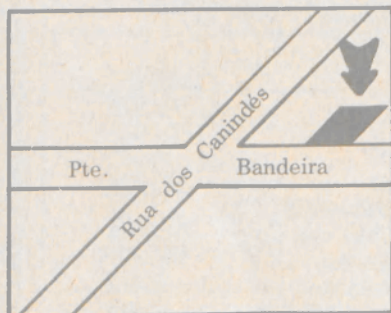
Mas o sonho continua, ao contrário do que diria John Lennon. □

UMA QUESTÃO DE SEGURANÇA



Usar laje, seja de piso ou forro, hoje, é quase uma obrigação de quem constrói. A laje é uma questão de segurança, estética e beleza. E, se utilizadas nervuras e blocos, formando a conhecida Laje Volterrana, aí, o construtor terá mais economia de tempo e dinheiro, mais simplicidade na instalação, menos peso e uma qualidade sem igual. A Laje Volterrana, pela sua praticidade, tornou-se um produto nacionalmente conhecido. No Rio Grande do Norte é fabricada pela Saci-Material de Construção Ltda. Todo calculista criterioso determina Laje Volterrana para sua obra. Os investidores da construção civil também fazem isto. A Saci, detendo exclusividade no fabrico e comercialização do produto, ensina tudo sobre Lajes Volterrana. E ainda vende pré-moldados de cimento para pronta entrega.

PARA COMPRAR PEÇAS FIAT VOCÊ NÃO PRECISA SAIR DO ALECRIM. SAVEL ABRIU SUA FILIAL



Peças genuínas Fiat, você agora pode adquirir no centro do bairro do Alecrim, num local de fácil acesso. Próximo ao cruzamento da Presidente Bandeira com a Olinto Meira foi inaugurada a primeira filial da Savel.



SAVEL. SALUSTINO VEÍCULOS LTDA. Presidente Bandeira, 737 Alecrim — Tel.: 223-1551 Natal-RN



Pte. Bandeira, 828 Tels.: 223-3626 / 3627 / 3628 Av. Rio Branco, 304 — Ribeira — Natal-RN

Morrer de sede em cima d'água - I

NEY LOPES DE SOUZA

Triste destino do nordestino: morrer de sede em cima d'água. Lembro-me que, ainda estudante de Direito, em 1964, visitei no Arizona (USA), a convite do Departamento de Estado, o vale do rio do sal. É o coração do semi-árido americano. A impressão, já distante do tempo, é de que ali se operara um milagre, cuja motivação maior foram as dificuldades enfrentadas pela economia norte-americana em 1930 (new deal). Mais uma prova de que o sofrimento leva a abundância, se o Homem for capaz de construir com as mãos, aquilo que o imponderável destrói pelas catástrofes.

Num solo salinizado, aparentemente inútil, ergue-se no Arizona um dos maiores celeiros de alimentos, através de culturas irrigadas e diversificadas. Será isto privilégio do vale do sal? Certamente que não. Lamentei o nosso Governador JOSÉ AGRIPINO não ter viajado aos Estados Unidos, para ver essa experiência, além de outras. Certamente os resultados de hoje, aliados a tecnologia avançada, impressionam mais do que a minha visita em 1964 (já se foram quase 20 anos). Mas, o exemplo americano (e como este povo tem exemplos a dar ao mundo) conduz a duas conclusões: primeiro, administrar é sair do convencional e abrir uma janela para o resto do mundo. Ver o que está sendo feito e adaptar às nossas condições regionais. Transpor recursos hídricos, como é o caso do Mississipi americano, não é peculiaridade dos EEUU, vez que a Espanha, Egito e Rússia fizeram a mesma coisa, com excelentes resultados; segundo, o problema nordestino é basicamente de água, com a agravante de que o líquido existe em abundância em nosso subsolo. Falta aproveitá-lo, fazendo com que o lençol aquífero nordestino deixe de ser a sepultura para os que morrem de sede (homens e animais).

A captação e o uso adequado da água darão ao Nordeste a capacidade de vencer os efeitos cíclicos das estiagens ou enchentes. Não se compreende, que uma região vocacionada para a produção agropecuária, venha desde 1979 com crescimento zero nesse setor, decrescendo até 7%. Na agricultura o quadro é idêntico: o milho decresceu 66% em 1981; o feijão caiu a produção em 36%, no mesmo ano. O algodão reduziu a produção em 50%. Para este ano as previsões, em relação a produção de 1978, são de que o milho decresça 38%, o feijão 13% e o algodão 18%.

Vinte e quatro milhões de pessoas (70% da população nordestina) sofrem na pele o drama da seca, sinônimo de desespero, desalento, dor e fome.

O Projeto Nordeste, como prioridade nacional, é

questão de segurança nacional. Não há mais tempo a esperar. O uso integrado dos nossos recursos hídricos partirá da transposição das águas do rio São Francisco, sem prejuízo — é claro — da utilização da água existente na região para a irrigação (projetos em curso do DNOCS e CODEVASF).

O Nordeste, por exemplo, exporta petróleo para o resto do País. Somos auto-suficientes em petróleo. Mas, infelizmente, a água é escassa. Logo a solução é importá-la de uma região para outra, habilitando área de quase 2 milhões de hectares para a prática regular e estável da agricultura. O desvio do São Francisco ensejará tal alternativa. Os custos do projeto (superiores a um trilhão e meio de cruzeiros) não espantam uma sociedade, que executa Itaipu, Carajás e sonha com a energia nuclear. Com uma diferença: é que de todos os projetos, o nordestino dará a resposta mais rápida, em termos econômicos.

O rio Parnaíba, a outra bacia hidrográfica perene da região, apoiará a ação integrada, permitindo que os «pedintes nordestinos» assumam a co-responsabilidade pelo destino nacional.

A política posta em prática, em que pesem as boas intenções (os cemitérios estão cheios de bem intencionados), é responsável pela manutenção, nos últimos vinte anos, das desigualdades entre o desenvolvimento do Nordeste e do resto do País. Os centros urbanos regionais (indústria e serviços) inegavelmente cresceram. Porém, a economia rural andou para trás e hoje, cerca de 95% dos municípios nordestinos, estão na área da seca.

Confio no futuro desta região. A imaginação e a criatividade dos homens públicos servirão de base para vencer a crise de hoje e construir o alicerce do amanhã. O debate é o instrumento a ser estimulado, pois somente ele abre os olhos daqueles que pensam ser os eternos latifundiários da Verdade e das Soluções. A prioridade para o Projeto Nordeste, e, fundamentalmente, o desvio das águas do São Francisco, serão os pontos de partida para jorrar a água do nosso sub-solo ou rios perenes, reduzindo os coeficientes de homens, mulheres e crianças, que morrem de sede em cima da água.

*O Autor é Senador-Suplente (PDS-RGN), além de Professor-Adjunto da UFRN (Direito Constitucional e Direito Econômico) e Advogado militante em Natal, com escritório à rua Mipibu, 350 — CEP 59.000.

INVESTIMENTO

Cadernetas ganham mais um impulso

Já são visíveis nas vitrines das principais casas de comércio do Centro e dos bairros mais populosos de Natal, pequenos volantes impressos pelo Clube de Diretores Lojistas de Belo Horizonte e Contagem, celebrando as virtudes do ato de comprar e condenando com veementos argumentos o estímulo à poupança. Trata-se da primeira reação do comércio às recentes medidas adotadas pelo Governo Federal de incentivo às cadernetas de poupança, o principal deles aceitando com rendimentos mensais com correção monetária e juros, além da garantia total do Governo para aplicações de até Cr\$ 15,9 milhões.

Com esse novo elenco de medidas, a caderneta desponta agora como o único ativo a combinar ao mesmo tempo rentabilidade, segurança e liquidez, ao mesmo tempo em que salvaguarda o programa habitacional, viabilizando-o de agora por diante com injeções de aplicações financeiras seguras e crescentes. A tendência, portanto, é que já a partir deste mês os depósitos em caderneta de poupança passem a ocupar uma posição cada vez mais privilegiada no que res-



Comércio luta pelo consumidor



Liquidar para vender



Consumir ou poupar?

peita aos pequenos e médios investidores. Em decorrência, o consumo de bens duráveis deverá sofrer uma sensível queda. Daí a reação do comércio lojista, com seu apelo de “comprar faz bem”. Pelo menos para o próprio comércio, naturalmente abalado numa conjuntura de crise.

Mas se o setor comercial já se resente e reage aos fortes apelos à poupança, a área bancária também não encobre suas preocupações. É o caso, por exemplo, de Luiz Paulino de Lima, Gerente do Banco Credisul. Ele afirma que os principais reflexos da poupança com rendimentos mensais sobre os negócios bancários incidirão sobre os depósitos à vista (depósitos em conta-corrente), justamente o tipo de aplicação que mais interessa aos bancos, “para que o dinheiro fique mais barato e os juros também”.

Esses depósitos são, no dizer de Luiz Paulino, o “fillet-mignon” dos bancos e sua queda, que já começa a se fazer sentir na praça, está empurrando para cima as taxas de juros o que, por sua vez, gera a carestia do dinheiro. E desabafa: “Hoje em dia ninguém quer depositar. Todo mundo quer investir em ORTNs, CDBs, RDBs etc. Isso ocorre, segundo ele, graças aos incentivos do Governo, que paga altas taxas de juros por esses papéis financeiros. Segundo Paulino, os bancos sobrevivem hoje da prestação de serviços: recebimentos de tributos, como prestações de água, luz, telefone etc.

“MERCADO ABERTO” — Já se nota uma redução nos investimentos

do mercado aberto (aplicações no "open market", que têm rendimentos semanais, e no "over night", com rendimentos gerados no dia seguinte ao da aplicação). A denúncia é de Guilherme Soares, Gerente do Banco Safra. Para ele, os investidores que vivem exclusivamente de renda e que têm necessidade de ter seus capitais remunerados mensalmente, estão levando seus recursos para a caderneta de poupança, atraídos pela liquidez e garantia desse sistema. Mas as pessoas que têm necessidade de remuneração a prazos mais curtos — diários ou semanais, devem permanecer no mercado aberto", diz ele. Quanto aos empréstimos bancários, ele admite que eles estão em declínio em vista de as taxas do mercado aberto serem superiores às determinadas pelo Conselho Monetário Nacional, que limitou-as em até 6 por cento ao mês.

No que pese aos depósitos à vista, Guilherme Soares acha que eles permanecem regulares, com uma ligeira tendência à queda em função da diminuição de negócios do sistema operacional da rede bancária. Mas ele aceita também que a nova caderneta com rendimentos mensais se tornará um investimento cada vez mais atraente para o pequeno investidor, principalmente porque esse ativo está isento de tributos, o que não ocorre, por exemplo, com as aplicações no "open".

LETRAS DE CÂMBIO — Já o Gerente do Banco Itaú, Antônio Tibério de Araújo, é de opinião que a poupança de renda mensal não afetará de maneira marcante os depósitos à vista aplicados nos bancos: "Isso não vai acontecer" — diz Tibério — "porque o cliente que tem depósito em banco geralmente utiliza esse dinheiro para suas despesas mensais que podem ser pagas comodamente com cheques, ao passo que a caderneta de poupança não fornece talão de cheques, o que cria o inconveniente de o cliente ter de se deslocar até a Caixa cada vez que precisar de dinheiro".

De acordo com Tibério, os incentivos da caderneta de poupança deverão atrair principalmente os capitais que seriam aplicados nas Letras de Câmbio e demais papéis com renda fixa, como os CDBs (Certificados de Depósitos Bancários) e RDBs (Recibos de Depósitos Bancários). Esses papéis serão atingidos, segundo ele, porque têm prazo mínimo de 180 dias



Bancos também atingidos...



... com ameaça de esvaziamento

para resgate de capital o que, comparativamente ao resgate mensal da caderneta de poupança, é um prazo longo e, portanto, pouco atraente para os pequenos e médios investidores.

Quanto ao mercado aberto, suas aplicações não deverão sofrer gran-

des abalos. Explicando, diz Antônio Tibério: "O "open" é um dinheiro que você aplica visando a resgatar num prazo mínimo, sempre inferior a um mês. Digamos" — diz ele — "que uma empresa tenha um pagamento para fazer daqui a uma semana. Se ela dispõe já daquele dinheiro, ela pode aplicá-lo com prazo de resgate de sete dias para obter um pequeno lucro no "open". E como essas aplicações do "open" são feitas por pessoas jurídicas, elas não podem ser comparadas com as cadernetas de poupança que são aplicações exclusivas de pessoas físicas. Portanto" — conclui —, "uma coisa não afeta a outra". □



**É MELHOR
PROTEGER OS
OLHOS...
...DO QUE
SUBSTITUI-LO**

Use óculos
de segurança ■



Representante para o
Rio Grande do Norte:

Todos esses equipamentos aprovados pela ABNT, Min. Trab. e Capitania dos Portos
Rua Sampaio Correia, 4000 — Bom Pastor — tla.: 223-2400-3557 — Natal-RN

opel MÁXIMO EM PROTEÇÃO

A Comissão Estadual de Artes, recentemente criada, tem como principal objetivo coordenar a participação dos artistas norte-riograndenses no Circuito de Artes Plásticas do Nordeste. Mas, espera-se, deverá consolidar o seu raio de ação, cobrindo uma área tradicionalmente desprezada pelas entidades oficiais responsáveis pela política cultural.

Não existe aqui nenhum programa efetivo na área das artes plásticas, exceção feita a dois prêmios anuais, irrisórios como prêmios, tanto em qualidade artística quanto em matéria de dinheiro. É estranho que assim seja, pois, na verdade, o Estado já dispõe de um grupo de artistas trabalhando com seriedade, apesar da falta de oportunidades, manipuladas sempre por uma camarilha cada vez mais gorda pelo abundante leite do poder.

O Circuito de Artes Plásticas do Nordeste é uma velha aspiração de críticos e artistas atuantes na região. Afinal a Comissão Nacional, desde a sua criação, apenas vinha privilegiando aqueles grupos localizados no eixo Rio/São Paulo com algumas incursões pelo Centro Oeste. É bom que fique desde já bem claro que este programa, que recebeu a moderna denominação de Circuito, não é um presente da Funarte, através do Instituto Nacional de Artes Plásticas, mas uma sofrida conquista de artistas, críticos e intelectuais insatisfeitos com projetos do gênero Arco-Íris, que afinal resultou em nada, pois não se fez acompa-

nar, como devia, de oportunidades iguais para todos, nem de um esperado reforço teórico. Uma coisa, pelo menos, sobrou de tudo isso: a certeza de que não vale a pena somente mostrar, mas, igualmente, discutir, discutir ampla e democraticamente a obra e o papel do artista como parte integrante da sociedade humana.

Que a Comissão Estadual de Artes Plásticas vem preencher uma lacuna, não resta nenhuma dúvida. Dúvida, se há, é sobre a qualidade de sua atuação.

BELAS IMAGENS —

A abertura da mostra comemorativa ao Dia Internacional do Fotógrafo, no Centro de Cultura, serviu também para mostrar o descrédito em que caiu, no Rio Grande do Norte, a promoção cultural oficial. Nunca uma exposição atraiu tanta gente em apenas uma noite, num flagrante contraste com o que se viu, dias antes, no vernissage de Newton Navarro, durante vários anos considerado em certos meios como «o artista oficial do Estado», curiosa personagem que atravessa as décadas, mimada por, aproximadamente, cinco ex-governadores.

Promoção independente, organizada pelos próprios fotógrafos da cidade, a mostra revestiu-se um inusitado êxito, propiciando o encontro das classes mais heterogêneas e constituindo-se numa grande festa, sem dúvida, socialista.

Surpreendeu a todos o nível geral da mostra, que reuniu 22 fotógra-

fos, entre profissionais conhecidos e amadores. Mas o destaque vai para as peças de Walmir Queiroz com os seus interiores nordestinos, captados com empática sensibilidade; Maysa Albuquerque, de todos os expositores, o mais dramaticamente penumbriado; João Bezerra Jr.; Rildécio Medeiros; Giovanni Sérgio Rêgo; Rosemilton Silva; e, pelo menos, uma ou duas peças de Emerson Amaral e Esam Elali. Sem falar em Rosemilton Silva, Ivanísio Ramos e Roberto Alves. Argemiro Lima, Flávio Américo Novaes, Jaeci, pai e filho, Vilela, Roberto Duarte, Ubaldo, Euribes Franco, J. R., Carlinhos e Moraes Neto completam o elenco e comprovam que, em Natal, a arte da fotografia já atingiu um estágio profissional.

PEQUENA LITURGIA

— **Esquina Colorida**, espetáculo que representou o Rio Grande do Norte no **Festival de Teatro de Campina Grande**, merece ser visto e revisito (por que não?) por todos aqueles que, realmente, curtem um bom teatro. Não se trata de um desses espetáculos pretensiosos, tão em voga em Natal, com os quais os grupos «de amadores» tentam mascarar, em geral, sua falta de criatividade e de uma forma tantas vezes apenas estapafúrdia.

Sob a direção de Vila Ilson, o Grupo, que leva o mesmo nome do espetáculo, transformou-se logo de entrada em sinônimo de trabalho bem feito, criativo e inserido na realidade. Apoiado por um pequeno elenco,

ajustado com precisão de relógio suíço, **Esquina Colorida** é um espetáculo que nada tem de provinciano, embora, paradoxalmente, recrie uma atmosfera indiscutivelmente natalense. Logo se identificam, numa primeira visão, os personagens que estão na linha de frente da vida política do Estado, com suas picuinhas, seus interesses particulares e todas as circunstâncias que nos singularizam e dão «aquela» cor local, entendida, aqui, em sua abrangência nacional.

É impressionante a forma pela qual os atores envolvem a platéia, criando uma empatia com o espectador que perdura até a cena final. E que somente se equipara à criatividade com que, durante todo o espetáculo, os mais díspares elementos se harmonizam, num crescendo dionisíaco de ritual e catarse perfeitamente plausíveis. Impossível destacar uma cena nesse conjunto homogêneo ao qual, além de Vila Ilson, João Maria Marcelino, Dimas Carlos, Nelson Quinderé e Marcos Bullhões emprestam todo o seu talento, num entrosamento que serve de exemplo aos outros grupos e aos outros atores e que, por outro lado, enriquece a própria história do teatro no Rio Grande do Norte.

BAS FOND LITERÁRIO

— Em Nilo Sérgio Emerenciano, autor de **Aconteceu na 5.ª Delegacia** (Prêmio de Ficção Fundação José Augusto/81), é evidente o império que ele exerce sobre a palavra, seu instrumento de comunicação,

CULTURA

ajustando-a segundo o seu desejo numa frase que recria, objetivamente, a nossa realidade urbana — de uma forma, muitas vezes, enganosa. Na verdade, antes de ser um repórter do cotidiano, Nilo Sérgio é um ficcionista, um bom ficcionista por sinal, ou seja, alguém que trabalha em cima da realidade, elegendo a partir daí um repertório que sintetiza sua visão do mundo. E aqui, respeitadas as peculiaridades de cada um, se coloca Nilo Sérgio ao lado desse igualmente genuíno e expressivo Tarcísio Gurgel.

Ruben G. Nunes, porém, difere dos dois de uma forma impulsiva. E na exata medida em que, mais sensitivo, se deixa

possuir pela palavra, deixando-se levar até profundezas pouco usuais, em termos de produção literária na província. Isto não faz de Ruben G. Nunes nem melhor nem pior que os outros, mas diferente. Singular mesmo. E o seu «romance urbanóide», **Gestos Mecânicos**, uma voragem que engolfa e arrasta o leitor, mesmo aquele já calejado por uma literatura de vilezas inomináveis.

Ruben G. Nunes há de agredir os puristas com este seu livro duplamente premiado com o **Elias Souto**, da FJA, e o **Câmara Cascudo**, da Prefeitura Municipal do Natal. Linguagem desabrida, anti-literária por excelência, feita de gírias e

palavrões, de uma autenticidade sem dúvida desnorteadora, que extrapola todas as convenções e que faz do próprio Ruben G. Nunes, dentro do quadro da literatura feita no Rio Grande do Norte, um marginal. Seu romance é escrito de tal forma que dissimula o trabalho do autor. As personagens emergem do caos, impotentes mas esperançosas, falando uma língua desprovida de **glamour** mas que o leitor reconhece e compreende porque há, nela, essa tensão obscura de todos os dias.

ARTE VIVA — O Centro de Formação Artística **Viva Arte**, há pouco inaugurado, tem como objetivo principal, se-

gundo os seus coordenadores Dolores Portela Maciel, Maria Olga Araújo Aranha e Osvaldo D'Amore, “despertar a criatividade, estimular o gosto pelas artes e orientar as tendências artísticas mais latentes em cada pessoa, utilizando métodos modernos e atraentes para obter um melhor rendimento da capacidade de cada um, desenvolvendo livremente suas aptidões”.

Nesta primeira fase de atividade, o Centro oferece orientação a jovens e adultos, além de cursos para crianças, em artes plásticas, música e teatro.

FRANKLIN JORGE

A MESMA CRENÇA

A Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte saúda o Senador Dinarte Mariz pela passagem do seu 80.º aniversário. E, da mesma forma que ele, afirma a sua crença nos ideais democráticos.



**Assembléia Legislativa do
Rio Grande do Norte**



CONJUNTURA

Gasoduto é esperança e alternativa

O Gasoduto que a Petrobrás implantará a partir da estação de compressores de Guamaré, litoral do Rio Grande do Norte, já está com seu projeto em fase de detalhamento e a conclusão prevista para daqui a dois anos, mais precisamente em 1985. De acordo com informações obtidas junto à Assessoria de Relações Públicas da Superintendência local da Petrobrás, esse Gasoduto virá até Natal, seguindo o traçado da BR-101, prosseguindo até João Pessoa, Recife e Cidade do Cabo, beneficiando em abastecimento de gás natural as indústrias dos três Estados nordestinos.

Trata-se do primeiro Gasoduto a ser implantado no Rio Grande do Norte — existem outros nas Bacias Campos-Rio de Janeiro, Sergipe-Bahia e Bahia-Camaçari — com os custos orçados em torno de 100 milhões de dólares. Com diâmetro de doze (12) polegadas, o Gasoduto terá uma extensão de 410 quilômetros. A execução, adiantou o Assessor de Relações Públicas, está a cargo do Serviço de Engenharia da Petrobrás, que utilizará tecnologia nacional.

Proveniente das Bacias de Ubarana e Agulhas, o Rio Grande do Norte produz um milhão de metros cúbicos/dia de gás, o que justifica a implantação do Gasoduto, vez que com uma produção menor não seria possível. A sofisticada tecnologia aplicada na exploração de gás requer um alto investimento por parte da Petro-

brás, o que só se justifica quando existe compradores em potencial para sua produção, e as reservas são grandes. No caso específico, serão beneficiadas as indústrias de três Estados nordestinos, como também a própria população, que se reverterá em mão-de-obra, embora a Petrobrás ainda não adiante a quantidade dessa mão-de-obra que ocupará. O pagamento de «royalties» está totalmente descartado porque a legislação não permite que se cobre «royalties» de exploração em mar, como é o caso.

CONSUMIDOR — A Petrobrás não descarta a possibilidade — como já foi até ventilada por um político local — de se beneficiar o consumidor comum com o gás de cozinha, a exemplo do que acontece no Rio de Janeiro, com o gás canalizado. Para isso, basta que alguma empresa, ou mesmo o Estado, se disponha a comprar os direitos de exploração, pois para a Petrobrás, “quanto mais compradores, melhor”, frisou o Assessor de Relações Públicas.

UTILIZAÇÃO — Segundo folheto distribuído pela Petrobrás, o gás natural é considerado o “combustível da próxima década”, pelo número de utilizações a que ele se presta, como matéria-prima fundamental para a indústria petroquímica e de fertilizantes, combustível de motores, fornalhas de caldeiras, tratadores de óleos, como também em trabalhos de recuperação do Petróleo não extraído nas operações de produção primária. Mas sua utilização “mais nobre é em instalações de processamento de gás, quando é vendido comercialmente em forma de gás de cozinha e de gasolina natural”, justifica o folheto.

O mesmo folheto informa que o Brasil dispõe de 72.335 milhões de metros cúbicos em reservas de gás natural, com uma produção total de 10.205 metros cúbicos por dia, em diversos pontos do País (inclusive na Amazônia), mas principalmente no litoral, em exploração em mar. Em termos comparativos, o Gasoduto mais extenso é o que liga os Estados de Alagoas/Sergipe/Bahia, com 450 quilômetros de comprimento, seguido do Gasoduto Campos/Reduc (Rio de Janeiro), com 410 quilômetros de comprimento.

Complementando as informações sobre o Gasoduto de Guamaré, o Assessor da Petrobrás resume, afirmando que “o fato é que vai gerar riquezas”. □



Petrobrás amplia ação

UMA QUESTÃO DE BOM SENSO



O slogan “pensou em construir, pensou na Saci”, já está tão difundido e acreditado no Rio Grande do Norte que são raras as pessoas que constroem ou reformam suas casas e não compram o material na Saci — Material de Construção Ltda., ou mesmo vão até a loja pedir informações sobre produtos e detalhes técnicos. É, primeiramente, uma questão de bom senso. A empresa já é uma tradição de mais de vinte anos, vendendo bons produtos ao norte-riograndense, comercializando as grandes marcas. Depois, são os bons preços e os convidativos planos de pagamento. Engenheiros, arquitetos, investidores do setor e até mesmo donas-de-casa “na hora de construir, pensam na Saci”. E, se você vai construir, pense também na Saci.



Pte. Bandeira, 828 Tels.: 223-3626 / 3627 / 3628
Av. Rio Branco, 304 — Ribeira — Natal-RN

Inamps tenta recuperação de viciados há um ano

Doença incurável, segundo os membros das Associações de Alcoólicos Anônimos; vício ou falha de caráter, para os partidários da moralidade; dependência de natureza psicológica, para as modernas correntes da Medicina... não importa o conceito. O alcoolismo é, sob qualquer um desses aspectos, um dos maiores problemas sociais e de saúde de hoje em dia no Brasil, e o Rio Grande do Norte é o terceiro Estado no ranking nacional no consumo de bebidas alcoólicas, segundo dados do Ministério da Saúde.

Com base nesse fato é que foi criado há pouco mais de um ano, um programa especial de tratamento de alcoolismo, por iniciativa de uma equi-

com problemas alcoólicos no Posto de Psiquiatria e Neurologia das Rocas.

EIXOS — O coordenador do programa, médico-psiquiatra Maurício Roberto Campelo de Macedo, explica que o trabalho é realizado em cima de três eixos: epidemiologia do alcoolismo; percepção social do alcoolismo e demanda de alcoolistas ao posto, ou seja, voltado para a assistência e a pesquisa, não se tendo conhecimento de prática idêntica em outras instituições públicas previdenciárias.

De acordo com Maurício, o objetivo do programa é articular todos os conhecimentos em torno do problema, procurando detectar a sua dimensão

histórica, ao contrário de outras tentativas particulares, estanquizantes, que apreciam a questão apenas a partir de um único ponto de vista, quer seja clínico, biológico ou social. Daí também a originalidade do Programa de Alcoolismo da equipe do INAMPS: uma síntese de todas essas situações, que busca esclarecer a partir de que momento o alcoolismo passa a constituir-se como problema médico ou como problema social.

Essa visão multilateral do problema alcoolismo se tornou possível mediante a constituição de uma equipe técnica que funciona de maneira integrada, constituída de um psiquiatra, uma enfermeira, uma psicóloga, um sociólogo e uma assistente social. Comparado a outras formas de assistência, fica evidente, diz Maurício, que esse trabalho conjunto de diversos técnicos produz uma visão muito mais enriquecedora do problema do que aquela resultante de um ponto de vista único, como é o caso, por exemplo, dos Alcoólicos Anônimos, os quais radicalizam o problema: ou você deixa de beber ou nada feito. Na opinião deles, diz Maurício, o alcoolismo é uma doença incurável cuja única resposta é a abstinência total.

ATENDIMENTO — O programa foi implantado com apoio da direção do INAMPS que o vê como uma forma de reduzir as internações hospitalares dos pacientes alcoólicos, cujo número é considerado altíssimo, haja vista que esses pacientes ocupam frequentemente os leitos dos hospitais por períodos que variam de 30 até 90 dias, onerando os gastos com assistência médica do INAMPS e dificultando a internação de outros pacientes necessitados de assistência hospitalar.

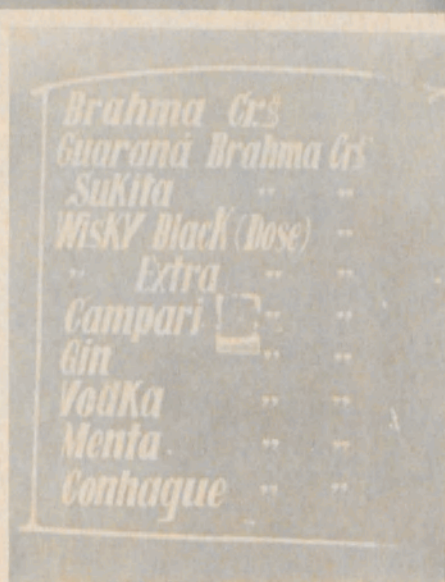
O programa vem funcionando numa ala do Posto de Psiquiatria das Rocas, com duas salas, além de um anexo na Urgência Médica, tendo o pessoal sido liberado de outras atividades para dedicação exclusiva ao programa.

A equipe recebe os pacientes encaminhados pelo ambulatório de psiquiatria do Posto, os quais são conduzidos primeiramente à enfermeira, que entrevista o paciente e lhe explica de que modo o programa pode ajudá-lo. Em seguida, o paciente é encaminhado a um dos técnicos, de acordo com o tipo de problema apresentado, sendo no final visto por toda a equipe. Em seguida, é traçado um plano de trabalho conjunto para o pa-



O vício surge de forma social...

pe de técnicos em saúde do INAMPS — Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social. Esse programa foi precedido de uma experiência-piloto levada a efeito nos bairros de Rocas, Santos Reis e Brasília Teimosa, mediante o emprego de questionários, cujo resultado revelou que 20 por cento da população adulta masculina desses bairros apresentavam problemas ligados à excessiva ingestão de bebidas alcoólicas. A partir daí foi instalado, com apoio da Coordenadoria de Promoção de Saúde Individual do INAMPS, um serviço próprio de atendimento a pessoas



... e se sistematiza nas preferências

ciente que também inclui o envolvimento de seus familiares, através da assistente social. O objetivo é analisar todos os elementos relacionados com o problema do alcoolatra a fim de poder proporcionar-lhe os recursos necessários à sua melhoria.

PROBLEMA — Mas o problema do alcoolismo não se limita apenas aos bairros de Santos Reis, Rocas e Brasília Teimosa, onde as dificuldades econômicas aliadas à falta de opções de lazer explicam em grande parte o excessivo consumo de bebidas «quentes» — aguardentes, batidas, etc. Nem mesmo é uma opção só das classes pobres. Pelo contrário, o problema do alcoolismo em Natal, diz o sociólogo Nelson Patriota, está disseminado em todas as classes e em ambos os sexos e a experiência do programa permite dizer, afirma ele, que a gravidade do problema é a mesma, não importando a condição financeira ou social da pessoa.

As razões que levam as pessoas a beber, diz o sociólogo do programa, são as mais diversas: desde a procura dos amigos nos bares, até a afirmação da virilidade e do machismo, entre os homens, ao passo que entre as mulheres pode ser explicado por um



Bebedor social: estágio

desejo de auto-afirmação, de emancipação, etc. Na verdade, diz Nelson, a sociedade cobra das pessoas que elas bebam, mas se escandaliza quando essas mesmas pessoas se embriagam e provocam problemas. Há aí uma nítida contradição entre o apelo à bebida e suas consequências. Para ajudar essas pessoas é que o programa foi criado e está dando resultados satisfatórios.

CONCEITO — A psicóloga Helena

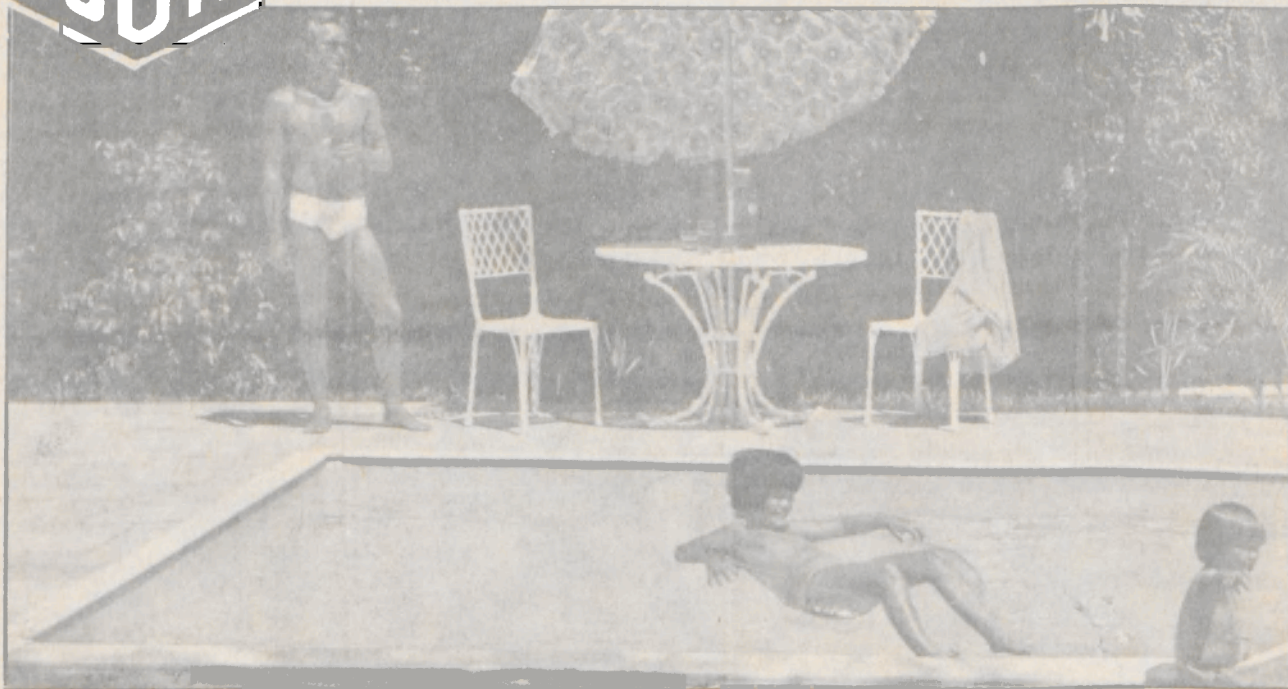
Maria de Souza lembra que o alcoolismo não é uma questão fechada para a equipe. Trata-se de um conceito socialmente determinado e cujas explicações devem ser buscadas no próprio meio social do indivíduo. O alcoolismo, diz ela, é um problema que não pode ser resumido no conceito de doença, como querem os Alcoólicos Anônimos, porque cada caso tem sua própria história e é perfeitamente admissível que em alguns casos o indivíduo volte a beber, de maneira controlada, se ele assim o desejar.

Atualmente o programa está atendendo a uma média de 60 segurados, alguns dos quais têm apresentado sinais positivos de melhora, tanto na esfera do trabalho quanto a nível familiar e social. Acredita a equipe do INAMPS que o caminho mais acertado para a solução dos problemas de alcoolismo tem de ser buscada numa abordagem multidimensional, como está sendo feita, onde cada técnico contribui com seu saber especializado de modo a construir um modelo de trabalho onde o indivíduo é visto em sua totalidade, atendendo-se às suas aspirações e procurando ajudá-lo no caminho da solução do seu problema. □



Um Departamento Especializado em: piscinas, equipamentos e acessórios, sistemas de iluminação e som subaquático,

produtos químicos p/tratamento d'água, banheiras com sistema de hidroterapia, bombas hidráulicas e sistema de pressão.



Companhia
Distribuidora de
Ferragens

Com pessoal tecnicamente capacitado para orientar, dimensionar e construir sua piscina, obedecendo aos mais modernos padrões de qualidade e aos mais atualizados critérios técnicos para seu maior conforto e segurança.

Rua Dr. Barata, 190/192 — Ribeira — Fone: 222-3571 — Natal-RN

As estatais e a economia nacional

MÁRIO MOACYR PORTO

O artigo 170 da Constituição Federal estabelece:

“As empresas privadas compete, preferencialmente, com o estímulo e o apoio do Estado, organizar e explorar as atividades econômicas.

§ .º — Apenas em caráter suplementar da iniciativa privada o Estado organizará e explorará diretamente a atividade econômica”.

Em que pese a determinação da nossa Lei Maior, que os maus fados reduziram à melancólica condição de uma colcha menor de numerosos retalhos, a economia nacional se divide, a rigor, em dois pólos ou segmentos: empresa estatal e empresa estrangeira. A empresa brasileira, ressalvadas as inevitáveis exceções, caminha aos trancos e barrancos, notadamente nos tempos difíceis que atravessamos.

Descobriu-se, recentemente, que a empresa estatal, além de ineficiente, era um viveiro de sinecuristas, um paraíso de mordomias escandalosas, um fator de déficits astronômicos, enfim, verdadeiros mandarinatos de privilégios inconcebíveis.

Parte, grande parte desse libelo é procedente e irrefutável. As grandes empresas estatais, tomados de insofreado gigantismo, constituíram-se em uma espécie de federação de plutocracias, acima do controle do Estado. Os seus déficits atingem as cifras mirabolantes dos trilhões de cruzeiros etc.

Mas de par com essas verdades irreplicáveis, sobra uma verdade subjacente. Não será que por trás dessa campanha de descrédito, que se apoia em fatos verídicos, não se esconde o malicioso propósito de adquirí-las por parte de quem tem o fácil poder de comprá-las? Com a desvalorização do cruzeiro em relação ao dólar, e as crescentes dificuldades que sufocam a empresa nacional, podemos afirmar que a metade da indústria brasileira está exposta à venda pela metade do preço. Há um cerco deliberado, cruel, selvagem, em torno do que resta de brasileiro entre nós. Escassez de crédito, juros exorbitantes, aviltamento dos preços das mercadorias destinadas a exportação etc,

enfim, um somatório de fatores negativos que desafiam a mais arguta capacidade empresarial. A conversa fiada que a crise é universal não convence. O produto interno bruto dos nossos irmãos americanos atingiu a patamares tão elevados que eles mesmos se declararam surpreendidos com a rápida e «milagrosa» recuperação. Recentemente, o ministro da Economia do Japão declarou à imprensa “que não sabe como o Brasil se encontra na difícil situação em que se debate”. O senhor Roberto Slinghton, vice-presidente do “Chase Manhattan”, que é um dos maiores Bancos do mundo, manifestou em data relativamente recente, a estranheza pela reduzida receita cambial do Brasil, aduzindo que, provavelmente, está havendo uma “evasão de divisas”. É a palavra insuspeitíssima do dirigente de uma das maiores organizações financeiras da Terra, credora do Brasil, visivelmente escarmentado com a eventualidade de uma «evasão» que diminui a chance de receber de volta o seu rico dinheiro. Lemos na «Folha de São Paulo» que, no ano passado, o SNI levava ao conhecimento do Presidente da República a prática generalizada da «evasão de divisas», através do sub-faturamento de quem exporta e superfaturamento de quem importa, que acarretaria para o Brasil um desfalque da ordem de quinhentos milhões de dólares por ano.

Por tudo isso, advogamos hoje que todas as forças vivas deste infortunado País se unam para uma corajosa tomada de posição, um posicionamento suprapartidário que reponha a nossa Pátria nos trilhos, uma espécie de trégua, no mais alto sentido da palavra, para enfrentar a borrasca, identificar os «inimigos» ostensivos e sobretudo os ocultos, pois para quem tem olhos de ver, há, hoje, uma profunda insatisfação em todas as camadas da comunidade. Hegel, em linguagem alegórica, dizia: “Só quando anoitece, o mocho levanta o vôo da cabeça de Minerva”, isto é, os dirigentes insistem em dançar o minueto quando já se ouve a tropelada da carmanhola.



O teatro continua trajetória...

TEATRO

laperi supera dificuldades e está firme

laperi Araújo está há poucos meses à frente do Teatro Alberto Maranhão, escolhido ainda no Governo Laivoisier Maia para substituir Meira Pires (falecido no final do ano passado) e, no início sua indicação sofreu algumas restrições, pelo fato dele não pertencer ao mundo teatral da cidade. Agora, porém, laperi considera as dificuldades superadas e afirma que tem bom relacionamento com todos os grupos de teatro, inclusive com a Associação de Teatro Amador do Rio Grande do Norte e Jesiel Figueiredo (um dos nomes que incluía a lista para direção do TAM).

Em todas as oportunidades, laperi deixa claro que sua intenção é popularizar o teatro, desmistificar a impressão que se tem do TAM e elaborar uma programação que dê margem a que o «povo mesmo» procure o teatro. Diz laperi que está contactando com a SEC, partindo da idéia do Pi-



... com trabalho de Iapery

xinguinha, para criar o Projeto Arri-baçã, que deverá levar os artistas locais para apresentação nas principais cidades do interior do Estado. Fle quer também trazer o Projeto, da SMEC, Zé Menininho, para o Teatro, que na sua opinião seria uma maneira de trazer o público da periferia para o teatro.

Com a proposta de abrir o máximo possível o Alberto Maranhão, laperi diz que estuda também um Projeto Escolarte, que seria entregar a cada escola de 2.º grau um dia do teatro por semana, para apresentações das manifestações culturais, como uma forma de ensinar o caminho do teatro ao povo.

O Alberto Maranhão está com sua pauta já pronta para até o final de dezembro, que inclui apresentações de um grupo de dança Tarancon, Egberto Gismonte, Turíbio Santos, João Bosco e da peça Analista de Bagé, entre outros, frisou laperi.

SALDO — Apesar das barreiras iniciais — problemas com o serviço de som e atritos com outros espetáculos, cuja data de apresentação coincidia — o Projeto Pixinguinha chegou ao final, apresentando a musa da bossa nova, Nara Leão e o grupo Camerata Carioca, de 5 a 7 de agosto, com um saldo considerado positivo, segundo afirmou o superintendente do Teatro Alberto Maranhão, laperi Araújo.

“O saldo do Pixinguinha foi bem positivo, não só porque a gente trouxe público para o teatro, mas também porque demos um apoio tão efetivo a grupos locais”, afirmou laperi, informando em seguida que a Funarte já pediu fita gravada e currículo vitae desses músicos que se apresentaram no Janela do Pixinguinha (participação dos artistas locais no Projeto), para estudar a inclusão de alguns desses nomes no próximo Projeto.

Levado a efeito somente este ano, embora a idéia tenha surgido há algum tempo, o Janela para o Pixinguinha tem como objetivo aproveitar as apresentações de artistas de nome já firmado no cancioneiro nacional, e mostrar o trabalho que se faz a nível local, em termos de música. O elenco foi escolhido a partir de anúncios em jornais e emissoras de rádio, para inscrição no Teatro Alberto Maranhão, conseguindo inscrição de 16 grupos interessados, mas somente sete (o número de espetáculos previstos para o Pixinguinha) foram selecionados, com base em votos de pes-

soas ligadas à música e programas de rádios em Natal.

RESULTADOS — Baseado em resultados (embora ainda imprecisos, adiantou Iaperi) de um questionário aplicado pela Funarte, órgão responsável pela apresentação do Projeto em todo o Brasil, no último dia de apresentação, os grupos locais mais apreciados foram Pedro Inácio, Galvão e João Galvão e Lóla. Dentre os artistas nacionais os mais votados foram Miúcha e Braguinha e Nara Leão e Camerata Carioca, os dois espetáculos mais concorridos e que tiveram de ser reprisados em sessões seguintes ao normal, para atender a demanda. Arrigo Barnabé, pouco conhecido do grande público e que apresenta uma proposta musical completamente inovadora e experimental, foi o artista cujas informações foram as



Estrutura para espetáculos

mais contraditórias — uma parte do público reagiu entusiasticamente, enquanto outra detestou, literalmente.

FINANCEIRAMENTE NÃO DEU — Apresentado em Natal por obra e graça da Secretaria de Estado da Educação e Cultura, depois de gestões feitas ano passado pelo então Secretário de Educação, Luís Eduardo Carneiro e concretizado na atual administração, o Projeto Pixinguinha contou com o patrocínio da Petrobrás, que arcou com 50 por cento das despesas a nível nacional, e apoio da Caern e Prefeitura Municipal, responsáveis pelo cachê dos artistas locais. Mesmo assim, o Projeto não teve grandes lucros, frisou Iaperi, informando que o Teatro Alberto Maranhão, a quem caberia 10 por cento, teve alguma dificuldade para pagar o

peçoal de apoio, principalmente no espetáculo de Elza Soares, quando o TAM teve de desembolsar seu próprio dinheiro para pagar o pessoal.

Os custos totais do Projeto, a nível nacional, foram de Cr\$ 180 milhões e a nível de Estado do Rio Grande do Norte custou Cr\$ 7 milhões, oriundos da Secretaria de Educação, que se responsabilizou pelo serviço de som, hospedagem e passagens de avião para os artistas. Além dos 10 por cento destinados ao TAM, a bilheteria do Pixinguinha era dividida com os artistas, a SBAT (Associação Brasileira de Autores Teatrais) e ECAD (que trata dos direitos autorais dos músicos).

Totalizando 24 espetáculos em sete semanas, embora a previsão inicial tenha sido de 21 apresentações, o Pixinguinha conseguiu, este ano, um público aproximado de 15 mil pessoas, disse Iaperi Araújo — 13.500 de público pagante e quase dois mil de cadeiras cativas, incluindo a imprensa, camarotes e cortesias. A projeção anterior era de 18 mil pessoas, disse Iaperi, mas o que se conseguiu aproximou bastante do que se pretendia. O espetáculo com menor público foi o de Elza Soares, com apenas 1.100 pessoas, o que surpreendeu bastante, enquanto que o mais concorrido foi o de Nara Leão, com 3.700 pessoas, com duas reprises. Miúcha reprisou uma vez.

Iaperi, um dos grandes responsáveis pela vinda do Pixinguinha, destacou, no entanto, a importância cultural do evento, que estimulou o público a procurar o teatro que, devido a um certo ostentamento de suas instalações físicas, intimida um pouco. Além do mais, movimentou um pouco a cidade, bastante carente de eventos culturais e artísticos.

Criado em 1977, objetivando fixar um hábito cultural com matéria-prima exclusivamente brasileira, além de ocupar espaços de programação no horário geralmente ocioso que é o das 18 horas, o Projeto Pixinguinha trouxe este ano a Natal Nana Caymmi, Johnny Alf e como convidado especial o principiante Flávio Sales; Quarteto em Cy e Canhoto da Paraíba, Arrigo Barnabé, Elza Soares e Batatinha da Bahia; Marinês e Sua Gente e Julinho do Acordão; Miúcha, Braguinha e Coisas Nossas e Nara Leão e Camerata Carioca. O elenco local estava formado, pela ordem de apresentação, por Lóla, Alcateia Maldita, Banda Imaginária, Banda Locomotiva, Galvão e João Galvão, Pedro Inácio e Eustáchio Lima. □

PEÇAS PARA FIAT E VOLKS



CASA DO VOLKS

Problemas do seu carro deixam de existir, quando você faz uma boa opção, e, essa é a Casa do Volks. Dispondo de um excelente estoque de peças, tintas automotivas, acessórios, escapamento e volantes esportivos; capas para bancos e sistema de som completo. Todos com instalação grátis, além de um amplo estacionamento. Sem compromisso, faça-nos uma visita.



Gurgel & Oliveira
Comércio e
Representações Ltda.

Av. Prudente de Moraes, 1804
Tels.: 223-2488 e 223-5048

Rio Grande do Sul

Rio Grande do Norte

VOCÊ COLABOROU COM OS FLAGELADOS DO SUL?

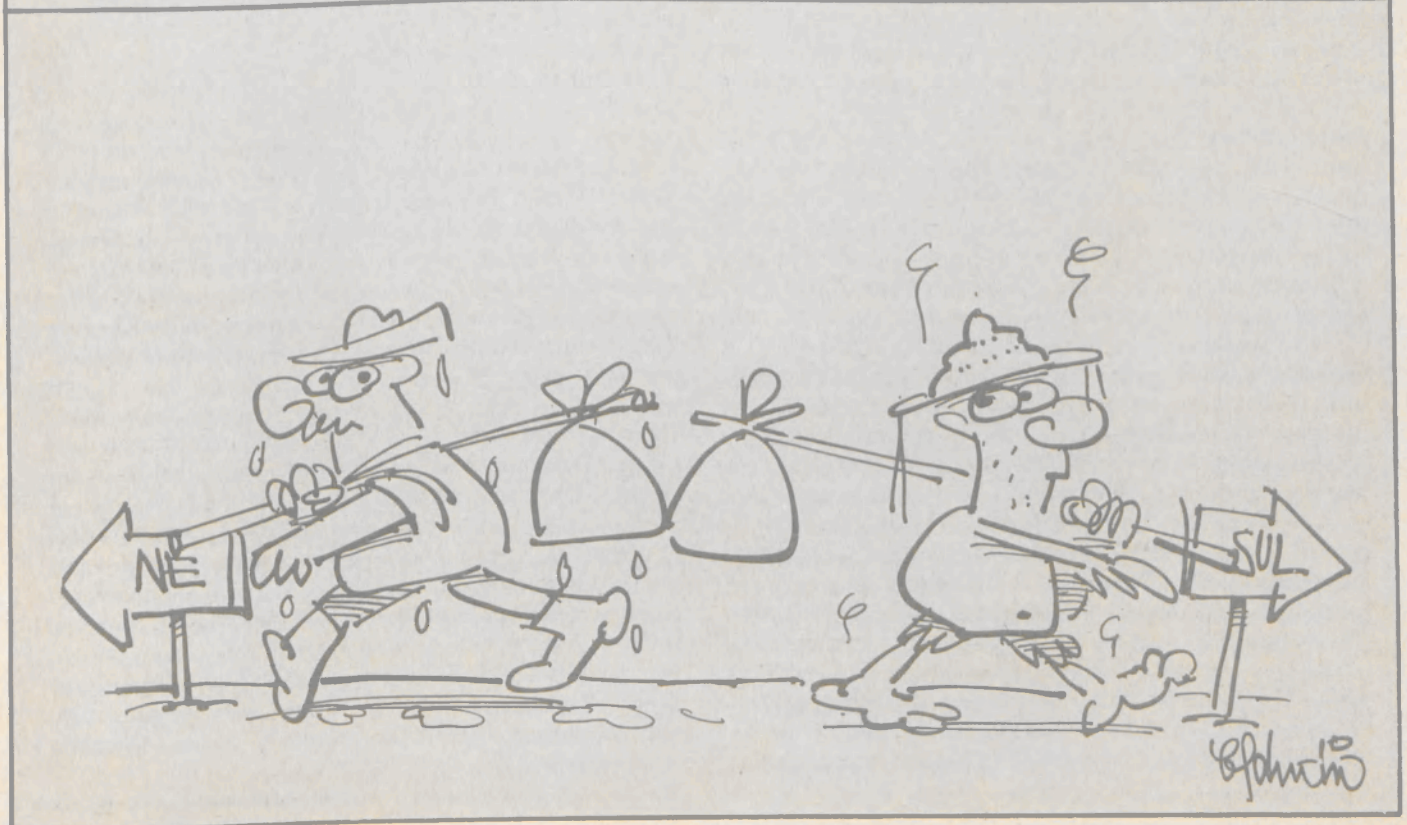
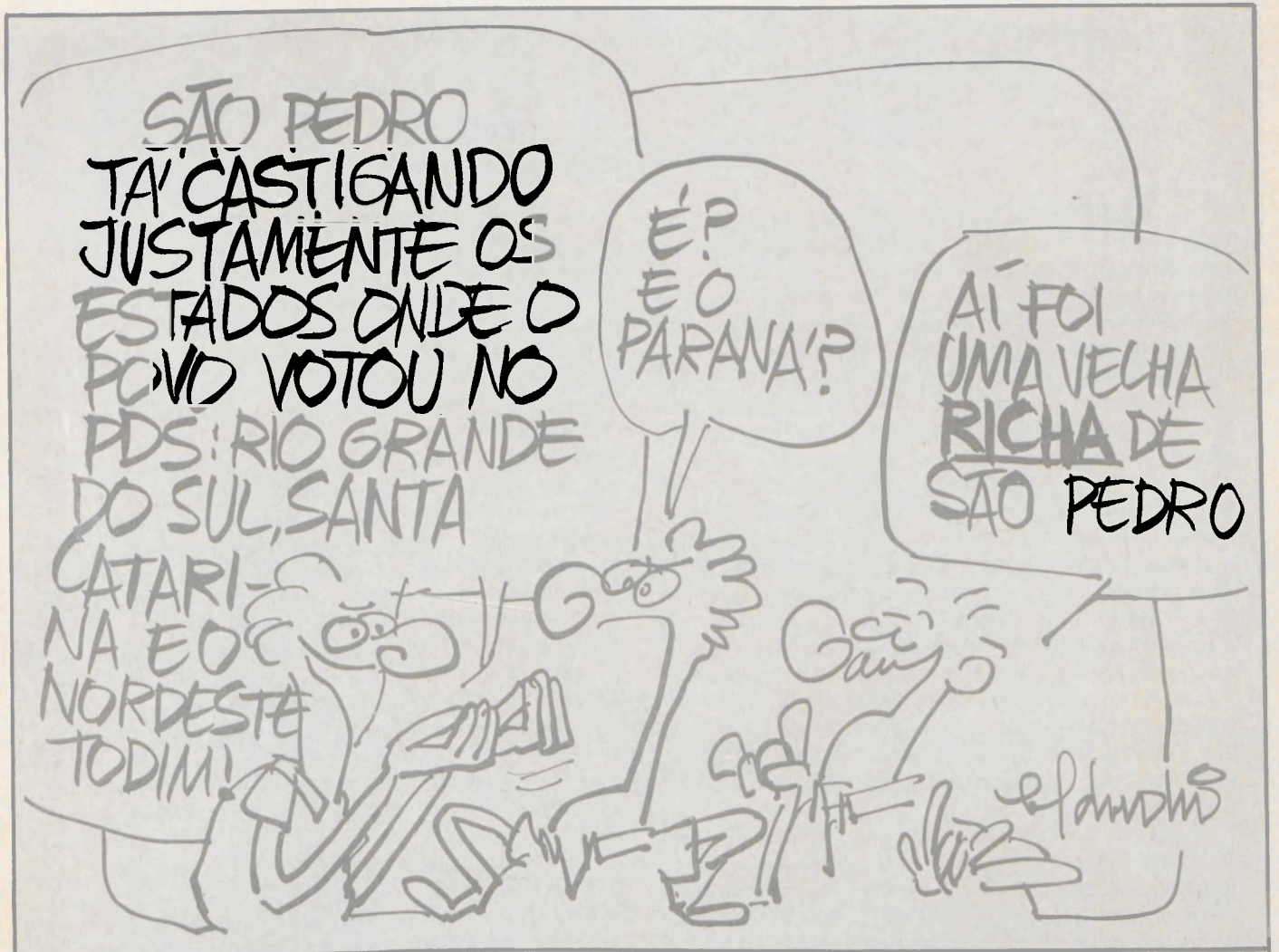
MANDEI UM PEDAÇO DE RAPADURA

E EU UM SACO DE FARINHA

É A SOLIDARIEDADE?

NÓS TEMO É SOLIDÃO!





Amenidades futebolísticas

ROSEMILTON SILVA

Fui e voltei e não vi nada modificado. Logo de chegada nos EE.UU um pequeno incêndio na casa em que estava; roubado em pleno centro de Houston e de saída quase pego um furacão. Já me disseram que eu saí muito carregado e espero ter «descarregado» tudo por lá. Bom, não vi nada de futebol nos americanos mas peguei (que azar!) o tal do beisebol que não entendo patavina e de quebra o futebol americano que também não consigo compreender. Mas na verdade ninguém está querendo saber disso, o que está interessando a moçada que me lê é como anda nosso futebol. É como disse no início: «Nada de novo no Front». Agora o América contrata três times e ganha o Campeonato. Isto é: Pio está de volta. Do outro lado, o ABC não quer amargar mais uma derrota e também deve reforçar a equipe para o restante do Campeonato. Alecrim mudando de direção (valem os dois sentidos que o leitor queira dar a frase) e pela primeira vez na minha vida compareci a posse de uma diretoria de clube a convite de Joilson Santana e do médico Roberto Vital com quem jantei no clube. Diabos, desde hoje que eu faço mais crônica social que falar de futebol.

Pelo que eu tenho visto ultimamente, o nível técnico não cresceu em muito, mas o interesse da galera tem aumentado em função de uma nova alma dada ao ABC e isso eu já prognosticava durante o início do ano e dizia anos anteriores que enquanto o alvinegro não voltasse as boas o público estaria ausente. Para antever essa jogada aí não precisa ser comentarista nem escrever sobre futebol, qualquer torcedor de esquina sabe disso. Mas sabe o que tem contribuído também para o retorno do torcedor ao Castelão? As palhaçadas que estão ausentes. Durante muito tempo fui uma pessoa que criticou Henrique Gaspar, mas agora tenho também que elogiá-lo pela maneira como vem se comportando, só espero que o diretor de futebol não influencie o presidente a tomar atitudes que não condizem que o comportamento desportivo.

Por seu turno, os pequenos (Atlético, Riachuelo e demais) também criaram uma grande expectativa porque melhoraram bastante seus plantéis e não apresentavam mais surpresas (ou apresentam) quando dificultam as partidas com os chamados clubes grandes. Já os três do interior continuam amargando as suas crises e que não são muito diferentes. Problemas financeiros e crises nas diretorias. O estado mais grave continua sendo o Potyguar, de Currais Novos, que sequer possui jogadores reservas para figurar no banco. No último jogo, quando enfrentou o América, apenas dois jogadores estavam sentados no banco de reservas e um time onde só apareciam Paulo, Djanilson e Geovak sem contar com o extraordinário Zé Neto. O presidente Gilvan garantia que o clube continuaria na ter-

ceira fase do Campeonato porque já havia caminhado com dificuldades até ali e não podia parar porque seria uma vergonha.

No entanto, a grande surpresa do Campeonato continua sendo a aparição de jogadores juvenis, especialmente no América, onde tem surgido vários bons atletas. Alguns deles até tiraram o clube do sufoco na hora da onça beber água como foi o caso de Júlio César no último jogo entre o clube alvirrubro e o tricolor de Currais Novos, quando todos imaginavam amargurar um empate, o garoto foi lá e botou a «menina» na gaveta, sem chance de defesa para o goleiro Souza.

A volta de Nildemes Antunes também é um assunto palpitante e vale um destaque porque sabemos da capacidade técnica do apitador. Foi, ano passado, o grande nome da arbitragem e deverá sê-lo este ano ao lado de outros como César Virgílio. No mais não existe muito o que destacar, mas é bom lembrar, insistir até, que a disciplina entre jogadores e dirigentes contribui bastante para que as rendas venham crescendo. O último ABC e América, com muita agitação provou que não só o comportamento leal e ordeiro de cada um contribui sensivelmente para que tenhamos rendas de bom nível e que venham retirar os clubes do sufoco. É verdade que os dois chegaram em igualdades de pontos e invictos e isso ajudou na agitação. Mas ninguém pode esconder que os dias tranquilos do nosso futebol, que a briga sadia dentro do gramado chame muito mais a atenção do torcedor que as babaquices que alguns costumam fazer.

Fugindo do nosso futebol, as pessoas que me conhecem têm me perguntado bastante sobre o que eu acho da Seleção de Parreira. Minha resposta tem sido bastante curta e com outra questão: «Ele tem uma Seleção»? Claro que não. O Parreira não tem conseguido formar um time. Cada jogo tem uma escalação diferente e única coisa que não mudou e que todos já sabem é que na ponta direita não terá um ponteiro. Por essa razão afirmo sempre que Parreira ainda não tem Seleção e, certamente, não vai ter até, pelo menos, ano que vem.

Seleção é a dos «meninos» no que pese ter perdido a medalha de ouro para o Uruguai. Nunca vi tanto azar quando temos que decidir contra nossos irmãos uruguaios. Embora o gol tenha nascido de uma «carregada» com a mão, o time do Brasil, por aquela partida, não merecia mesmo ter vencido o jogo, mas deveria ter levado a medalha de ouro pelas outras apresentações. Só que isso não deve servir de paliativo. Por seu turno, é bom também que a equipe tenha suas derrotas. Essa Seleção já vem papando alguns títulos nos últimos três anos e isso não é bom para o jogador brasileiro porque o envaidece muito e deixa-o pisando «nos cascos».

RN/ECONÔMICO

SERVIÇOS GRÁFICOS DE QUALIDADE

OFF-SET E TIPOGRAFIA

EIS AS NOSSAS REFERÊNCIAS:

Alpargatas Confeções Nordeste S/A — Sperb do Nordeste S/A
Bompreço S/A — Supermercados do Nordeste
Confeções Guararapes S/A — Petrobrás — Petróleo Brasileiro S/A
Bandern — Banco do Estado do Rio Grande do Norte S/A
Radir Pereira & Cia. — A Sertaneja — Caixa Econômica Federal
Apern - Associação de Poupança e Empréstimo Riograndense do Norte
Cosern — Caern — Telern — Auto Locadora Dudu Ltda.
Sulfabril Nordeste S/A — Texita — Cia. Têxtil Tangará
Tecelagem Texita S/A — Galvão Mesquita Ferragens S/A
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Restaurante Xique-Xique — Nemésio Restaurante
Catre — Viação Riograndense Ltda. — Dentern Ltda.
Transportadora São Cristóvão Ltda. — Joaquim Alves Flor & Cia.
Motéis Tahiti — Dumbo Publicidades e Promoções Ltda.
Herbus Confeções S/A — Eldorado Administradora de Consórcio
Empresa Jornalística Tribuna do Norte Ltda. — Editora O Diário S/A
Apec — Associação Potiguar de Educação e Cultura
Souto Engenharia Com. Ind. Ltda. — Engarrafamento Murim Ltda.
Eit — Empresa Industrial Técnica S/A — Dianorte/Diafil
Cirne — Cia. Industrial do Rio Grande do Norte

RN/ECONÔMICO

Rua São Tomé, 421 — Cidade Alta — Natal-RN
Fones: (084) 222-4722 e 222-8517

VILANÍ VEÍCULOS



O MAIOR PARQUE DE EXPOSIÇÕES DE CARROS NOVOS E USADOS EM CURRAIS NOVOS

Vilaní Veículos tem o maior parque de exposições de carros novos e usados em Currais Novos.

Toda a linha Ford, Chevrolet, Dodge e Volkswagen você encontra em Vilaní Veículos e compra o seu automóvel sem complicações; podendo utilizar o financiamento direto ou da financeira. Os planos de vendas a prazo são os melhores do Seridó.

Na hora da compra ou da troca do seu carro, seja qualquer for a marca, procure quem tem tradição no ramo, melhores preços e é o pioneiro na Região. Procure Vilaní Veículos.



Vilaní Veículos

J. VILANI & CIA.

Rua Teotônio Freire, 44 Currais Novos - tel. 431-2062

EMPRESA BRASILEIRA DE
CORREIOS E TELÉGRAFOS

<input checked="" type="checkbox"/> Mudou-se	<input type="checkbox"/> Ausente
<input type="checkbox"/> Desconhecido	<input type="checkbox"/> Não Procurado
<input type="checkbox"/> Recusado	
<input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente	
<input type="checkbox"/> Não Existe o Nº Indicado	
<input type="checkbox"/> Informação escrita pelo Porteiro ou Síndico	
ou integrado ao serviço postal em	
Em, <u>8/1/85</u>	RESPONSÁVEL VISTO